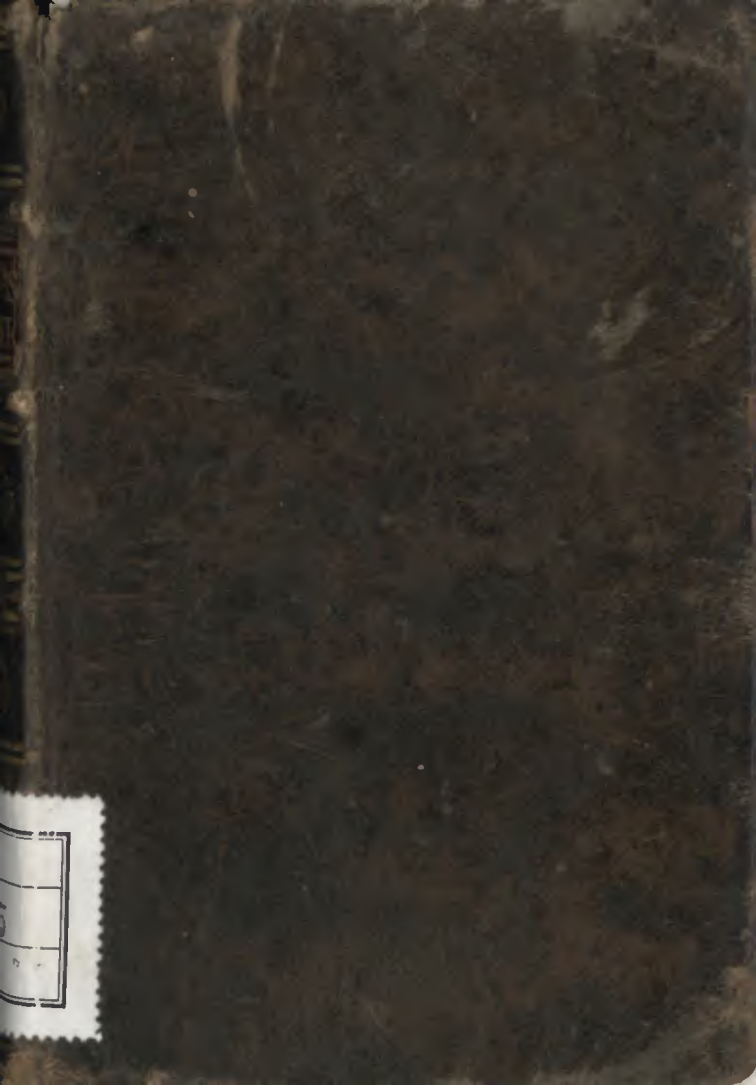


OBRAS
ESPIRITVAES
POSTHVMAS,
do Veneravel Padre
Fr. ANTONIO DAS CHAGAS,
Missionario Apostolico, da Ordem do Seraphico Padre Sam Francisco, da Provincia dos Algarves:

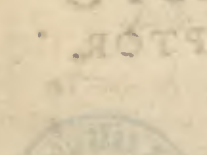
Dedicadas às Chagas de

IESV CHRISTO
NOSSO REDEMPTOR.

BIBLIOTECA NACIONAL
ARQUIVO DAS CONGREGAÇÕES LISBOA

LISBOA.
Na Officina de MIGVEL DESLANDES,
Na Rua da Figueyra. Anno 1684.

Com todas as licenças necessarias.



LISBOA.

AS SANTISSIMAS

CHAGAS

de Noſſo Senhor

IESV CHRISTO

DEDICATORIA.

NAM ſey (Soberano Senhor) a quem melhor ſe dedicaſſem os affectos de huma Alma tam abrazada em voſſo amor, como a do voſſo Servo Frey Antonio das Chagas, ſenão a voſſas Divinas Chagas; para que ſervindolhe de Eſcudo contra a ſemrazam do Mundo, pudeſſem ſahir a luz a prègar

de novo a vossa doutrina: justa he a razão de minha offerta, que a não ser assim, errára, pois por divida a vòs se deve esta Dedicatoria, jà que vossa he tambem a empreza. De vossas Divinas Chagas sahirão estes Discursos, cõmo rios desse mar de misericordias. E se o Sabio Rey disse, que se recolhião outra vez os rios para onde sahirão: Flumina unde exeunt, revertuntur; quem duvida será divida à vosso sagrado Peito, os affectos daquella Alma? Em vossas Divinas Chagas aprendeu o vosso Servo esta doutrina, quãdo pregado em vossa Sagrada Cruz fostes Divino Mestre; q̃ de Cadeyra ensinastes, segundo disse Santo Agustinho: Crux Christi non solum lectus est morientis, sed & Cathedra docẽtis. E assim a vòs mesmo dedica outro mais indigno servo este Volume. Por duas razoens o deveis (Senhor) de patrocinar, sendo o melhor escudo contra a censura. A primeira, pela materia; a segũda, por seu Author.

Pela materia; por serem Meditaçoens do Espirito, a quem servis de objecto, que dando

dando vozes voſſo precioſo Sangue neſſe Divino Lado, eſtá clamando contra a ſemrazaõ de ingratos. Sinco foraõ as Divinas Chagas, que vos abrio o odio, encravando voſsos Sagrados Pès, & Maõs com duros cravos, que entaõ ficàraõ mais doces, quando vos uniraõ à Arvore da Cruz, donde emanou noſsa Redempçam, ſendo a quinta a lançada, entaõ mais cruel, porque ferio o Peito, onde reſidia o Amor. E ſe naõ faltou quem diſſeſſe, que foraõ Bocas por onde clamaveis, Divino Abel, o perdaõ de noſſas culpas; eſtas ſaõ as Vozes, *que hoje daõ eſſes duros golpes, que vos abrio o odio. E ſe o Coraçam aberto publicou com finezas o Amor, com que nos amaſtes, agora deſta fragua os incendios lançam em voſſo obſequio amoroſas* Faiſcas. *E ſe vòs todo foſtes o* Eſpelho *mais criſtalino de noſſa Alma, como notou o Venerabel Drogo Hoſtienſe:* Feciſti Domine de Corpore tuo ſpeculum animæ meæ: *aqui fez o Author neſte ſeu Volume hum Retrato daquelle Eſpelho, em que viſſemos todos o noſſo Eſpirito: Com razam digo logo (meu Deos, &*

meu Senhor) que o deveis amparar, pois sois o Original desta Copia. E quando não retrate bem o Prototypo, vós o emendey, Senhor, dandolhe melhores sombras de vosso amparo, & tirandolhe as máculas de nossos vicios.

Pelo Author tambem vos occorria o patrocinio: foi elle tam zeloso de vossa gloria, que dezejou reduzir o Mundo a vosso Amor, nas continuas Missoens em que andava, tomando para sy por glorioso timbre as Sinco Chagas, que então lhe derão o melhor nome, quando amorosamente em Espirito se crucificou comvosco, bem imitando ao Pay Seraphico, a quem destes por Armas o melhor Escudo. Já vinha muito de longe a obrigaçam de servirvos com tam heroico zelo, pois se via prendado com tam illustre Brazão. Forão pois as Chagas o Escudo, com que pelejou contra os inimigos da Alma, Mundo, Diabo, & Carne, alcançando com vossa Divina Graça tantos triumfos, quantos forão os combates. E se entam fostes vigilante Argos de sua consciencia, servindolhe de muralha contra o Inferno; certo

to he (Senhor) que nam faltareis agora a voſsos devotos, illuſtrandolhe o entendimẽto com voſsos auxilios, para que ſeguindo os paſsos deſte Eſpirito, abracem as doutrinas deſte Volume; & abrazados em Divina Charidade, sò a Vós ſuſpirem, com voſso Servo, & Martyr Ignacio, com aquelle meſmo affecto, com que por vòs ſuſpirou: Amor meus Crucifixus eſt.

PROLOGO.

FOi eſtylo muito obſervado dos Antigos, aos Varoens Illuſtres, que lhes roubava a morte, levantarlhes Eſtatuas, eternizando ſuas memorias, para q̃ como em ſumptuoſo throno ficaſſẽ nas azas da Fama renaſcidos Phenices das pyras de ſeu amor mais immortaes; deſpertando com a preſença deſtas imagens aos vindouros, que ſegundo o exemplo de ſeus prototypos, treſladaſſem muito ao vivo em ſy meſmos o Exẽplar, que lhes propunha o affecto dos que os retratavão. Bem o teſtemunhão os Athenienſes, no obſequio com que ao ſeu Demetrio levantàrão em candidos Iaſpes trezentas & ſeſſenta Eſtatuas, repetindo nas figuras o exemplar para a imitaçam; os Lacedemonios com Pauſanias, cuja ima-

imagem collocàrão publicamẽte em duros Marmores ; os Sicilianos cõ Opião, de quem delineàrão multiplicadas copias em incorruptos Bronzes, reſtituindo vivos à lembrãça dos q os veneravaõ, aquelles Heroes, que lamẽtávão defuntos.

Seguindo pois (devoto Leytor] eſte tam digno eſtylo, como piadoſa veneraçam dos Sabios, julguei acertado offerecerte [por Copia do Varão Apoſtolico, & inſigne Meſtre de Eſpirito Frey Antonio das Chagas, cujas memorias reſidem ainda vivas para o ſentimento] eſte breve Volume, que apenas de ſeus eſcritos pude colher, tam digno pela materia que trata, como pelo Author, que a compoz ; onde vejas tresladado ſeu Eſpirito neſte Compendio, & admires, como ainda vivo, aquelle zelo, com que ſempre te exhortou, qual o Eſpirito, naõ digo de hum Elias, que a hum ſó Elizeu ſe communicou, mas de hum Moyſes, de quem Deos Senhor Noſſo repartio cõ muitos, a quem o deu: *Auferam de ſpiritu ſuo, tradam-*

damque eis; porque o ardente affecto, cõ que amava seu Senhor, naõ se exhaurio na communicação de muitos, ficando mais vigoroso, quanto mais communicado.

Nam de outra sorte, deste Servo de Deos o Espirito, entam mais se augmenta nestes ardores do Divino Amor, quãdo o seu desvello melhor se cõmunica; por isso se divide este Volume em quatro Tratados, para q̃ servindote de despertadores à Alma, dirijas os passos de tua vida para o summo Bem. No primeiro veràs huma *Semana Espiritual*, onde te dicta seu Author huma liçaõ de Prima para a Meditaçam, para que estudando nella os pontos de tua salvaçam, te gradùes com a laureola do conhecimẽto de Deos. No segundo, huma liçam de Vespora nas *Vozes do Ceo*, com que te falla, em que conheças, que tens muito aos ouvidos de tua consciencia as inspiraçoens Celestes, que te admoestaõ à emenda de tua vida, para que no discurso desta, te levantes do lethargo da culpa, & despertes aos auxilios

xilios da Graça. E porque, se seguindo os documẽtos santos que te ensina, acharesabrazado o coraçam em affectos, te offerece desta divina fragua as *Faiscas do Divino Amor*, em que te acendas. E se ainda como escrupuloso de tuas imperfeiçoens, temeres apparecer diante sua Divina Magestade, vete, & revete no *Espelho do Espirito*, onde comporàs os defeitos; que se os Philosophos dispuzeraõ, que trouxessem todos nas maõs, como espelhos em que se vissem, aquellas letras, onde lia cada hum o conhecimento proprio de sua natureza: *Nosce te ipsum*; nas maõs, & ante os ôlhos te importa (ò prudente Leitor) ter este Livro, q̃ he o mais cristalino Espelho, a que se ha de compór tua consciencia.

Se em vida de seu Author tanto te desvellavas por ouvir sua doutrina, dàlhe agora tambem atençaõ, pois te vem prègar a tua casa: naõ imagines, que a morte lhe suspendeu a voz, com que prégava, pois ainda lhe reservou o Espirito, cõ que te exhorta; que se Sam Paulo dizia

aos

aos Hebréos, que Abel defunto ainda fallava: *Abel defunctus adhuc loquitur*, só porque o sangue clamou; deste Servo de Deos, o Espirito ainda não sossega, pois ainda te clama: tirou a morte à lingua o vital alento, com que prègava, mas invêtou seu Espirito outra melhor eloquencia nas vozes do Ceo, com que te exhorta.

Este Volume (Leitor amigo) sahe hoje a luz, fiado no puro de sua materia, & no qualificado de seu Author, nam incorrerá a censura, que os mais incorrem; & quando aches que notar nos quilates deste ouro algũas fezes, seja contra quẽ to offerece, a censura; que como obra posthuma, naõ duvído lhe falte a perfeiçaõ, com que nasceu das maõs de seu Author, & que como tam exemplar, seria erro da ingenuidade deixar entre as cinzas frias do sepulchro tam vivos incẽdios daquelle Espirito. E assim para mayor gloria de Deos, naõ passes só pelos olhos de tua curiosidade este Livro, sem q̃ a consciencia o medite, mas antes com repetidos

affe-

affectos louva o ſoberano Senhor, que aſſim te falla por ſeus Iuſtos, dandolhe aquelle louvor, com que Sam Boaventura engrandece aquella Lingua do noſſo Portuguez, em Padua: *O lingua benedicta, quæ Dominum ſemper benedixiſti, & alios benedicere docuiſti: nunc perſpicuè cernitur, quanti meriti ſueris apud Deum.*

Vale.

LICENÇAS.

Censura do R. P. M. Fr. Bento de Santo Thomás, da Ordem de S. Domingos.

LI este Livro, & nelle as Obras Espirituaes posthumas do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas. Colhese das flores, quando seccas a seminal virtude, que já incluiam animadas; encobrião esta virtude humildes, que de outro modo deixarião de ser flores. Pagou o Veneravel Author desta Obra posthuma o tributo cõmum: flor fecunda o graduou o Amor de Deos, que em seu coraçaõ recolheo, naõ só para singularizada em hum cubiculo, mas para communicada no pulpito: agora, depois de secca a flor, huma louvavel providencia propoem á todos nesta saudavel doutrina, arte para se colher depois da morte esta virtude, que a humildade recolheo na vida, & agora será de outras

flores

flores propagadora. Com a lição della as almas poderão no Amor do Senhor Jesus abrazadas florecer a elle para igual sorte unidas. Pelo que sobre não conter esta Obra cousa alguma, que encontre nossa Santa Fé, ou bons costumes, me pareceo muito digna de toda a luz. S. Domingos de Lisboa, 27. de Agosto de 1683.

Fr. Bento de Santo Thomás.

Censura do R. P. M. Fr. Manoel da Graça, da Ordem de N. S. do Carmo.

VI este Livro, intitulado, *Obras Espirituaes posthumas do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas*: & não só não achei nelle cousa dissonante à nossa Santa Fé, ou opposta aos bons costumes; mas me pareceo mui conducente para toda a pia, & perfeita devoção, porque tudo o que nelle ha, excita as Almas dos Fieis ao desprezo do mundo, ao Amor de Deos, & ao melhor augmento das mais necessarias virtudes. Convento do Carmo de Lisboa, 9. de Setembro de 1683.

Fr. Manoel da Graça.

Vistas

VIstas as informaçoens, pòdemse imprimir as Obras, de que esta petiçaõ faz mençaõ: & depois de impressas tornaràm para se cõferir, & dar licença, que corraõ, & sem ella naõ correràm. Lisboa 14. de Setembro de 1683.

Manoel Pimentel de Sousa.
Ieronymo Soares.
Ioão da Costa Pimenta.
Bento de Beja de Noronha.

POdemse imprimir as Obras, de que esta petiçaõ faz mençaõ. E depois tornaràm para se conferirem, & se dar licença para correrem: & sem ella naõ correràm. Lisboa 14. de Outubro de 1683.

Serraõ.

Censura do R. P. Fr. Ioaõ da Apresentaçaõ, da Ordem de Sam Francisco.

SENHOR.

PO mandado de Vossa Magestade li este Livro, intitulado, *Obras Espirituaes posthumas do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas, Missionario Apostolico,*

lico, & Filho da Santa Provincia dos Algarves. E nelle se deixa bem ver, q̃ passou o fervor do seu espirito, onde não pode chegar algum encarecimento; porque aqui acharàm os tibios devoçaõ, os cegos claridade, os ignorantes documento, os relaxados reforma, & os grosseiros discriçaõ. A Obra sobre ser heroica, he santa, & onde não ha palavra, q̃ não seja huma joya, nam tem lugar a censura: *Quot verba invenio, tot gemmea munera nosco.* Antes porque merece todo o applauso, pelo devoto, & agudo do estylo, sou de parecer que deve darse à estampa, para q̃ veja o mundo nestes seus characteres, que ainda depois de sua morte, nos intima o zelo que teve da salvação das almas, & reformação dos costumes, no tempo de sua vida. Vossa Magestade fará o que mais conveniente for a seu Real serviço. Sam Francisco de Lisboa 22. de Outubro de 1683.

Fr. Ioaõ da Apresentaçaõ.

Que

QVe se possa imprimir, vistas as licẽças do Santo Officio, & Ordinario: & depois de impresso, tornará a esta Mesa, para se conferir, & taixar: & sem isso naõ correrá. Lisboa 23. de Outubro de 1683.

Roxas. Lamprea. Noronha.

VIsto estarem conformes com o seu Original, pòdẽ correr estas Obras Espirituaes posthumas de Frey Antonio das Chagas. Lisboa 18. de Ianeyro de 1684.

Manoel Pimentel de Sousa.
Manoel de Moura Manoel.
Ieronymo Soares.
Iõão da Costa Pimenta.
Bento de Beja de Noronha.

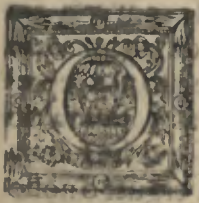
TAixão este Liuro em sete vinteins & meyo. Lisboa 18. de Ianeyro de 1684.

Roxas. Lamprea. Noronha. Marchão. Azevedo.

SEMANA ESPIRITVAL,

PELO VENERAVEL PADRE

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS.



O Horto de Gethsemani he figura da perfeita Oração : Gethsemani quer dizer Valle de abundancia, porque pelo valle da humildade, & pela abundancia da Charidade morreo o Senhor por nós ; desceo dos Ceos à terra pela humildade, com que se unio à nossa natureza, & depois de unirse comnosco, su-

A bio

bio pela Cruz ao Ceo, para nos coroar de gloria: por isso para que nos comecemos a unir com Deos, he necessario entrar no Horto da Oração, descermos nella com humildade ao valle da nossa miseria, onde fertilizando esta terra, de que somos feitos, com abundancia de amor, & lagrimas façamos por meditar, & dispornos para a Cruz, sem a qual não sendo semelhantes a Christo, não poderemos subir aos Ceos, & ser dos seus Predestinados.

Primeiro que tudo se ha de fazer costume da Oração, assim como fazia o Senhor, para que este costume se faça natureza, & a natureza se converta em graça, subindo deste valle de lagrimas ao monte da eterna Paz, que isso nos representa o Monte das Oliveiras, figura do Ceo, aonde pela Oração [que he subida da mente a Deos] se ha de erguer o nosso pensamento.

Deve a Oração, quanto for possivel, ser reverente, pois o Senhor orou de joelhos. Deve ser solitaria, pois não só

buscou o Senhor a solidão, mas para ficar mais sò, se apartou daquelles Discipulos, que comsigo tinha levado. Deve ser Devota, isto he, huma promptidão, & não aquelle gosto sensivel, cõ que havemos de louvar a Deos, ainda que [como diz Sam Pedro de Alcantara) com as consolaçoẽs do Senhor cresce a devoção, em que consistem as azas, com q voa o espirito. E finalmente para ser perfeita, ha de constar de tres cousas, que nos deu o Senhor nas tres vezes que se poz à Oração; isto he (como diz a Glosa) Principio, Meyo, & Fim. Principio, na fé cõ que havemos de conhecer a Deos, & no conhecimento que havemos de ter de nòs. Meyo, na esperança que havemos de ter na amizade de Deos, ajuntandolhe as boas obras. Fim, na gloria de Deos, fazendo tudo por seu amor, & em negação de nossa vontade.

Foy o Senhor via no exemplo, verdade na doutrina, vida no premio. Se queremos gozar os premios, a que esta vida nos convida, convem que aprendendo

esta doutrina, imitemos o seu exemplo. Nas suas acçoens acharemos o Norte, a Estrada que seguramente nos leve, & acertadamente nos guie. Na sua verdade a certeza de chegarmos à perfeiçam quanto fugirmos da mentira das falsas promessas do seculo. E nos passos de sua vida os passos da Eterna Gloria, que elle sò tem aparelhada. Para o que por via direita, cada huma destas acçoens, q elle obrou em sua Payxão, nos ha de occupar toda a hora, ou tẽpo que orarmos, porque se se não esmeução bem, não lhe dámos bem na substancia. Necessario he cavar bem a terra, para que se ache a mina; & porque à flor da terra sò, quando muito se achão flores; a comida que não vay bem mastigada, não pòde ser bem digerida, nem proueitosa à natureza: as perolas no fundo do mar se pescão, & não em sima da agua; por isso nos não cançaremos em orar, & meditar de hum folego toda a Payxão junta. Toda hũa noite gastou meu Padre Sam Francisco, sem cuydar mais que em duas palavras: *Meu Deos*

Deos; & todas minhas cousas. Santo Agustinho passou muito tempo sem formar mais que dous conceytos: *Senhor, conheçavos eu a vòs, & conheçame a mim.* Gregorio Lopez passou nove annos, sem dizer em sy mais que isto: *Senhor, façase em mim vossa vontade.* O nosso Sam Diogo quasi toda a vida não teve outra Oração, abraçandose com a Cruz, mais que estar em acto continuo do amor de Deos, dizendo: *Amor meu, Amor meu.* E de Santo Isidro se conta, que por ser rustico em extremo, não dizia a Deos outra cousa, mais que estas breves palavras: *Dios mio, si tubieras ganado, yo te lo guardàra de gracia.* E esta he a altissima Oração, estar sempre em continuo acto de amor de Deos, sem affligir o entendimento com discursos demaziados, que às vezes deyxando vaidade gastão o tempo de vontade em superfluas meditaçoens, ou cuydados de pouco fruto. Servese Deos dos coraçoens, muito mais que das imaginaçoens: quer as victimas abrazadas, ainda que com menos enfeite se apresentem

nos seus altares; toda a maquina de discursos sò entaõ serà proveitosa, quando sirva de nos mover, ou por vernos em sequidaõ, ou qualquer outra enfermidade que padece às vezes o espirito.

Divido por horas estes exercicios, para que em cada hũa aprendamos, ou observemos as virtudes, que exercitou o Senhor, em que nos havemos de empregar por algum de sinco effeitos, ou por todos: Ou para imitar a Christo; ou para nós compadecermos de seus tormẽtos; ou para admirarnos nelle de sua Bõdade; ou para nos transformarmos nelle: ou finalmente para descançar nelle o espirito suavemente. Se o imitamos, seguimos o caminho das virtudes, em que o Senhor foy exemplo, & começamos de gostar de Deos, folgando de ser affligidos. Se nos compadecemos de Christo, evitamos aquellas culpas, porque elle morrèra outra vez se acaso fora necessario, & pomos nelle o amor, que tiramos do mundo. Se nos admiramos do que fez Christo por nòs, naõ nos admiremos

de

de fazer muito por elle. Se nos transformamos em Christo em uniaõ mais conforme, he certo que morrendo a cârne; fazemos já vida do espirito. Somos já filhos de Deos, & hũa mesma cousa com elle. E se dentro nelle moramos, & aquietamos nossas almas, chegamos àquella Bemaventurança, que pode darse nesta vida, morando em Deos, & andando em Deos, vendo todas as cousas nelle, & a elle em todas as criaturas; vivendo pela sua vida em virtude da sua uniaõ, querendo por sua vontade, & entendẽdo por seu entendimento.

Mas como nem todos tem Oraçam continua, nem facilmente a pòdem ter, & meditar todas estas Horas, & tal vez nem huma só atè os que tem algum espirito, se obſervando as virtudes, que contèm cada hum dos dias, ou cada hũa das horas, nos guardamos do que he contra ellas, teremos verdadeyra Oraçaõ, & terà muito mais util, que outras muitas meditaçoens. Tambem bastará para nos desculpar com Deos, quando naõ possamos

orar, dizer dentro de nòs, em qualquer occupaçaõ que tenhamos: *O meu Iesus eſtà no Horto, ou Coluna, ou no Calvario; & eu eſtou jugando, comendo, rindo, paſſeãdo, ou peccando, &c.* conforme o que eſtiver fazendo.

Finalmente he o Horto figura da Oraçaõ, onde os que tem verdadeyro eſpirito oraõ, & ſe reſignaõ na vontade de Deos, como Chriſto: os deſcuydados vaõ a durmir como os Apoſtolos: os que tem o coraçam nos intereſſes do mundo, vão a vender a Chriſto, como Iudas; os que nam entram na caſa de Deos, mais q a offendello, vaõ a buſcallo como a cohorte. Eſta he a figura dos ſeculares, que quando vaõ à caſa da Oraçaõ, parece que vaõ armados, & aparelhados só para fazer deſacatos a Deos. Iudas he figura dos maos Sacerdotes, que pondoſe Deos nas ſuas maõs, elles com falſos oſculos de paz daõ final ao Demonio, de que o meſmo Deos anda com elles vendido. Os Apoſtolos, figura dos homẽs eſpirituaes, que por deſcuydos, & omiſſoens não fazem

zem de todo a vontade a Deos no mayor grao da perfeiçã o. E Christo verdadeiro Original dos perfeitos filhos de Deos, q a pezar das tribulaçoens, & miserias da natureza, sempre estaõ promptos com o espirito para a vontade do Senhor. Quem pois quizer aproveitarse destes exẽplos, saberà, se na Oraçaõ serve ao corpo, ie ao espirito, à natureza, ou à graça, ao mundo, ou a Deos.

SEGVNDA FEYRA.

MATINAS.

CVydarey q o meu coraçaó he Horto, aonde o meu Senhor vem a orar; & enamando a minha Vontade, Memoria, & Entendimento, para que apartados dos mais sentidos, como Sam Pedro, Sam Diogo, & Sam Ioaõ, dos outros Discipulos de Christo, me manda o Senhor

nhor vigiar, & ter oraçaõ, & pedindome que o acompanhe na agonia, & triſteza que o afflige, & melanconíza, parecermeha que todo anguſtiado, & cheyo de lagrimas, & penas, tomandome nos braços da alma, me diz eſtas palavras brandamente: Filho, eu aqui eſtou ſó, & dezemparado, & poſto neſta ſolidaõ, ſem haver quem falle comigo, nem quem me queira pòr os olhos, peçote pelo meu amor, que vires para mim o teu roſto, & o teu coraçaõ & que pois te chamo, & te buſco, me naõ dezempares tambem, deyxandome neſta triſteza, neſta afflicçam, neſta agonia, com que vejo perder o mũdo por naõ querer eſtar comigo, fugindo da minha preſença, como da do Demonio: mas como tu tambem, meu filho, te naõ atreves a aturarme, & eſtàs morrẽdo por fugirme, por ventura aborrecete de que eu te chame, & peſate de eu eſtar comtigo? Enfaſtiate o meu amor? Enfadaſte da minha viſta? Pois ſabe de certo, que menos quero eſtar no Ceo, q̃ no teu coraçaõ, & que me agrada muito menos

nos a companhia dos Anjos, que verme em tua companhia.

Em lhe escutando estas palavras, com huma ancia muito de coraçaõ, com hum amor muito entranhavel, posto a seus pès, ou nos seus braços, farey por gastar todo o tẽpo, q̃ destinar para esta hora, em hum vivo movimẽto da alma, & em que a memoria se perca por sua vista, o entẽdimento se pasme em seus beneficios, & a vontade arda em seu amor, dandolhe as graças de chamarme, & pedindolhe, que me naõ deixe, nem largue da sua maõ.

O fruto desta hora serà, conhecer a vocaçaõ, com que o Senhor me trouxe à sua casa, & escolha que fez de mim para andar em sua presença pela virtude da Oraçaõ, contra quem (mais que em outra parte) mostrando no Horto os inimigos do Senhor, que se armavaõ para o tirar della, & saberem que este he o meyo mais efficaz da salvaçaõ, & de quem mais se teme o Demonio: fazendo pois conta que me naõ convem deyxar só ao meu Deos, nem dezemparar ao meu Senhor, que

que gosta de que eu o acompanhe, farey muito por ter grande amor ao silencio, & solidaõ, pois só assim acho ao meu Deos. E apartandome naõ só dos homens, mas atè dos meus proprios sentidos, naõ durmirey [sobre a vigia que me convem ter na Oraçaõ) por naõ arriscarme a que me prendaõ o Mundo, o Diabo, ou a Carne, que no Horto da Alma me cercaõ, nam querendo por hum alivio, q os sentidos me podem dar, pòrme em perigo de cahir, & de que se queixe o meu Senhor, de que eu o deyxo a olhos vistos. E cõ isto exercito a abnegaçam de mim proprio, que he hũa das mayores virtudes, que andaõ na presença de Deos, que he o mayor de todos os bens.

LAVDES.

Vigilate, & orate, ut non intretis in tentationem.

CVidarey como estando durmindo os Discipulos do Senhor no Horto,

to, elle os veyo a dispertar, avisandoos, que vigiassem, porque não entrassem em tentação; & isto não hũa, mas muitas vezes.

Considerarey os grandes beneficios, que devo a Deos, & as graças que lhe devo dar, pois sendo tentação toda a vida, que passo sem orar a Deos, & sem me unir com o Senhor, como quem sente os meus descuydos, & lhe vay muito em minhas faltas, me desperta a todas as horas, me avisa a todos os momentos, & me acorda a cada minuto com os dictames interiores, a que eu resisto tantas vezes com divinas inspiraçoens, de que eu lhe fujo cada instante, & com as memorias de sua Payxão, de que eu me esqueço cada dia.

Será o fruto desta hora o conhecer, que o ter Oração he beneficio do Senhor, que he seu sentirme com espirito, que he meu verme com froxidão; que subir ao Horto he favor seu, que durmir nelle he obra minha. E por isso considerarey, que nem por verme na com-

pa-

panhia de Deos, que he só de quem me vem o amparo, a sufficiencia, & remedio; & finalmente pedirlhehey, que pois hum Sam Pedro, fundamento da sua Igreja, se descuydou; que pois hum Sam Icão empregado de seu amor se esqueceo; que pois hum San Tiago escolha de sua vontade se divertio, que isto em todos foi o dormir, & todos houverão mister que o Senhor viesse acordallos; que me perdoe os meus descuydos, & que esperte os meus esquecimentos, & me acorde com seus auxilios, pois parece que me desculpa ter sido o homem mais perverso, ser hoje o filho mais ingrato, & sempre o servo mais inutil.

PRIMA.

Avulsus est ab eis.

CVidarey, que o Senhor logo q̃ poz no Horto seus Discipulos, & lhes encomendou que orassem, se afastou delles, metẽdose pelo mais interior do Horto.

Con

Considerarey, que quando Deos nos traz mais comsigo, & nos sobe a mayor Oração, ou porque fia mais de nòs, ou porque de nòs não fia muito; se afasta de nòs muitas vezes, apartando a consolação, o espirito, ou a suavidade, que achamos na sua presença; & como então, & só se conhece quem he seu verdadeyro Discipulo, necessario he que neste tẽpo nos offereçamos muito mais, para que com qualquer penedo rebatamos as ondas ao mar do mundo; & como tronco exposto aos ventos, nos não mova o ar da vaidade, conhecendo que està Deos tam longe de nos deyxar, quando se afasta, q̃ então metido mais por dentro se nos mostra amigo mais intimo, porque o busquemos no centro da Alma.

Serà o fruto desta hora a vigilancia sobre nòs com a mortificação dos sentidos, pois podemos nesta afflicção, que he prova mais que dezemparo, perder em hum fechar de olhos tanto como podemos recear de Deos em desabrir a mão.

TER-

TERÇA.

Et factus in agonía prolixius orabat.

CVidarey como representandose ao Senhor, tudo o que havia de padecer pelos homens, quantos hauião de cõdenarse ao Inferno, & desprezar a sua Gloria, quam poucos seguir o seu exemplo, & aproveytarse de seu amor, foi posto em muy grande agonía, & nella com mais efficacia orava a seu Eterno Pay.

Considerarey, que nos males, & tribulaçoens, não se ha de perder o animo, ainda que se perca o alento, nem se ha de desmayar o espirito, ainda q̃ se desmaye a Alma: antes então com mayor causa chegarnos para o nosso Deos, dandolhe por tudo muitas graças; porque se da sua mão recebemos as obras, os males porque os não receberemos? O Senhor dá, o Senhor tira, & por tudo deve ser bendito, & não nos faz nisto semrazão, pois elle he Senhor de tudo.

Será

Serà o fruto desta hora buscallo com grande igualdade, assim no mal, como no bem, pois nòs não temos outro Pay, outro Senhor, nem outro Amigo; pois sabemos que muitas vezes nos chama pelas tribulaçoens, para que vendo nossa miseria, o engano dos bens do mundo, não queyramos ter outro bem mais que orar, padecer, & mais padecer, atè que o orvalho do Ceo desça a fecundar a terra, & as sequidoens se ão suavidades, conhecendo que este he o tempo, em que mais contentamos a Deos; porque caminhar entre flores de regallo, & não merecimẽto, mais he hir por espinhos, & abrolhos. Este he o amor, esta a constancia.

SEXTA.

Non mea, sed tua voluntas fiat.

CVidarey como o Senhor nesta afflicção dizia a seu Eterno Pay: Meu Pay, & meu Senhor, se não he possivel, que se escuse este Caliz de minha

morte, aqui eſtou, façaſe a voſſa vontade, & não a minha.

Conſiderarey, que ſe o Filho de Deos, o Morgado do Ceo, o Senhor do Mundo, & o Principe da Gloria, ſó havia de fazer a vontade a Deos, quando padeceſſe no Mundo, & nelle foi anguſtiado, crucificado, & afrontado, que farà hum bichinho da terra, que hontem foi nada, hoje he tam pouco, à menhaã menos, & ſo pòde ſer alguma couſa, quando pondoſe nas mãos de Deos, ſe reſigne na ſua vontade.

O fruto deſta hora ſerà a Reſignação, que aprenderemos do amor de Deos, ſabendo que neſta virtude ſe acquire a perfeição de todas; pois ſe nella não declinarmos, ainda neſta vida com ella gozaremos aquella paz do Eſpirito, & aquella Bemaventurança da Alma, com que em tudo ſe acha repouſo, em tudo gloria, em tudo merito.

NOA

NOA.

Apparuit autem illi Angelus de Cælo, confortans eum.

CVidarey, como estando o Senhor suando gotas de sangue, naquella penoza afflicção lhe apareceo hum Anjo, que o confortou, dizendolhe o pouco que lhe havia de durar a pena, o muito que havia de importar a morte, a gloria que com seus merecimentos havia de dar aos Santos do Ceo, o exemplo que lhe deixaria na terra, o amor que mostraria aos Homens; & em fim, que assim executava o Decreto de Deos.

Considerarey quanto devo suar no serviço de meu Senhor; quanto deve nas lagrimas dos meus olhos verse o suor do coraçã), pois o Filho do Eterno Pay, o mimo da Bemaventurança, a delicia da mesma Gloria, nas tribulaçoens do mundo, de todos seus poros fez olhos para fazer de todo seu Sangue lagrimas, tẽdo

por certo, que não ha de faltar o Senhor com a consolação aos affligidos, ainda que goste às vezes de os dilatar na tribulação, para lhe acrescentar a graça, & o merecimento, & que ha de vir o Anjo de Deos, se perseverarmos em seu amor. E quando isto não fora assim, ainda assim nam forão dignas todas as payxoens do seculo, de alcançar a gloria que se nos promete no Ceo.

Será o fruto desta hora, a esperança nas misericordias do Senhor, com quem na presente vida não temeremos a hora da morte, & entre mil suores de morte nos dará gosto o fim da vida.

VESPERAS.

Amice, ad quid venisti.

CVidarey em como o Senhor, sabendo que Iudas o vinha entregar, o foi esperar, & lhe chamou Amigo, perguntãdolhe a que vinha, para que confessandoo elle, & arrependido, ficasse logo perdoado. Nesta

Nesta consideração se nos rasgarão logo as entranhas com amor, & admiração ver qual he a bondade daquelle Diviníssimo Pay; & se verà cõ quanto amor abraçarà aos que o buscarem, se busca aos que o entregão, & chama amigo aos que o vendem; que chamarà aos que o adorão; pois parece que as entranhas de Iudas se derramárão pela terra, em castigo de se não verterem pelos olhos em lagrimas, à vista de hum amor, que lhe mostrárão hũas entranhas de misericordia. Considerarey tambem, que o Senhor me pergunta a que vim ao mundo? a que vim à Religião? aos officios? às dignidades? às fortunas? aos infortunios? à graça, & à natureza?

Será o fruto desta hora, ter hum grãdissimo amor a Deos, cuja bondade incomparavel mais aborrecivel fez a nova culpa, pois atè no tempo das offensas nos poem diante o seu amor, para envergonhar nossa ingratidão, & confundir nossa maldade. Por isto em tudo o que fizer, cuidãdo que vim só a amallo, & servillo,

& a obedecello, andarey sempre dizẽdo: Meu Pay, meu Deos, & meu Amigo, vòs meu amigo, & eu fugindo de vós? vòs meu amigo, & eu vendendovos? vós meu amigo, & eu afrontandovos? Eu ao mũdo vim a servirvos; á Religião a obedecervos; & em fim a adorarvos: isto só quero, & só procuro; nem vós queirais, meu Senhor, que outra cousa queira nũca, mais que fazer vossa vontade.

COMPLETAS.

Hæc est hora vestra, & potestas tenebrarũ.

CVidarey como os Soldados, que acompanhavão a Iudas, prendérão ao Senhor, & elle se deyxou maniatar, & arrastar atè casa de Anás, com aquella mansidão, & humildade de q̃ tanto se prezou sempre.

Considerarey quantas vezes o Senhor ainda hoje se deyxa atar as mãos a sua Iustiça, & a sua Omnipotencia; deyxandose levar na noite de nossa cegueyra do po-

poder das trevas da culpa, que se oppoẽ à luz da Graça: quando depois de nos fazer cahir na razão [que isto foi ô fazer cahir por terra a cohorte] nos levantemos contra elle, não sò tomando o Ceò com as mãos, mas pondoas sacrilegamẽte no Cordeyro do Senhor, de que se segue endurecerſenos o coração, como a Pharaô no Egypto; & não reparar, nem ver com esta cegueyra, que a offensa, que fazemos a Deos mayor, he fazello concorrer na sua mesma offensa, concorrendo como causa universal em todas nossas acçoens, donde o levamos arrastado, maniatado, & afrontado, atè que chegando ao Tribunal da Divina Iustiça, nos desterra da luz eterna, pondonos para os sempres dos sempres nas escuras trevas dos Infernos.

Serà o fruto desta hora, ter hum grãdissimo odio aos vicios, pedir a luz da sua Graça, para que vendo que eramos trevas em quanto estavamos na culpa pelo poder do Demonio, não nos atrevamos contra Deos, a quem não devemos

atar as mãos, pois ellas nos fizerão, & dellas esperamos, que se abrão cada dia para deytarnos sua benção, & enchernos de misericordias, para nos ter da sua mão, & para que pondonos nas suas mãos, nellas se entregue o nosso Espirito.

TERÇA FEYRA.

Coluna.

MATINAS.

A planta pedis usque ad verticem capitis non est in eo sanitas.

FEchadas as portas dos sentidos, metermehey todo dentro na alma, onde correndo a cortina aos segredos do meu coração, verey que elle he a Coluna, em que o Senhor està atado com asperas, & duras cordas; & chegandome maviosa-

samente a elle, olharey com olhos da alma, o estado em que o puzerão minhas maldades; & vendoo cuberto de sangue, & feito hũa chaga viva, morto de frio, & cheio de afrontas, para ver este espectaculo admiravel, & lastimoso, me assentarey muy perto delle, & lhe direy estas palavras, ou as que me ensinar o Espirito.

Meu Deos, meu Pay, & meu Senhor, quem vos chegou a pòr neste estado, que mãos, que alma, ou que penedo se atreveo contra vòs assim? A vòs immensa fermosura, infinita misericordia, bondade nunca encarecida? Que bruto, fera, ou demonio teve tamanho atrevimento, que em vòs chegasse a pòr as mãos? Se dessas mãos, meu Senhor, & Criador, que fizerão o Ceo, & a Terra, qualquer que fosse foi feitura; pondeme, meu Deos, os vossos olhos, que aqui vos venho a acompanhar, & daqui me não quero hir em quanto me quizeres comvosco, & em quanto vos tiver comigo. E se ouvindolhe estas palavras, me deyxar o amor,

o amor, ou as lagrimas eſcutarlhe o mais que me diz; parecermeha que elle muy amoroſamente me conta a grande afronta, que lhe fizerão os meus peccados, antes de o atar à Coluna, em ſerem as peſſoas, que o deſpirão, & o deyxàrão nú, fazendolhe mil dezacatos, & zombarias.

Serà o fruto deſta hora, que o cometer eu neſte mũdo tantas laſcivias, deſcompoſturas, & todas as maldades, que cõtra a honeſtidade ſe cometem, nenhũa outra couſa he mais q̃ deixar nù ao meu Senhor, para eſcarnecello, & açoutallo, & que iſto farey ſempre que aquillo faça.

LAVDES.

CVidarey, que tornando a ver o meu Senhor, & achãdoo no meſmo eſtado, elle meſmo me vay contando como meus peccados, & maldades do meu coração de pedra endurecido na culpa, fizerão a Coluna, onde o atàrão.

Parecermeha que elle me diz com grande màgoa, que havendo feito o meu cora-

coraçãõ para Coluna de sua Igreja, dezejando darlhe valor para vencer seus inimigos, fortaleza para resistir às tentaçoens, & guardar os seus mandamentos, & para que sobre esta Coluna se sustentasse o Templo da Oração, que he a casa onde elle mora, & os muros de Ierusalem que elle edifica nas Almas; eu o fiz Coluna tam abominavel da casa dos vicios, em que os mesmos sentidos morão, q̃ como sinaes de não poder haver mais vicios, a culpa o fez non plus vltra, dizẽdo, que não ha passar daqui.

Serà o fruto desta hora, não querer ser como Pharaó, que resistindo sempre a Deos, se lhe endurecia o coração, de que se seguio, que no mesmo Mar Vermelho, onde os bons, como Moyses, acharão estrada para a terra da Promissaõ, achou Pharaõ sepulchro para a morte da eternidade.

PRI-

PRIMA.

CVidarey anciosamente, tornando à companhia de meu Senhor, que elle me conta, como dos laços das minhas culpas, com que a Alma deu tantos nós cegos, fez cordas a minha liberdade para atar afrontosamente ao Senhor à Coluna do meu coraçã o, quando elle com braços abertos queria fazerlhe com seus abraços outros mais apertados laços.

Parecermeha, que o meu Senhor me diz a grande dor que teve, de que sendo hum dos mayores gostos seus, unirse ao meu coração, não houve cousa, que mais o atormentasse, que verse entam cõ elle unido, pois esta união era sò para o ferir quem elle amava.

Será o fruto desta hora conhecer, que todos os embaraços, com que nos empece o Mundo, com que nos prende a Carne, saõ laços, com que nos arma, para que delles façamos cordas, com que atemos a Deos afrontosamente, para que elle com

as

as mãos atadas por nossa culpa, nos nam possa livrar dos laços, em que cahimos, & em que a cada ponto nos vemos.

TERÇA.

AQui tornando a Alma para junto de seu Senhor, cuidarey que elle assim atado prosegue a historia começada com muita mágoa, & mansidão, & dizendolhe que olhe os golpes, o sangue, as chagas, as feridas, com que está todo lastimoso, me diz, que isto lhe fizerão meus peccados, minhas potencias, & sentidos, quando mais abraçada com o meu coração, mostrava que o seu amor o tinha prezo, muito mais que as cordas, & ferros.

Parecermeha, que se não queixa tanto o meu Senhor do tormẽto dos golpes, como da dor da injuria que lhe fiz em hũ tormento tam vil, que sô se dá ao mais vil escravo, quem de amigo se fez verdugo, & quem sendo todo o seu amor, se prezou de ser a sua afronta, fazendo de vi-

vicios tam torpes aquelles crueis azorragues, que sem piedade o maltratárão; sendo tanto contra a honra de Deos, que eu assim tratasse a seu Filho, quando na casa da minha Alma foi hospede do meu coração, por querer deitar fóra della os meus mayores inimigos, a quem eu o entreguey como ingrato, & depois cego me entreguei.

Será o fruto desta hora, estimar muito a honra de Deos, & não querer enxovalhálla em o menor dezar da culpa, pois cada peccado meu, não he contra o meu Senhor hum açoute, que lhe dou, mas hũa afronta, que lhe faço.

SEXTA.

TOrnando aos pès do meu Senhor, cuidarey que cõ muitas lagrimas, & com muy grande sentimento me diz, como depois de o açoutarem por detràs, para lhe fazerem o mesmo por diante, o dezatárão, & virárão, & em seu rosto, & por toda a parte o fizerão hũa chaga viva.

Pa-

Parecermeha, que o Senhor me conta, que neſte paſſo diſſera a minha alma, & ſentidos, que ſe até então o tinhão offendido, que não era muito, pois elle lhe havia dado as coſtas. Aqui ſe pòde cuydar o tẽpo que elle nos tinha dado as coſtas, foi todo aquelle que vivemos ſem memoria de ſua Payxão, & ſem dezejo efficaz de ſervillo, entregues ao mundo, & ao Demonio, que era o meſmo que nam darlhe auxilios efficazes. Mas que agora que ſe virava para elles, & que pondolhe os olhos, jà ſe lhe não dava das culpas, pois as deitava para tràs das coſtas, como encobrindoas, que por ſeu amor o nam aggravaſſem mais, & nam quizeſſem ao ſeu roſto fazer huma tamanha maldade, como erão os açoutes, & afronta, que elle taõ mal lhe merecia; & que pois elle lhe perdoava os outros, que lhe perdoaſſem tambem iſto. Mas naõ baſtando eſta brãdura, eſta piedade, & eſte amor, lhe fizeraõ mayor aggravo, & lhe deraõ mayor tormento.

Serà o fruto deſta hora, abominar a in-

LISBOA

ingratidaõ com que offendemos a Deos, depois que se vira para nòs com olhos de misericordia. E sobre tudo considerar a presença de Deos, que se entende na sua vista, a quem açouta, & injuria qualquer peccado nosso por mais occulto que se faça, naõ tendo menos testemunhas que todos os Santos do Ceo, que nem sempre haõ de interceder, & que todos os Demonios do Inferno, que sempre nos haõ de accusar.

Atreverse hum bichinho vil a fazer diante da cara de Deos, & de seu Senhor, & vista da Virgem Santissima, & de seus mayores inimigos, o que naõ fizera diãte do mais vil escravo, he a culpa mais atrevida, & a maldade mais dezaforada, que cometem os peccadores, sendo certo, que ou sejamos bons, ou máos, todos andamos na presença de Deos, & diante delle se faz tudo, & de o naõ trazermos diante dos olhos, nem lembrarnos, que nos està vẽdo, procede todo o mal.

NOA.

NOA.

POndome apar do meu Senhor, logo que tornar à Oraçaõ, cuidarey, que elle me havia contado muy amorosa, & brandamente, como acabando de açoutallo, começáraõ a escarnecello, de que se lhe seguio o tormento de nam ouzar erguer os olhos com a vergonha que tinha, nem a fallarlhe palavra, com a mágoa que o atravessava.

Parecermeha, que o Senhor me diz os grandes males, que me fazia, & que eu zombova de offendello, rindome de havello afrontado, & de o deyxar escarnecido; pois a troco de que eu o naõ offendesse mais, receava pòrme os olhos, que atravessárão hũa pedra, quanto mais hum coração humano: & por se não arriscar a que eu fizesse delle nova zombaria, & por isso me désse mayor Inferno, nam abria aquella boca santissima, de quem o Ceo, & os Anjos pendem, & cuja voz com hũa palavra fez todo o mundo, & creaturas.

Será o fruto desta hora, ter hum grande temor de Deos, pois por zombar quãdo o offendemos do muito a que nos arriscàmos, por nam cuydar quando o devemos temer [que isto vem a ser o zombar) não só nos ficamos na culpa, mas escandalizamos a Deos, para que em hũa escaça vista dos olhos, ou em hũa voz ao coração, nos nam avise, ou visite cõ sua misericordia, para que nos metamos por dentro, & o abracemos na nossa Alma, seguindose desta ouzadia ternos o Ceo tamanho odio, & o mesmo Senhor tam mà vontade, que parece [segundo nos deixa) que jà nos tirou a falla, & já nos naõ pòde ver dos olhos.

VESPERAS.

TOrnando à Oraçaõ, & chegandome ao meu Senhor, o verey estar chorando lagrimas de sangue. E perguntandolhe porque causa? me dirà cõ muy grande dor, que estando todos com elle todo o tẽpo que o açoutáraõ, naõ houve ne-

nenhum, que se fosse sem offendello; porèm acabadas as offensas, nam houve nenhum que quizesse ficar com elle, por nam lhe ouvir as suas queixas, nem lastimarse, nem consolallo, todos o dezemparàraõ, & deixáraõ só.

Aqui me parecerà que me diz o meu Senhor: Filho, ninguem de mim se doe, a ninguem se lhe dà de mim: todos me deixaõ, todos me fogem, & eu de todos dezemparado; nam choro a minha solidaõ, choro a perdiçaõ de todos, vejo que vaõ abraçar o Demonio, & que se vaõ meter no Inferno, & nam podendo ver ao seu Deos, ao seu Amigo, a seu Pay, como brutos sem entendimento se deixam levar de hũa vida, que vay a dar na eterna morte por caminhos sempre difficeis, & por caminhos sempre asperos. Nam sejas tu assim, meu Filho, pois te mostro a via direyta, chegate muito para mim, poemte muito apar destas chagas, para que vendome por ellas as entranhas, & o coraçaõ, saybas que es o meu thesouro, pois eu o ponho agora em ti, chegate,

& chegate mais, pois eu te chamo, naõ te recees, pois eu te quero , naõ me fujas, pois eu te buſco.

Serà o fruto deſta hora, conſiderar, que depois de atarmos com novas culpas ao Senhor, para que nos naõ ſiga, o deyxamos para que nos naõ veja, buſcando ſó aquelles goſtos que delle nos apartam mais, por naõ ter couſa que nos naõ doa, ou à viſta nos poſſa dar pena; de que ſe ſegue, q̃ ou metẽdonos de todo no mũdo, que he o Inferno, totalmente nos apartamos de Deos, ſem mais nos querermos lembrar de ſeu amor, & Payxaõ. E aqui ſe pòde cõſiderar o mal que faz deyxar a Oraçam, depois de conhecer a vtilidade que ella tem.

COMPLETAS.

TOrnando para o meu Senhor, cuidarey que o acho tremendo, agonizado, & deſmayado, & vendo que entra em ſy, logo que eu me chego a elle, lhe direy, tomandoo nos braços: Meu Senhor

nhor da minha alma , amor do meu coraçaõ, ancia dos meus suspiros, meu adorado, & meu bem todo , quem vos poz em tamanha pena, quem vos causou tamanha dor , que jà me naõ sallais, meu Rey , que jà me não olhais, meu Deos? Que he isto, amor dos meus sentidos, vòs sem alento , & eu com animo ? vòs tam defunto, & eu com vida ? vòs desmayado, & eu com alma? E dizendolhe tudo o mais que o coraçaõ quizer , farey por me unir muito com elle , por dezatarlhe as cordas dos braços , & lavarlhe as chagas com lagrimas, lavando, para parecerlhe melhor, com o seu sangue as minhas culpas.

Aqui me parecerà , que deitandome aos seus braços me agradece que assim o solte, ainda que queixandose de que achandose tantas vezes atado , não me pedisse o coraçaõ tirarlhe aquellas prizoẽs ; & que vendoo morrer de frio (que isto naõ as friezas do amor de Deos) me não desse na vontade abrigallo nos meus braços, quando me parece que o seu Divino

Espirito me estava dando calor para me chegar a elle, mãos para o dezatar, & azas para o acolher.

Será o fruto desta hora, entender q todas minhas friezas de Espirito saõ o frio, que o Senhor padece, os descuydos do meu amor, as prizoens que atão ao meu Deos, & que lògo que as friezas se acabem, & os descuidos se percão, se me acenderà o coraçaõ de maneira, que pondo em Deos todo o cuidado, trazendoo sempre no sentido, que não serà difficultoso sentir na Alma aquelles fogos do Espirito Santo, por cujos incendios suspire.

Summa.

MElhor que tudo serà à toda a hora, tomando nos braços ao meu Senhor, não deyxállo só nem hum instãte, ou escutandoo, ou respondendolhe, & sempre em hum vivo movimento de seu amor estar amandoo, & abraçandoo, & se naõ puder dar a Deos mais que huma hora, cuidarey o seguinte.

Con-

Considerarey, que sendo o coraçam fortaleza, que o Senhor havia fiado de mim, fazendo a Natureza treyçaõ à Graça, a entregou aos inimigos de Deos, a quem por acharem dentro na minha Alma, atáraõ ao meu coraçaõ, cuja dureza impedernida o tinha convertido em Coluna de marmore, com as cadeas de meus vicios, onde sendo meus peccados azorragues, & minha liberdade verdugo, foy açoutado cruelmente, tratando como vil escravo a quem era Senhor do Mundo, a Magestade do Ceo, & o mimo da Bẽaventurança; mas hindome mal cõ meus vicios, & vendo como me perdia nas maõs do Mundo, & do Demonio, tomãdo ao meu Senhor, & tirandoo daquella pena, pedindolhe muitos perdoens, & chorando em fim muitas lagrimas, lhe torneya dar o dominio de suas fortalezas, deyxando fóra seus contrarios, & meus inimigos, com a força de sua ajuda. Fechando pois todas as portas por onde possa entrar dentro, pondo em defensã tudo o mais por onde possaõ dar-

me assalto, lhe pedirey posto a seus pès, que para poder resistir, & defenderme em seu nome, me não falte cõ seus auxilios efficazes, para que em perpetua guarda da sua Ley, se ponhão nas portas dos sentidos muitos Anjos de minha guarda, nos muros do entendimento a centinella da Oração, na homenagem da Alma as bãdeyras de sua Fè, nos armazens da memoria as muniçoens de seus beneficios, na artilheria da vontade a polvora de seu Amor, para que com o fogo do Espirito Santo, que elle pòde mandar, abrazados os inimigos, & eu acezo em Divinas chamas, não só mortifique a carne, mas fazendo fugir o Demonio, ponha por terra todo o Mundo com as cargas da Penitencia, que para o Inferno ruina, para mim defensa, para o Ceo salvas se repetẽ muitas vezes, não só nas trincheyras da Perseverança, mas sobre o fosso da Humildade.

QVAR-

QVARTA FEYRA.

Ecce Homo.

MATINAS.

RECOLHIDO o meu coração, me parecerá, que assim como Pilatos mostrou o meu Senhor ao Povo de Ierusalem, coroada a cabeça de espinhos, com hũa purpura ridìcula, & com hum scetro vaõ de cana, atadas as mãos, o corpo cheio de feridas, o rosto afrontado, injuriado, cuspido, & disfigurado: Assim o Eterno Pay mostrãdo dentro na minha Alma ao povo de minhas culpas, & aos Ministros, & Pontifices de minhas potẽcias, & sentidos; diz a todos, que alli tem diante dos olhos, a quem ferirão, & maltratàrão meus pensamentos cõ espinhos, mi-

minhas lascivias com açoutes, minhas vaidades com desprezos, minha ouzadia com salivas, minhas solturas com baraços, & minhas ostentaçoẽs cõ purpuras.

Parecermeha depois disto, que pergunta Deos a meus vicios, se querem perdoar a seu Filho, pois se lhe escusará a morte, escusando elles a culpa. E todos respõderão: Crucificao, Crucificao. Cõ o q entristecido o Senhor, assombrado o Ceo, pasmados os Anjos, & confusamẽte admirados os Elemẽtos, & Creaturas, ficarão suspensas naquella maldade minha.

Será o fruto desta hora, crucificarmos ao Mundo, nossos sentidos, & potẽcias, pois se atrevèrão impiamente a crucificar a seu Senhor. Veremos, que sem mortificação não andamos seguros na Terra, & que he necessario trazermos na cabeça pensamentos, que nos façõ dor, andarem as nossas mãos atadas como quẽ vay ao sacrificio, & vestirmonos de paciencia contra as zombarias do Mundo, fazendonos com a paciencia huma imi-

ta-

tação do Corpo de Christo, que todo estará em chaga.

LAVDES.

TOrnando a ver ao meu Senhor, me parecerà que me diz o Eterno Pay: Eis aqui tens a quem condemnas, porque se faz Filho de Deos, esse he o Homem que persegues; & me repete, esse he o Homem que persegues, porque tam outro o deixarão os açoutes, & feridas, que ao mesmo parece que era necessario dizer que era seu Filho, para que eu, & as minhas culpas conhecessem, que era quẽ eu, & ellas acusavão.

Aqui considerarey, que se o Filho de Deos por amor de mim chegou a parecer tam outro, que parecia peccador, pois em hum castigo tão cruel mostrava que tinha culpas, que me he necessario tomar a sua innocencia, & parecer Filho de Deos, para que cõ esta troca, sendo muy outro do que fui, nada me fique do que sou,

Serà

Será o fruto desta hora, huma grande mudança de vida, para que com Sam Paulo possa dizer, que já não sou eu, mas que sou o Crucificado, & que vive dêtro em mim Christo, que a minha vida toda he Christo, & o morrer hé toda minha gloria.

PRIMA.

METendome no meu coração, me parecerá que acho nelle o meu Iesus, na mesma figura que antes, & que em chegando a elle, me diz estas palavras muy amorosamente: Filho, se depois de atravessarme a Alma com teus máos pẽsamentos; se depois de meter de baixo dos pès à minha Divindade com tuas vanglorias; se depois de zombar de mim com tuas vaidades; se depois de me abrir a açoutes com teus deleites, ainda me queres pôr na Cruz, & me não perdoas a morte, eisme aqui, faze o que quizeres, eisme aqui tens, não me perdoes; eisme aqui tens, afrontame, & crucificame; porque aparelhado estou para entregarme

me em tuas mãos, & fazer á tua vontade.

Aqui considerarey, que todas as vezes que estou para cometer alguma culpa, nenhuma outra cousa faz o Senhor, que jà de meus pensamentos vem ferido, & de minhas obras magoado, mais que pórse diante de mim, & dizerme: Filho, eisme aqui, se sobre o que te hey sofrido me queres crucificar agora, eis aqui me tens, poem-me na Cruz, que isto he para mim outra culpa.

Serà o fruto desta hora, ficar cõ hũa perpetua memoria destas palavras, que para toda a tenção saõ utilissimas; aprendendo tambem aquella mansidão, & brãdura, com que parece que aos mesmos aggravos se entrega, & não se escandaliza.

TERÇA.

TOrnando dentro a minha alma, & vendo ao meu Senhor muy triste, lhe perguntarey com amor: Meu Deos, meu Amor, & meu Senhor, alegria dos meus

meus sentidos,& sempre gloria de minha Alma , quem vos causou essa tristeza? Quem vos mudou tanto a figura , que jà não acho em vossos olhos a graça cõ que me vião.

Parecermeha, que o Senhor me responde: Filho, menos me aggravão hoje os maos , que os que devião ser bons; pois acho mayor piedade nos meus deyxados,que nos meus favorecidos. Pilatos muitas vezes me quiz perdoar a morte, & o meu Povo mimoso não cessa por me tirar a vida. Vê tu,se as entranhas de hũ Deos, que saõ tudo misericordia, deyxaràõ de se despedaçar , metendo no coração estas viboras.

Serà o fruto desta hora,considerar que as offensas que Deos sente , saõ mais as dos seus escolhidos, pois não he muito q̃ não corra ao mar quem nasceo lagôa,mas que contra a ordem natural , não corrão a seu centro os rios, que para o mar tem o caminho , & inclinação , & a natureza; este he o mayor espanto.

SEX-

SEXTA.

Regnum meum non est de hoc mundo.

ENtrarey no meu coração, & vendo o meu Senhor coroado de espinhos, com hum scetro de cana, & com huma purpura de escarnio, lhe direy: Meu Deos, meu Rey, & meu Senhor, que insignias saõ estas tam estranhas de vossio Imperio, & Magestade? Não sois vòs o Senhor do Mundo? Não sois vòs o Principe da Gloria? Pois como he isto, meu Senhor, que não entendo esta figura em que vos vejo tam mudado?

Parecermeha, que me responde: Filho, o meu Reyno não he como os do mundo; nem quem quizer reynar comigo ha de querer os Reynos da terra; quem nella me imitar para reynar no Ceo, ha de ter Coroa de Martyrio; o seu scetro ha de ser zombaria do mundo, a sua purpura desprezo; tam pouca cousa saõ esses thronos, de que o mundo faz pertenção, que

que quem os não tem por mais ocos que a cana, por mais desprezíueis que a purpura, por mais asperos que as espinhas, de Rey se fará escravo, & não menos que do Demonio, & será atormentado no Inferno para toda a eternidade.

Será o fruto desta hora, hum efficaz conhecimento do engano dos bens do mundo, para que delle só nos fique hum vivo, & certo conhecimento, & dezengano, com que zombemos da mentira, com que nos dourão suas quimeras, & não entremos na farça, có que passão suas figuras.

NOA.

TOrnando à vista do meu Deos, me parecerá que o acho muy dolorido; & perguntandolhe o que tem, imaginarey que me diz: que não sente tanto a dor que lhe fizerão as espinhas, a zombaria que se lhe fez na cana, & a vergonha que lhe causou a purpura, como a q̃ elles significão.

Para o saber, considerarey, que os es-

espinhos erão de juncos marinhos, tirados do mar, figura da Graça; a Cana, planta q̃ deita mais raizes na terra, amaldiçoada pela culpa: a Purpura tinta no sangue de hum peixe, que não tem memoria: & apartarse tão do lugar da Graça, quem offende o seu Senhor, deitar tãtas raizes no mundo, quem havia de buscar o Ceo, & não ter memoria da morte, quem dos seus despojos faz gala; isto he o que Deos mais sente, pois por não haver lembrança da morte, se perde cegamente a vida, figurada no sangue da purpura, por se meter pela terra dentro, se perde a vaidade dos homens, representada no scetro de cana; & por se pôr muy longe da Graça, se culpa a maldade do Mundo.

Serà o fruto desta hora, ver que hum agudo pensamento da culpa nos tira de hum mar de Graça, hum leve descuydo da Payxão de Christo nos arrisca a vida do Espirito, huma vaã presumpção do mundo nos faz perder o Ceo, metẽdonos por dentro do Inferno, aonde se prendẽ

raizes da vangloria, luxuria, & de toda a vaidade humana.

VESPERAS.

MAndando a todos meus sentidos, que dẽtro na minha alma vão fallar com o meu Senhor, me parecerà que o acho chorando naquella figura lastimosa, com que a qualquer memoria minha diz: Eisme aqui; & perguntandolhe com muito amor, porque chora com tanta magoa, imaginarey que me diz: Filho, tu es a causa de meu pranto, porque tu es como Pilatos, que depois de não achar razão para offenderme; depois de querer que outros muitos me não aggravem fazendo muito por servirme, depois de pergũtarlhe muitas vezes que mal lhe fiz, & em que pequey, perdes quanto me obrigaste por respeito dos homens, bastando hum medo vil de perder os bens da terra, & de faltar ás razoens de estado do mundo, temendo mais aos homens, q a Deos, para perderes o animo, com que

podèras agradarme de todo, & subir ao estado da perfeição; sendo a mayor dor ver, que pelo caminho do Ceo, para quẽ só faltava hum passo, te precipitas ao Inferno, onde não ha remedio; & em fim vens a perder tudo por huns nadas, que faltão, & que deyxas de vencer, por querer antes a Deos afrontado, & a teu Senhor em huma Cruz, que a Cesar offendido; isto depois de confessares que não tinha causa alguma.

Será o fruto desta hora, conhecer quãtas vezes pelas amizades dos homẽs, & pelos respeitos humanos, perdemos o respeito a Deos, & a amizade do Senhor; & quantas vezes por não perder as Dignidades da terra, perdemos o Reyno do Ceo, deixando de chegar à perfeição, por não chegar a dar mais hum passo no caminho espiritual. Servirnosha esta consideração, que he utilissima, de espertar a razão, & a resolução para exercitar o valor do Espirito, com que sem medo de nossos inimigos devemos servir fielmẽte ao Senhor.

COMPLETAS.

REstituindome ao meu Deos, para acabar com elle o dia, me parecerá que o vejo com a mayor dor que nunca; & perguntandolhe o que tem, imaginarey que me diz: Filho, sendo tanto o que me viste sentir atègora, não tem comparação com o que agora sinto; pois entregarme Pilatos aos Iudeos, conhecendo q̃ não tinha causa, máo he; mas era barbaro. Entregarme contra sua vontade aos Iudeos, não he bom, mas era homem. Entregar o seu Deos ao Demonio, peior era, mas era Idolatria. Porèm fazẽdome esta afronta, & conhecendo esta injustiça, lavar as mãos deste feito, isto he o que mais me aggrava, pois se ficou tendo por justo. Assim que tu me offendesses, bem que me tivesses por justo, não era muito, se eras nescio, que contra teu gosto outras vezes seguisses a razão do mundo, não to estranhey, porque eras homem. Que idolatrasses loucamente a minha offensa, &

teu

teu engano, eu to sofrí, que andavas cego; mas que pondome em huma Cruz, ou consentindoo, que he o mesmo, que confessando que era culpa o que se fez porque o quizeste, que conhecendo a liberdade que tinhas para não peccar, que entregandome a meus inimigos [isto he aos vicios, & peccados] que assim me afrontão, & atormentão, fazendo isto a mãos lavadas, te imagines muyto innocente, & te pareça que es hum Santo, isto me corta o coração, isto me atravessa as entranhas.

Serà o fruto desta hora, ternos sempre por peccadores, & não por justificados, pois em huma breve complacencia com que nos entregamos aos vicios, entregamos à Cruz a Christo, fazendo em nòs o mesmo qualquer payxão mortificada mal, ou qualquer graça resistida a terse por santo, & por justo quem vive na casa da culpa, que isto he o viver na terra; já faz o mesmo que Pilatos, pois querendo servir a Deos, & dezejãdo summamente não impedir o mal, lhe faz perder

todo o bem, & cometer este peccado; tirarey daqui, que não he menor mal o bé que deyxo de fazer, que o mal que faço.

Summa.

MElhor que tudo será a toda a hora tomallo com muitas lagrimas nos braços da Alma, fallarlhe com o coração, & respónderlhe com as entranhas, & tirarlhe da cabeça os espinhos, com lãçar fóra os máos pensamentos, tirarlhe a cana da mão com pizar a nossa vaidade, despindolhe a purpura dos hombros, com chorar muito a sua afronta, de que hum tempo fizemos gala; & dezatandolhe as mãos com dezembaraçarnos do mundo, para pôr nas suas mãos a nossa vontade; faremos par gastar todo o tempo em hũ ardente fervor de Espirito, em huma pasmada admiração, em huma perpetua acção de graças, com que louvando sua misericordia, dando graças a seu amor, & implorando suas piedades, depois de nos doermos com elle de suas chagas, & feridas,

das, & depois de apertarlhas com a Alma, sendo os seus braços ataduras, & cuarlhas com o caustico de hum vivissimo, & ardente amor; lhe pediremos, que por esta coroação, & à honra della, nos conceda, que ponhamos na Alma esta insignia como coroa de victoria, & como final de triumfo contra todas nossas tentaçoens,

Quem não tiver mais que huma hora, cuydará que a nossa Alma he Corte, o coração Paço, a memoria Throno, a võtade Valído, o entendimento Conselheiro, os sentidos Ministros, & o meu Senhor o Rey, a quem todos servem, & obedecem por Ley natural. Mas rebellãdome contra elle, por entregar ao Demonio todo o imperio da liberdade do mesmo meu coração, onde o Senhor sempre morava, estimandoo como seu Paç o, conjurandome com todos os vicios, o prendi, atey. & afrontey, & depois de açoutallo à Coluna para zombar do Rey Eterno, lhe dey coroa de tormento, sceptro de zombaria, & purpura de escarnio,

& mostrando de dentro do meu coração a todas as culpas, & vicios, que o cercavão por toda a parte, lhe direy o estado, em que o puz, & se querem que o crucifique. Mas tornando em sy a razão, & dizendome o entendimẽto a grande treyção, que fazia a hum Senhor, que me amava tanto, quam ingrato correspondia a quem me tratou tam benigno, & em quanta afronta tinha posto o Senhor dos Ceos, & da Terra; mais com o pezar de offender tamanha Bondade, que cõ medo dos castigos q̃ merecia, estalandome o coração, & fazẽdoseme em pedaços, cahia sobre todos meus vicios, que enterrados nesta ruina, & afogados em hum mar de lagrimas, acabem subitamente, ficando eu aos pès do meu Senhor, pedindolhe muitos perdoẽs, & restituindome elle aos sobreditos ministerios, tornarey mais efficazmente a servillo, como a meu Pay, como a meu Deos, & meu Senhor.

QVIN-

QVINTA FEYRA.

Com a Cruz às costas.

MATINAS.

Et bajulans sibi Crucem, exivit in eum, qui dicitur Calvariæ locum.

PArecerme ha, que acordando a minha Alma do sono do descuydo aos gritos do coração, que sendo para o Senhor rua de Amargúra, o vè passar com a Cruz às costas, vay tambem ver este espectaculo, & a poucos passos com que o busca, o acha dentro em sy, mudada a cor, perdída a fórma, cheyo de sangue, & feridas, com cordas nas mãos, & garganta, & na mais lastimoza figura que he possivel imaginarse; & virandose para mim, cuidarey que me diz estas palavras,

&

& ſeràm a meditaçam deſta hora.

Filho: todos no mundo, ou me ſeguem, ou me perſeguem; ſeguem-me os que imitandome, não ſó tomão, mas abração a ſua Cruz, conhecendo que ſem ella ſe não pòde chegar ao Mõte da Oração, nem ao da Gloria: perſeguem-me os que tendo a Cruz por afronta, & não ſe atrevendo a ſofrella, paſſaõ leve, & goſtozamente por eſta vida da amargura, de quem he rua todo o mundo, querendo ſer na terra mais que Deos, pois querem no lugar da culpa ſer Bemaventurados. Se pois eu, que ſou Filho de Deos, não hey de entrar no Ceo ſem Cruz, como tu, ſendo peccador, cuydas q entrarás ſem ella no Ceo? Se te prezas de meu diſcipulo, ſe queres ſeguirme, & ſalvarte, toma, toma tua Cruz, & vem atràs de mim, & não buſques outro caminho, que eſte ſó he o verdadeiro. E envergonhate Peccador, de que havendo tantos que me ſigão com Cruzes tam pezadas, receas tu hũa tam leve, que ſó peza o que te peſa de verte o mundo atràs de mim. Tiveſte

valor

valor lá no seculo para arrastar briozamẽte o pezado jugo da culpa, & faltate hoje coração para levar sobre teus hombros hũa tam leve Cruz de cana. Envergonhate servo inutil, de que serviſſes ao Demonio cõ mais cuidado que a teu Deos, & de que haja tantos no mundo, q̃ sofrão mais por Satanás, do q̃ tu pelo teu Senhor. Segueme, segueme, meu Filho, que aqui vou diante de ti, para passar primeiro os riscos, que pòdes ter nesta jornada, & não cuydes de mim tam pouco, que sobre tuas forças te darey Cruz com que me sigas.

Será o fruto desta hora, conhecer, que para salvarme, & ser servo de Deos, hey de ter Cruz com que o siga, & com que imite os seus passos, que não só se dèrão para meu remedio, mas para meu exemplo, & para conhecer esta Cruz, quando eu a não tenha nos preceitos, que guardo, nos votos que fiz, ou em qualquer outra cousa, com que o Senhor mà dà claramente, poderey crer que a tenho, como Sam Paulo, em toda a grande ten-

ta-

tação que tenha; & quando estas me faltem pela misericordia de Deos; a poderey fazer na navegação das vontades da natureza, pizando varonilmente todas as repugnancias da carne, que se oppoem à Graça, & ao Espirito.

LAVDES.

DEzejando seguir ao meu Senhor; ainda que me seja pezado entrar em Oração, disto farey Cruz para o acompanhar; & entrando dentro de minha Alma, o verey acompanhado de dous Ladroens, que tambem levão suas Cruzes. Aqui me parecerà, que pondome o Senhor aquelles seus olhos cheyos de amor, me diz: Filho, os maos tambem tẽ Cruz, & muitos destes mostrão ao mundo, que me seguem, mas com muito grande differença, que estes vem comigo para me afrontar, & para se perder, se algũa rara contrição não faz que se lembre delles a minha misericordia. Os bons vem para me ajudar a levar o pezo da Cruz, que eu re-

reparto com meus amigos. Vé tu agora se te convem ser destes, se daquelles; & se havendo de ter Cruz no mundo, te cõvem tella para fazer della escada para o Ceo, ou para descer por ella para o Inferno? Olha tambem não te enganes com a tua Cruz, porque em te sendo pezada, he final que não he boa.

Será o fruto desta hora, conhecer, que não basta ter Cruz, se a Cruz não he boa, pois tambem as Cruzes dos Ladroẽs erão Cruzes, mas não erão como as de Christo; & para o saber, examinarey se ma deu o mundo, ou a culpa, ou se a tomo eu. A primeira he Cruz do Demonio, a segũda de Christo; porque nisto se declarão as palauras, com que o Senhor quer que a a leve: *Tollat, &c.* Tomando cada hum Cruz, que seja sua, & não dada por outro; porque tãbem esta levase por força, aquella por vontade.

PRI-

PRIMA.

TOmando pois a minha Cruz, & seguindo a meu Senhor de todo o meu coração, o vereу cahir muitas vezes, lastimandose magoadamente nas pedras duras do meu peito, & levantandose logo, sem parar me diz estas palavras: Filho, se depois de teres Cruz, & de me seguires, cahires, trata de levantarte depressa, & de hir a diante; porque se assim o não fizeres, tornando para trás, he certo que deixas o caminho do Ceo, & se te detiveres muito, chegaràs tarde, & não poderàs subir ao Monte, onde eu te espero nos meus braços. De nenhuma maneira desconfies, quando cahires, entende que te atrazaste muito, & que jà não poderás alcãçarme; porque se a tua queda for mais fraqueza, que võtade, & mais tropeço, que advertencia, sabe que te vou esperando; porque sey, q̃ se tu me amas, nestas quedas has de cobrar forças, com que cobres mais que o perdido, & có que apres-

apreſſes mais o paſſo. E ſe vès, que em mim cahe a natureza com ajudalla a Divindade, porque cuidas que não cahirá em ti a Graça combatida da natureza? Os juſtos cahem muitas vezes, quanto mais os que ſaõ peccadores, & ha niſto ſó a natureza, que os bons cahem de inadvertencia, & os preverſos por ſua malicia. Se deſces, que muito he que te humilhes, & ſe ſobes, que muito he que canes; cótudo o que mais te importa, he levantarte, & hir adiante, que aqui eſtóu para darte a mão, & para levarte nos meus hõbros, quando não poderem os teus.

Serà o fruto deſta hora, conhecer, inda que me veja cahir, que o que cõvem, he não parar; & chegandome ao meu Senhor, que he certo que me eſpera cõ ſua miſericordia, pedirlhe humilde, & amoroſamente, que me perdoe minhas culpas, pois ſabe a minha fragilidade, & conhece qual ſempre fui, pois o que tenho bom, he ſeu, & ſó meu, o que em mim ha máo; porque de outro modo, afaſtandome da Oração, & da converſação do Senhor,

nhor, he sem duvida que me entrego a meus inimigos, & me ponho delle tam longe, quanto elle vay para diante, & quanto eu torno para trás,

TERÇA.

Filiæ Hierusalem, nolite flere super me: sed super vos ipsas flete, & super filios vestros.

TOrnando aos passos amargozos cõ que sigo a meu Senhor, me parecerà, que virandose o Senhor para todos os devotos de sua Igreja (que disso he figura Ierusalem) os começa a ensinar, & advertir, que não chorem só porque querem, senão por obrigação que era devida.

Considerarey, que bastão às vezes duas lagrimas, & qualquer devoção, com que sigamos ao Senhor, para q̃ vire para nòs os olhos de misericordia, & nos ensine com as palavras, assim como com as obras. E nos advirta o melhor modo, cõ que

que o podemos servir. Aqui veremos tãbem como não falla com outros, mais q̃ com as filhas de Ierusalem, sendo que [como diz Caietano) muitas outras o acompanhavão, & lamentavão tambem. E a razão he, porque a turba, q̃ pedio q̃ o crucificassem, era indigna de fallarlhe Deos, & às mulheres de Galilêa não tocavão os ameaços, que Christo fez às do seu Povo, que havia de ser destruído pelas culpas que cometia. Isto finalmente vem a ser, que chorassem por seus peccados; porque parece que não quer o Senhor dar castigos, sem ensinar os meyos de achar sua misericordia, como agradecido àquellas lagrimas, que para o seu amor saõ perolas, se do fundo do amargozo do mar da penitencia se tirão das conchas do coração.

Será o fruto desta hora chorar interior, & exteriormẽte por nossas culpas, & peccados, não lagrimas, que por compayxão tenhão nos olhos juntamente a sua origem, & o seu fim, mas que nação do coração as raizes amargozas da contri-

ção, & da penitencia, onde ellas tẽ a melhor fonte, & o amor o seu principio; pois por ellas se perdoou a Pedro, por ellas se não soverteo Ninive; por ellas foy Sãta. a Magdalena, & as mais conversoens das Almas começárão nesta agua mysteriosa, onde se temperão as armas da Iustiça Divina, & se forjão os rayos de seu Divino Amor.

SEXTA.

ENtrando na Oração, me parecerà q̃ vejo o Senhor na mesma figura hirnos continuando os avisos, quando nos faz ameaços, dizendo; que se nos Tribunaes da terra se fazem estas justiças no Innocente, que se farà no Peccador; quando no dia do Iuizo apparecer no Tribunal da Divina Iustiça.

Aqui considerarey, que devo não ser como Caifás, a quem dizendo o Senhor, que assim o veria no dia do Iuizo, não se persuadindo que contra elle o podia haver, pelas offensas que então se lhe repre-

sen-

sentavão feitas a Deos, rasgou os vestidos, & não o coração, mostrando q̃ lhe não passava a dor dos vestidos. Por isso se nos espedaçaràm as entranhas, vendo a grande conta, que darám neste terrivel dia aquelles que tam pouca fazẽ no mũdo da muita que hão de dar em o Iuizo, lançando os mais delles tãtos temerarios sobre o viver dos outros homens; & tal vez mais justificados. E aqui farey porque se me represente qual será o fogo do Inferno nos madeyros secos da culpa, se na planta verde da Graça se ateou abrazadamente o fogo da maldade humana. Verey tambem como este dia será tam horrendo, & terrivel, o rosto benigno do Senhor, que temendo mais os condenados a sua vista que os tormentos, pedirãõ aos montes que os cubrão, & aos outeyros que os escondão, sem que lhe valha então o medo, pois lhe não val agora o Iuizo.

Será o fruto desta hora, a consideração do dia do Iuizo, & daquelle aspecto tremendo, com que sobre o Throno das

nuvens ha de apparecer o Senhor, por cuja cauſa todos os culpados do mundo faremos por eſconder os olhos, & não lançar os olhos, nem juizos temerarios, nem meternos nas vidas dos outros, julgandonos ſempre a nòs meſmos nos exames da conſciencia, que devem ſer a cada hora, & quando menos cada dia; & cada hora pòde chegar a derradeira; onde o noſſo dia do Iuizo he o noſſo ultimo dia, que não ſó poderá ſer o de á manhaã, porèm tambem o dia de hoje, daqui a pouco, logo, ou jà, & não convem que vivamos em eſtado, em que nos peſe de morrer.

NOA.

TOrnando a ver o meu Senhor na amargura do meu coração, & nos panos da minha Alma; ſe me repreſentarà aquella Mulher devota, que com hũa toalha branca alimpou ſeu ſantiſſimo roſto, cuja figura laſtimoſa lhe ficou impreſſa na toalha.

Conſiderarey, que aſſim deve fazer a mi-

minha memoria, chegandome muito ao Senhor, & limpandolhe seu santissimo rosto com huma purissima intenção, onde me fique o seu retrato; envergonhandome muito, de que na lamina de huma Alma se não pinte tam vivamente, & que nem ainda de morta cor pinte como quer o coração; & entendendo que à falta de pureza, que na brancura se declara tudo o que neste debuxo faltar aos meus sentidos, farey muito por lavar com lagrimas as manchas, que os afearem, esmerandose a consciencia em toda a limpeza de Espirito.

Será o fruto desta hora, o conhecer quam util me he a memoria da Payxão de Christo, pois he certo, que esta se não imprime senão em almas muito puras, onde já fica o seu retrato, quando nem por sombras achamos em outro retrato bons pertos, & quando do rosto da culpa só nos parecem bem os longes.

VESPERAS.

LEvandome a memoria do meu Senhor a ver os paſſos, que dà na minha Alma, & vendoo hir tam magoado, os hombros feridos da Cruz, o corpo cahindo de fraco, os olhos mortos de triſteza, o cabello cheyo de ſangue, a boca toda denegrida, a feição toda demudada, a reſpiração afogandoſe, os pès cortandoſe, & trocandoſe; me chegarey a elle com grande amor, & mágoa do meu coração, & lhe direy: Meu Criador, meu Deos, meu Bem, & meu Senhor, ponde aos meus hombros eſſa Cruz, deſcançay aqui nos meus braços, que tempo tendes para os paſſos, a que meus erros vos obrigão, ſinta eu tambem o tormento, pois que foy minha a culpa. Reparti comigo eſſas dores, pois tam benigno, & amoroſo me dais voſſos merecimentos, não venha eu aqui ſó a vervos, venha tambem para aliviarvos; não ſeja iſto ſó a olhar, ſeja tambem a ſentir; & parecermeha que me reſponde. Fi-

Filho, todos os meus passos saõ para teu remedio, todos os teus devem ser para meu serviço, & ainda que te pareça que mo fazes em me deter, & ajudandome, não te convem em que pare em remediarte, nem que tu pares em servirme; importa que te não detenhas, nem no teu bem, nem no teu mal; de passo has de hir por huma vida que se acaba a cada passo; & assim como os males do mundo se não devem temer, porque todos saõ transitorios, assim os bens se não devem estimar, pois não saõ permanentes. Não tens grande amor à Cruz, se no meyo das amarguras queres a gloria de meus braços; as suavidades, & os gostos, que assim dezeja o teu Espirito, saõ fraquezas do coração, que não atúra os seus rigores; trata agora de padecer, que o que mais te importa, & não duvides tanto de ti, nem de mim, que imagines que te hey mister; cuida que me has mister a mim, & que esse amor com que me buscas, esse valor com que te sentes, he só aquillo que me eu meto por dentro do teu coração, faze

por não desfallecer, porque ainda não chegaſte a ſubir o que te falta para a morte. Vem, que então quero que me ajudes, & ao menos que não deſmayes, pois não ſobem a eſtar comigo, ſenão os que tem muy grande animo, huns coraçoens tamanhos, que não cabem em todo o mũdo, que paſſem da Terra, & do Ceo, & em quem ao menos cayba tudo quanto eu dezejo meter nelles, ſaõ os que eu ſómente eſtimo, para depoſitar meus theſouros, & para occupar meu amor; agora ſegueme, conhecendote por inutil, louvandome por miſericordioſo, amandome por minha bondade, & pedindome o que te convem.

Será o fruto deſta hora, conhecer q toda a vida he hum paſſo, & ſe o Senhor ſem parar na Encarnação os deu do Ceo à Terra; no Naſcimento do ventre ao Mundo; na Redempção do Horto à Cruz; na conſumação, da Cruz à morte, não devemos nós de parar detendo nas penas ao Senhor, & detendonos na conſolação; antes preparar as conſolaçoens

para

para toda a guerra do Espirito, conhecẽdo em suas batalhas, q̃ todas se se vẽcem, nos dão coroas, que o Senhor não se cõmunica às Almas muy magnanimas.

COMPLETAS.

PArecermeha, seguindo na Oração a men Deos, que o vejo subir ao Mõte Calvario, onde no ultimo passo não pàra para descançar, senão para mais padecer, pois tirandolhe a Cruz para o crucificar, arrancandolhe com a tunica a carne que se lhe pegára, não só com o sangue das feridas, com hum mar de suor de sangue; depois de a darem aos soldados, onde ao peior cahio em sorte, o mãdárão deitar na Cruz, para nella lhe tirar a vida. Considerarey neste passo o que succede aos perfeitos, a quẽ o Senhor subio a mayor grao da Oração, pois não havendo mais que subir, não páráo para descançar, senão para mais padecer, nem chegão à contemplação, senaõ para mais sentir; sendo o menos que fazem entam

des-

deſpirſe nam ſó de tudo o que levão do mundo, mas juntamente de ſy meſmos, ſentindo então a mayor Cruz, atè ſe lhe acabara vida, como ſe vio nos Apoſtolos, & o teſtemunhão outros Santos.

Sejà o fruto deſta hora, naõ dezejar chegar ao alto da Oraçaõ, & ao ultimo paſſo da perfeiçaõ pelo premio que ſe nos promete, ſenaõ por imitar melhor a Chriſto, dezejando padecer por elle, & por todos os màos do mundo, a troco de que a ſua bódade tenha miſericordia delles, & veja em nòs, que o ſeguimos, dezejando mais a gloria de ſeu nome, que a noſſa Bemaventurança.

Summa.

MElhor que tudo iſto ſerà em hum vivo movimẽto de amor de Deos, hir ſeguindo ſuas pizadas, & gaſtar todo o tempo fallandolhe com o coraçaõ, ſem parar nas grandes amarguras que tem os paſſos deſte Mundo, fazendo cõ grande fervor do Eſpirito, porque a Alma ſe naõ deſ-

desmaye atè chegar com o Senhor ao Monte, figura do mais alto estado a que se chega nesta vida, pedindolhe, que assim como pela culpa de o crucificar foy Ierusalem assolada, naõ ficando pedra sobre pedra, assim permita, que assolando eu, com os auxilios de sua misericordia, toda a Cidade de meus vicios, & o povo de minhas culpas, naõ fiquẽ dellas mais que as memorias para chorar, & as ruinas, naõ para as sentir, mas para edificar sobre todas o Templo santo da Oraçaõ, onde só morem as virtudes, & hum grande dezejo de emenda.

Quem não tiver mais que hũa hora, poderà, se quizer, ter a Oração seguinte.

CVidarey, que levantandose a minha Alma do leyto da culpa, pelos passos da penitencia vay buscar o seu Esposo pelas ruas de sua memoria, & por toda a parte dos sentidos, que se tem feito Babilonia mais que terra de Ierusalem; & ouvindo as lagrimas, & os ays com que se

ſe lamenta o meu amor, que vay pelas minhas entranhas, ruas para elle de amargura com a Cruz de meus peccados, voltando para ver ſe o ſigo, detendoſe para ver ſe o olho, & cahindo para ver ſe o alcanço, deixando, ſó por moverme, em ſuas pègadas o ſangue, em ſeus eccos os meus aviſos, & atè em hum lenço o ſeu retrato; o buſco no Monte Calvario, aonde o acho pondoo na Cruz, & onde ainda as minhas offenſas lhe eſtaõ tirando as veſtiduras, ao meſmo paſſo em que ſe queixa, que aſſim lhe queira tirar a tunica quem lhe nam quer tirar os eſpinhos. Aqui vendoo banhado em ſangue, cheio de mágoas, & de afrontas, & de ancias, tormentos, & afflicçoens, me parecerá, q doendoſe a Alma do muito que o magoou a vontade do que o offendeu, & os ſentidos do que o affligio; desfazendo os olhos em lagrimas, os ſentidos em ſuſpiros, o arrebataõ aos meus braços, & livrãdoo das minhas culpas, que confundidas ſe apartaõ de mim, fazendolhe leyto do

co-

coraçaõ, o deita nelle a minha emẽda entre os lançoes da castidade, correndo logo as cortinas ao segredo do meu amor, me ponho a seus pés com mil lagrimas, pedindolhe muitos perdoens, & prometendo eternamente de antes perder a vida, que a Fè, de antes querer a morte, q̃ a culpa, fazendo muito a toda a hora por ver se com o fogo do Espirito Santo se purificão minhas maculas, ou se cõ suas lavaredas se acende, & arde o meu Espirito.

SESTA FEYRA.

Crucificado.

MATINAS.

EM acordando a esta hora, entrarey no meu coração, que me parecerá Mon-

Monte Calvario, onde a minha Alma he Cruz, em que meus peccados crucificão a meu Senhor, pondolhe por pregos nas mãos toda a crueldade das màs obras, & por cravos nos pès toda a detença nos máos paſſos; dandolhe por vinho mirrado a corrupção de minhas palavras, que para o meu Senhor forão o peior fel, & vinagre. Aqui conſiderarey, que em quanto o crucificárão, lhe paſſárão muitas vezes com os pès por ſima do roſto, & fazendolhe mil afrontas, & a nenhũa moſtrou irarſe, antes a todas ſobmeterſe.

Será a minha meditação, não ſó a paciencia do meu Senhor em tormentos tam inſofriveis, mas aquella humildade admiravel, com que debaixo dos pès dos homens, & dos homens mais vìs, & baixos, pois erão verdugos, & algozes, ſe poz o Princepe dos Ceos, a Mageſtade Divina, & o Senhor univerſal do Mũdo. Aqui cuidarey, que olhando para mim, & fallandome com o ſeu ſilencio, me diz ao entendimento: Filho, muito, muito à minha cuſta te enſino, mas ſe ainda não aca-

acabo comtigo quanto quero, que muito he que faça quanto posso ? E ainda que tam cruelmente me ates as mãos para te não fazer beneficios, quando ellas estão mais prezas com este meu sangue, mais solto a teu remedio, & teu aviso. Olha, & adverte este espectaculo, que para os Anjos he assombro, para os Elementos pasmo, & para teus enganos rizo; aprende delle esta humildade, em que ves ao Senhor do Mundo, & a Divindade de Deos, não só aos pès dos peccadores, mas pizada dos mais preversos, feita despreZo das infamias, & zombaria das injurias. E será bem que vendo isto, te prezes de soberanías, altivezas te desvaneção, & honras, & aplausos te dém gosto; tu que es sómente hum pô unido, huma vivente corrupção, & hum pouco de lodo animado; tu cujos antes forão nada, cujos agora saõ hum ponto, cujos depois hão de ser cinza? Tu em fim hum bichinho vil, te queres ensoberbecer, sem ver que todas as criaturas devem armarse contra ti, por quantas vezes te atrevs este contra o

teu

teu proprio Criador : Hora, Filho do meu coraçam, tu naõ te queiras caſtigar, pois te procuro advertir, & menos te quero perder, pois vim ao mundo ſó a ſalvarte. Envergonhate de que no mundo, onde ha tantos melhores que tu, os queiras envergonhar, & a Deos, moſtrando neſſa vaidade, que es melhor que eu neſta virtude; pois parece que me reprehendes de que nam ſey parecer Deos, & que queres emendar iſto com enſinarme a Divindade: eſta foy a primeira culpa, & a mayor de todas as outras, que em caſtigo de ſua vangloria fez cahir os Anjos no Inferno, por querer erguerſe a mayores com a minha Cadeira no Ceo. Neſta Cruz faço hoje a Cadeira para te enſinar as virtudes, ſe pretendes ſer meu Diſcipulo. O A. B. C. he a humildade, & por iſſo he o fundamento de toda a ſabidoria: ſe queres por Meſtre a Luciſer, a ſoberba he o non plus ultra, donde nam poderás paſſar mais que à tua condenação, & aos caſtigos de minha ira.

Serà o fruto deſta hora, conhecer, que

que sem humildade ninguem edifica no Mundo, nem funda bem para Deos a casa da Oração, & que deve ser verdadeira, & não de humas falsas humildades, que com rosto de reverencia daõ muitas vezes costas a Deos, & vestidas de hipocresias, se vè que saõ refinada soberba, pois se servem de modestia em quanto as honra a cortezia, & descobrem o que saõ, logo que a contrariedade as prova.

LAVDES.

Factus obediens vsque ad mortem, mortem autem Crucis.

TOrnando a pòr os olhos da Alma no meu Senhor posto na Cruz, cõsiderarey a mansidão com que entregandose aos algozes, obedeceu aos Decretos de seu Eterno Pay, sem que no meyo dos tormentos se lhe visse hũa repugnancia, ou se lhe ouvisse hum queixume.

Serà a minha Meditação neste discurso, ver que obedecer, & queixar não se

compadecem; reſignar,& não conſentir, não ſe pòdem juntar ; & ſe o Filho de Deos, a meſma innocencia,ſe ſogeita aos caſtigos da culpa;ſe o Senhor,o Entendimento Divino,obedece à vontade de ſeu Eterno Pay, & ainda á vontade dos homens, Nós os miſeraveis, & neſcios, os que nos ſogeitamos à culpa , que razão teremos de não obedecer à razão, de nos não ſogeitarmos aos maiores,& de nos não prezarmos de ſubditos , quando na meſma natureza obedece o Norte a hũa pedra, ſe ſogeitão ao Mar os Rios, ſe humilhão ao Leão os brutos, ſe entregão eſtes ao Homem, que devè ſogeitarſe àquelle, em cujas mãos poz Deos o Mundo , & que em fim ſendo ſuperiores, repreſentão ao meſmo Deos.

Será o fruto deſta hora , exercitar obediencia , não ſó aos noſſos mayores, mas às mais humildes creaturas , em quẽ eſta o noſſo Deos, a quem ſervimos , ſe o ſervimos, fazendo ſempre conta,que elle nos manda nellas , pois iſto nos enſina Chriſto na Cruz , & quem pela Cruz ſegue

gue a Christo, atè a morte ha de obedecer no que não for contra a sua Alma, sugeitandose ainda a Alma, o corpo ao Espirito, a graça à Natureza.

PRIMA.

RE colhendose os meus sentidos aos interiores de minha Alma, verey como estando o meu Senhor na Cruz, rasgadas as mãos com pregos, aberto o corpo com os açoutes, ferida a cabeça cõ os espinhos, atravessada a Alma com as afrontas, cortado o coração com penas, cubertos os olhos com lagrimas, as entranhas despedaçadas com mágoas, disfigurada a cor do rosto, correndo o sangue das feridas, os pès, & os nervos estirados, estalandolhe todos os ossos, doridas todas as potencias, morrendo todos os sentidos, quando mais crescião as ancias, porque se dobravão as injurias de Deos, & as offensas dos peccadores, levantando os olhos ao Ceo, com aquella bondade immensa, com aquelle amor entranhavel,

disse a seu Eterno Pay: Meu Pay, & meu Senhor, perdoay a estes, que me offendẽ, porque não sabem o que fazem. Oh piedade inexplicavel! oh bondade incomprehensivel! se para os que vos offendẽ, & affligem pedis perdão entre os tormẽtos, que fareis com a penitencia, a quem postrado vos adora? Se os que obstinados vos aggravão, achão desculpa em vossa queixa, os que vos chorão compungidos, que acharàm na vossa misericordia? Se desprezando vossos beneficios sois propicio com os seus ingratos, rogando vossas benignidades, que sereis com os agradecidos? Se com humas Almas de marmore, se com huns coraçoens de pedra tendes entranhas de Cordeiro, com hũa condição de cera, com huns olhos cheios de lagrimas que usarão as vossas brandùras? Acabadas estas palavras, ou outras, que de outro modo se sabem dizer melhor com Espirito:

Será a Meditação a ardentissima caridade q o Senhor nos ensinou na Cruz, não só sofrendo, & amando seus inimigos,

gos, mas desculpandoos com seu Pay, & pedindo perdão para elles: & sendo esta virtude o timbre com que se coroa o edificio espiritual, foi a primeira que exercitou o meu Senhor na Cruz, para mostrarnos, que quem se crucifica ao mundo, & o crucifica em sy, ha de ser aos vicios, & não ás pessoas; porque de outro modo não levarà bem a Cruz, nem mostrará que ao seu coração se derramou o fogo do Espirito Santo. Este he o modo com que o Senhor tinha dito, que traria a sy todo o mundo quando se exaltasse na Cruz, atrahindo, & atando a todos com a união da charidade: quem a tiver terà a Deos, & ao cõtratio nada terà de Deos, quem nada tiver de charidade; com esta se encobrem os delictos dos proximos, como Christo nos ensinou; & com esta devemos a toda a hora. os que somos servos de Deos, andar dizendo cõ as obras, & com o exemplo de Sam Paulo: Quem nos poderá apartar da charidade do Senhor?

TERÇA.

CVidarey a esta hora, que vejo pender da Cruz ao meu Senhor, tam nu dos alivios da alma, como dos abrigos do corpo, sem que lhe deixassem seus inimigos, nem aquelles leves reparos, cõ que se perdoa à modestia, & se cobre a honestidade.

Considerarey, que o Senhor não sofreu o tormento de verse nù, por restituirnos por este modo, ou deste modo ao estado da innocencia, que perdendose cõ a culpa, se envergonhou da desnudez, & se cobrio com o vestido; mas porque havendo de vello o mundo, a quem em tudo foi exemplo, visse a pobreza nunca vista, com que ao poremno na Cruz, ao levantaremno no ar não levava nada do Mundo, nem queria nada da terra; para ensinarnos, que então he a Cruz para os Ceos escada, não só quando da terra nos tira, mas quando nos tira tam pobres, que não levamos mais thesouro que a chari-

charidade, a pobreza, & os mais adornos das virtudes, que o Senhor nos mostrou na Cruz.

Será o fruto desta hora, dezejar vivermos tam pobres na imitaçaõ de Christo, que depois de o seguirmos na Cruz, & de sahir do Mundo, não queiramos nada delle mais que a Cruz, vivendo nelle de maneira, que estando com os pès no ar para obedecer a Deos, pareça que dos braços da Cruz fazemos azas para voar com as penas dos Serafins, que tanto serão mais leves, quanto menos for o pezo que levamos das cousas da Terra. E nós, principalmẽte os Filhos de meu Padre Sam Francisco, devemos lembrarnos das festas da Alma, & do amor, com que encontrando elle a pobreza muito fermosa, ainda que em trajos despreziveis, lhe dizia com todo o coraçam, abraçandoa suavemente: Venha embora a minha senhora pobreza.

SEXTA.

CVidarey entrando na Oração, que o meu Senhor crucificado na minha alma, não só me ensina com as obras, o que hey de fazer por seu amor na Paciẽcia, & mais virtudes, porèm tambem cõ as palavras.

Considerarey, que as palavras de Christo não só saõ de fruto que as de suas obras, antes saõ verdadeiro fruto da Arvore da Cruz, pois dellas nos faz colher a doutrina, de que nos havemos de aproveitar na tribulação, mostrando em tudo o que dizemos, que perdoamos aos inimigos, que dezejamos meter no Paraiso a todos, que pedimos a Deos que nos nam dezempare, nomeando por Pay só a Deos, que dezejamos padecer por Deos, & que nos pomos nas suas mãos, q̃ tomamos por Máy a Virgem, & que ella nos queira por filhos, ou ao menos por escravos, & que cumprimos nossas palavras, consumandose nossas obras, com abayxar

abayxara cabeça a tudo o que for sua võtade, que he final mais evidente de lhe entregarmos o nosso Espirito.

Será o fruto desta hora [& será hũ dos mais importantes] conhecer depois de crucificarmos ao Mundo, que devem as nossas palavras dizer com as nossas vidas, & nascer das nossas obras palavras de edificação, & de espirito, mortificados sem as flores, & sem as folhas das elegãcias jactanciosas, com que na pompa da eloquencia florece a discrição humana, fugindo daquelles enfeites, de que fazem gala os juizos, cuja soberba, & ostentação poem no concerto, & no ruido toda a fadiga dos discursos; as palavras hão de ser castas, o modo humilde, as vozes brãdas, sahidas do coração, que se forjem dentro no peito, & se temperem na prudencia, de maneira que sem estrondo, façã o tiro sem sentirse, penetrando dẽtro nas Almas, & não ficando nos ouvidos; & sobre tudo palavras que digão com o que se faz, para que não zombem de que não frizem com o que se diz.

NOA.

NOA.

AQui consideraremos, que vendo padecer o Author da vida, o dia se veyo de noites, o Sol de trevas, o ar de espantos, a terra de medos, & o Ceo de assombros, abrindose as sepulturas, sahirão os mortos a cõfessar estas maravilhas, quebrandose as pedras, reprehendèrão a nossa dureza, rasgandose o Veo do Templo, se descobrirão os segredos da Divindade; & só os coraçoens humanos parece que se empedernirão, pois tam poucos houve que temessem a Deos, fazendo nelles tam pouco movimento hum tamanho terremoto.

Será a Meditação desta hora, quam pouco havemos de querer luzir no mundo, onde se poz taõ eclipsado, não só o Sol material, mas o mesmo Sol de justiça, a cuja vista devem quebrarse coraçoens de pedra, pois se quebrão as pedras: o coração, mostrando que ellas tiverão a razão, que nos faltava, & nós a dureza que nellas

las se não via: a cuja morte se devem abrir as sepulturas de nossas consciencias, para que resuscitando os mortos da culpa pela confissaõ dos peccados, não se esconda debaixo da terra o que ha de aparecer em juizo; a cujo horror deve tremer a terra do ser humano, & moverse este pó unido, pois nos penedos insensiveis, nas serras, nos montes, & Elementos fez hum movimento tam grande: a cujo exemplo rasgandose o Veo da modestia, que escóde em nós as virtudes, ha de descobrir santidade, que vista pòde dar espanto, & persuadir o mesmo exemplo.

Será o fruto desta hora, sentir hum grande movimento de amor de Deos, a cujos terremotos caya tudo o que edificamos no Mundo, vestindo a Alma pela morte de seu Senhor aquelles lutos de tristeza com que arrastrão os coraçoens o seu pezar, & a sua culpa, em cuja pena nos devemos envergonhar muito, de que as pedras sem sentimento, as luzes sem juizo, & os Elementos sem alma, dem mayores sinaes de amor, & mayores mostras

ſtras de pezar, que hũa alma que tem võtade, & hum juizo que tem diſcurſo, & que hum ſentimento que tem razão.

VESPERAS.

COnſiderarey, como eſtando o Senhor na Cruz, a cabeça cheia de eſpinhos, os olhos cheios de afrontas, lagrimas, & ſangue, os ouvidos de blasfemias, o roſto de ſalivas, & bofetadas, a boca de fel, & vinagre; as barbas, & cabellos ſantiſſimos de dezacatos, & deſprezos, & a garganta de cordas, & baraços: os hombros pizados da Cruz; eſtirados os nervos; os oſſos deſconjuntados; as mãos abertas, & feridas com tanta crueldade nas quinas dos pregos, & no entalado dos buracos; o corpo todo raſgado com chagas, & os joelhos com quedas; os pès de parte a parte atraveſſados; as coſtas abertas de golpes; & todo em fim hum mar de ſangue, morto, afeado, & denegrido; não contente a maldade humana, lhe paſſou o peito com huma lança, querendo

paſſar

passar com morte àlem da morte. Porèm mostrando o Senhor quanto erão mayores as suas misericordias q as nossas mayores maldades, donde havia de sahir hũ diluvio de castigos, sahio hum rio de piedades, & hum mar de Sacramentos, com cujo beneficio cobrou vista o cego, que o tinha ferido, não só nos olhos do corpo, mas nos do Espirito, de que se seguio, que confessando sua culpa, & a bódade de Deos, não só alli, mas por todo o mundo veyo fielmente a ser triumfo cõ a coroa de martyrio.

Serà a Meditação desta hora, ver quam cegos somos todos os que offendemos ao Senhor, pois estando elle morto por nosso amor, & feito em pedaços por salvarnos, sem ver o que fazemos sobre as offensas cometidas; quasi queremos mostrarlhe que hão de sobrevir nossas offensas a suas misericordias, exceder nossas maldades aos extremos da Redempção. Mas o Senhor, como Pay de immensa piedade, não consentindo esta cegueira, dandonos nos Sacramentos vista, dezen-

tranha a misericordia do mesmo lugar, em que pudera tomar a peitos a justiça, & vingandose de nòs, ou em deixarnos mais ingratos com o excesso dos beneficios, ou em vernos convencidos com a multidaõ dos favores, só trate de nos reduzir, para que vejamos a quem chegamos a offender, ainda que para elle sejaõ lançadas, q̃ nos cheguemos a elle para o ferir somente: por cuja causa podemos com o outro Santo chamar ditosa a culpa, que acquirio tal remedio.

Será o fruto desta hora, a frequencia do Sacramento da Eucharistia, confessãdo a cegueira de nossas culpas em muy doridas confissoens, & não chegando a elle para lhe ferir o coraçaõ às cegas, mas que muito às claras ponhamos a boca naquella fonte de aguas vivas, onde se lavaõ nossas culpas, & se recreaõ nossas Almas, para que com nova luz da graça, & novo espirito de Deos, possamos tambem no mundo dizer qual he o nosso Deos, pondo a vida por seu amor; pedindolhe ultimamente, que se os cegos,

se

se aquelles q̃ o offendẽ, tiraõ do seu peito esta mina, nos que sequiozos buscamos a fonte da Graça, naõ alcancemos menos.

COMPLETAS.

CVidarey, como Ioseph, & Nicodemos, tirando as espinhas com que estava o Senhor na Cruz, o descéraõ della, & o puzeraõ nos braços da Virgem, cujo coraçaõ depois de trespassado com a lançada, que déraõ ao Senhor no peito, & com a vista de tudo o que tinha padecido, foi novamente ferido com a vista daquelles cravos, que lhe tiràraõ cheios de nervos, & de sangue, & com os golpes das martelladas, que para tirallos lhe déraõ, renovando a dor com a memoria das que tambem lhe déraõ para o pregar na Cruz.

Consideratey, que todas ás vezes q̃ tiro de mim máos pensamentos, que deixo de fazer más obras, & de dar màos passos, tiro da Cruz o meu Senhor, & lhe tiro os cravos, & os espinhos, pondoo nos

nos braços da minha alma, para onde, naõ só da Cruz, mas dos Ceos, parece que desce o Senhor por me agradecer este serviço, & toda a dor que tive de sua Payxaõ.

Será o fruto desta hora, hũa grande dor de peccados, que tam cruelmente tratárão a meu Deos, entrando com grãde ancia de coraçaõ por toda a ferida a ver as entranhas de seu amor, que parece que todas estas portas me abrio, para que entrasse no seu coraçam, dizendo por todas as bocas cõ que me fallaõ suas chagas, que mais quer que nellas eu me sepulte, & me esconda de sua ira; que nam que lhe dé sepultura de tumulo de pedra, ou em hum coraçaõ de marmore.

Summa.

MElhor será a toda a hora estar abraçando na Cruz ao meu Senhor, como a Magdalena, ou assistindolhe como a Virgem Santissima, & como S. Ioaõ com o coração de amor, mais que de discur-

curso, sem largar ja mais seus pés, salvo se for para lhe tirar os cravos, & espinhos, como a sima fica dito, estando sempre em hum continuo movimento da Alma, cõ que o abrace o coração. E ao menos exercitemse nestes dias as virtudes, que na Cruz se aprendem, convem a saber, a Humildade, a Obediencia, a Charidade, a Pobreza, a Modestia, o Fervor, o Dezejo dos Sacramentos, & huma perpetua Contrição. E quem contra isto não cometer nada neste dia, terà verdadeira Oração, pois para o exercicio destas virtudes, que se hão de praticar mais com as obras, que com as tençoẽs, se consideràõ os Mysterios deste dia.

Quem não tiver mais que huma hora, poderá, se quizer, considerar, que a Alma he Nao, que lutádo com as ondas dos vicios, & cõ o tẽporal do seculo, não pode buscar o porto da salvação, por haver perdido o Norte da Graça, por ter o Ceo contra sy escuro, cuberto o mar do Mundo das sombras de suas cegueiras, entre cujos baixos, & rifcos, a Carne he

Seréa, que nos atrahe, o noſſo amor proprio, a Rémora que nos detem, os goſtos enveja dos que nos enganão: & finalmente o Demonio, tormenta que nos contraſta. Porèm parecermelha, que quando as vellas da vaidade nos metão no fundo da culpa, quando os chuveiros dos caſtigos nos ameação com diluvios, & quando os perigos do mar nos ſoçobrão com naufragios, fazendo o meu Deos Piloto, & tomando o leme da Cruz, fazendo recolher as vellas, mandandome trabalhar nas furnas, & compaſſando toda a Nao, me trocou o medo em eſperança, fazendo bonança a tormenta, o naufragio boa viagem, a noite dia, & a ſombra luz, & pondome à viſta da terra, de que me fez Memento homo, me fez tomar via direita pelo Mar Vermelho de ſeu ſangue, por onde ſó promete que chegue cedo a ſalvamento, mas que poſſa na ſua Caſa gozar perpetua felicidade.

SAB-

SABBADO.

No Sepulchro.

MATINAS.

CVidarey como Ioseph de Arimathia, Discipulo oculto do Senhor, depois de pedir o seu Corpo a Pilatos publicamente, & depois de o tirar da Cruz, o levou para o Sepulchro, & antes que o sepultasse, o ungio com preciosissimos unguentos, & o envolveu em hum lançol limpo.

Considerarey, que os que occultamente tem Oração, não tem o fervor do Espirito para publicamente buscar a Deos, senão depois de cuidar na sua morte, & Payxão, onde vendo que nos braços de sua Alma descem ao Senhor da

Cruz, para fazerlhe altar, ou sepulchro do coração, o trazem no seu peito, o enchem de suaves unguentos, & isto he o cheiro das virtudes, & suavidade da Oração, & o apertão ultimamente com lançol da castidade.

Será o fruto desta hora, não se nos dar do que dirão os que não vierẽ a buscar a Deos com mayor fervor, vendose morto por nòs, afrontado por nossa causa, por nosso amor crucificado. E em fim considerando que fomos o fim de suas obras, nos resolvemos a que todas as nossas o tenhão por fim, fazendo muito não sô por trazello na Alma como de passagẽ, mas por lhe dar muito de assento ao coração onde repouze, pois tãbem por nos dar exemplo, por nos dar o Ceo, & a sy mesmo, sem querer de nòs outra cousa, mostrou, que não teve onde reclinasse a cabeça no Mundo, aonde as feras tem suas covas, aonde as aves tem seus ninhos, & onde não quer mais de nòs, q̃ darmoslhe o peito por ninho, & o coração por cova, que para elle he leyto suavissi-

vissimo, quando hũa grande castidade he lançol em que se deita, pois não ha virtude que mais chegada ande a Deos, nem mais necessaria para quem ha de tomar corpo de seu Eterno Filho.

LAVDES.

Monumentum novum in quo nondum quisquam positus erat.

CVidarey, como depois de ungirem ao Senhor com preciosos unguentos, & de o involverem em hum lançol puro, o puzerão em hum sepulchro novo, onde ninguem se tinha enterrado.

Considerarey, que o sepulchro he altar do Sacramento, onde se encerra o Mysterio da Eucharistia, & mais principalmente figura de quem ha de chegar ao corpo do Senhor, para fazerlhe altar do coração: & assim deve entender que o Senhor se não mete por dentro, senão em Almas muito novas pela penitencia; que isto significão os golpes, com que a

pedra eſtava lavrada ; ou onde outro a morte não puzeſſe , que iſſo vem a ſer a novidade do Sepulchro , que ſe deu a Chriſto , onde outro ſe não havia poſto. E iſto ſerà quem pela caſtidade o meter no ſeu coração , ou quem deſpindoſe do homem velho cõ novo eſpirito de Deos , para fazer huma nova vida , ſe lhe meta hũa Alma nova.

Será o fruto deſta hora , o exercicio de comungar a Chriſto em Sacramento , ou em Eſpirito , entendendo que ſó então ſe meterà muy por dentro de nòs , quando com o cheyro das virtudes , quãdo com a ſuavidade da Oração , cõ lançol de caſtidade ungido , & amortalhandoo em nós , o recebermos com hum tam novo Eſpirito , que nada do mundo tenha poſto em noſſa vontade , mais que hum grande deſprezo do Mundo , hũa grande negação de nòs meſmos , & huma grande reſignação a quanto for vontade ſua. Advertindo tambem , que não querendo o Senhor em vida ter onde reclinaſſe a cabeça , na morte (iſto he no Sacramento)

quiz

quiz ter as põpas de hum sepulchro grãde, não por se acomodar ao mundo nos Pyramides, & Mausoleos, que celebrou a antiguidade por memoria das maravilhas humanas, mas porque sendo figura do Altar, onde está o Corpo de Christo, & memoria das maravilhas de Deos, nestas representaçoens de morto lhe fizemos sempre obsequios, com as exequias da lembrança, pois estas erão as honras, que nòs lhe podiamos fazer.

PRIMA.

Erat autem in loco ubi crucifixus est Iesus, hortus, & in horto monumentum novum.

CVidarey, que não só o Horto foi o lugar onde começou a Payxão do Senhor, mas tambem onde o crucificàrão, & onde ultimamente o sepultàrão.

Será a Meditação desta hora, ver que a Oração figurada no Horto (como já

diſſemos] he o lugar, & o caminho por onde o Senhor, aſſim na vida, como na morte nos acompanha; & por iſſo nòs depois de começar nella à imitação de Chriſto, havemos de fazer muito por acabar a vida nella, & por ſepultarmonos nella de maneira, que ſeja para Deos altar o que para nòs ſepulchro: & ſeja para o mundo exemplo o que para nòs deſcanço; advertindo, que aſſim como no Horto havia flores, & frutos, mas todos ſó ſe achárão dentro no Horto: aſſim as grandes virtudes, & perfeiçoẽs ſe achão todas na Oração; mas com hũa particularidade, que ella he como o primeiro movel, a cujo movimento andão as mais eſferas; ou como a roda mayor do Relogio, que ainda que haja nelle muitas outras, nenhuma ſe move, ſem que a mayor comece. E tam coſtumado eſtarà o Senhor a nos dar eſte bom exemplo, que ſobre o coſtume da vida, atè na morte, & no ſepulchro nos moſtrou, q̃ não deve hũa Alma de Deos ſahir nunca do bom coſtume da Oração.

Serà o fruto deſta hora, goſtar de ma-

maneira da Meditação, ou fazermonos a ella tanto, que possamos dizer com David, que amamos muito ao nosso Deos, pois todo o dia he meditação nossa; & nisto parece que se obriga a Deos de maneira, que tem por Horto o que he sepulchro, & por flores o que parecem sombras; a cuja sombra vivendo a Alma, deve não deixar passar os auxilios, & as Divinas inspiraçoens, que a cada hora da Oração neste Horto nos vem nascendo em suas flores, inspirando antes dezejar com a Esposa alentarse com estas flores, vivendo em sua fragrancia, & fugindo do máo cheyro da culpa; correndo nos de ser tam ingratos, que parece que o mesmo Deos anda chorando em nossas Almas, de ver que se perca Bethzaida, com o mesmo com que se salvara Sidonia.

TER-

TERÇA.

In monumento excíſo.

CVidarey, que o Senhor foi poſto em hum Tumulo de pedra, & de huma ſó pedra.

Será a Meditação deſta hora, entender, que para ſermos huma ſo couſa no mundo, quer o Senhor que ſejamos ſempre huns, & cada qual huma couſa ſó. Huns ſempre, porque na perſeverança moſtremos, que ſempre ſomos huns, & que nada do mundo nos fez outros. São inimigos da diviſaõ, que por não tella cõ ninguẽ, cõ todos pareçamos huns, & nòs o ſejamos a tè nos meter em hũa cova, & tam ſós, pois nos prezamos de huns, q̃ atè de nòs nos apartamos, quando a cõpanhia de noſſas inclinaçoens nos faça não parecer ſós huns, fazendo muito por deſpir o veſtido do homem velho, que à ſemelhança do tempo queria andar ao coſtume do mundo; & trabalhando mais

por

por vestir o coração de pedra, onde immovel ao bem, & ao mal, nem nos leve o vento da vaidade, nem nos mudem as ondas das tribulaçoens, para que esta pedra, que ha de ser Christo, seja de atrahir a todos os meus sentidos, de tocar a todo o bom exemplo, de fundamento às humildades, & de preço ao amor de Deos, de quem como pedernal ferido, ou derrame fontes de lagrimas, com que se lavem minhas culpas, ou verta chamas, & faiscas, com que me acenda em seu amor.

Será o fruto desta hora, huma total deixação de mim mesmo, & huma tam constante deixação, que vasandome totalmente do mundo, me encha de Deos, com tanta perseverança, que sem tornar a ser outro, & prezandome sempre de hum, para Deos possa ser altar, & para mim solidão. para o mundo deserto; conhecendo, que só assim poderey ser qual Deos me quer, & que me ha de tirar de o ser, quanto fugir de verme só, quanto me fizer de estar comigo, quanto mais nas companhias do mundo, pois o ser só ainda

da dentro de mim, he o que me està melhor a mim, fazendo muito por não ter de mim nada, mais que o nada que fui, & sou, & que serey, se estiver sem o meu Deos.

SEXTA.

CVidarey, como o meu Senhor quiz que o sepultassem dentro em huma penha, & para este fim moveo efficazmẽte a seu Discipulo Ioseph.

Será a Meditaçam desta hora, que nos nam ha de desconfiar a dureza de coraçaõ, parecendonos, que nas sequidoens para Deos temos coração de pedra, pois por hũa só hora, que na Payxão de Christo as pedras se quebrárão, por hum dia que no Dezerto com a vara de Moysés, figura da sua Cruz, se enternecèrão, deitando de sy fontes de agua, não só nas pedras nos deixa sua Ley escrita com sua mão, não só fez a pedra, pedra fundamental de sua Igreja, mas fazendose pedra angular, em que todos edificamos, buscou nas pedras seu abrigo, dellas lavrou

vrou o seu sepulchro, & destas fez a sua pedra de Ara, para que assim fossem as melhores pedreiras, que achassem nossas petiçoens, quando nos parecesse que as pedras se levãtarião contra nòs, para apedrejar aquella maldade, que tantas vezes as infamou, fazendoas a nossa culpa pedra de escandalo.

Será o fruto desta hora, exercitandonos nas sequidoens com hũa grande constancia, conhecendo que a nossa dureza não nos faz mal quando conhecida, senão quando ignorada, & que se robustamente lavrarmos com a penitencia o aspero de nossa dureza, & o duro de nossa condição, pulindo este diamante bruto com os golpes da mágoa, lustrando com perseverança o tosco de nossa rudeza, põdose dentro de nossas Almas, escreverà sua Ley, edificarà sua Igreja, procurarà o sepulchro, fará a sua pedra de Ara, para que destas, & doutras, que elle mesmo arranca da terra, faça marcos para o seu Reyno, escadas para o seu Paço, & padroens para os seus titulos; tendo por cer-

certeza infallivel, que qualquer de nossos coraçoens por mais de marmore que sejão, se for pedra de tocar a Christo, ao menor toque de sua graça ha de verter rios de pranto, com que se fecunde, & regue a terra seca de nossa Alma, passando os torrentes da Graça atê as entranhas da terra.

NOA.

Posuit eum in monumento, & advolvit lapidem ad ostium monumenti.

CVidarey, como pondo Ioseph de Arimathia o Senhor no Sepulchro, o escondeo aos olhos do Mundo.

Serà a minha Meditação, conhecer que quando mais serviços fizer a Deos, quando o sentir dêtro de mim mais, hey de fazer muito por esconder do mundo o que tenho no coração, para que tendo posto huma pedra sobre minha devoção, ao parecer da gente, não possa algum ar de vaidade entrar dentro de meus silencios, & do segredo de minha Alma, fechan-

chando com esta cautella a porta por onde pòde a presunção, ou a soberba humana entrar a roubarme o thesouro divino, que sempre searrisca, se se poem patente à estrada, & ao menos se tira delle o coração, se se deixa aos olhos, ou se se lhe não guarda a boca.

Será o fruto desta hora, saber pòr pedra sobre o thesouro de meu coração, para que o não furte quem o vir, fazendo muito por esconder o que Deos me der a guardar cõ o mais que fiar de mim, pois não quer que a ninguem digamos os favores, que lhe devemos; & por mais movimentos que sintamos, convem desmentillos no gosto, no sossego, & serenidade, que o mais sobre ser dezafogo da natureza, & não sobegidão de graça, he final que vivemos dentro de nòs por buscar fóra algum aplauso; porque os bons, & de grande animo sabem caber dentro de sy, & guardandose de sy mesmos, não poem a sua gloria na boca dos homens, mas nos segredos da consciencia, metendo debaixo da terra, & humildade, tudo o que

o que se nos vay pelos ares, se se levanta o pó da terra.

VESPERAS.

VEstindo meus olhos de lagrímas [que estas saõ o luto dos olhos] o coração de tristeza (que este he o capuz do coração) os sentidos de sentimento [que este he o nojo dos sentidos) hey de hir por dentro de minha Alma para o Sepulchro do Senhor ; & fazendolhe com a minha ancia o Enterro de meu alivio, a celebrar com o meu pranto as Exequias de meu amor, a repetir com a minha pena os Officios de minha saudade , onde assistindo interiormente a mágoa de minha lembrança , verey, que alli do meu Senhor me não fica mais q̃ o Sepulchro, pois a Alma foi para o Limbo , o Corpo se escondeu na terra, a Tunica levàrão os Soldados, & o Sangue lhe bebeo o odio, a vida lhe tirou a Cruz , & a Cruz nos tirou o escandalo.

Serà a minha Meditação , ver que para

para estar com o meu Deos, ou para o poder ter comigo, he necessario meterme em huma cova, fazer casa da sepultura, & não só enterrarme em vida, mas sepultarme dentro em mim, como homem morto para o mundo, sem se me dar de parecer hum adro ao parecer do mundo, em quem não deve já pòr os olhos quẽ poz em Deos o seu sentido; porque se elle, metendose na terra de nossos coraçoens, quiz assim estar no coração da terra, quẽ quer sahir tanto de sy, quem tem coração para deixallo, podendoo meter no coração, quando hum bichinho vil da terra nos reprehende com a sua vida, pois para sepultarse em vida, lavra com ella a sepultura, & quando os Iustos nos avisaõ, que do ser que tem nesta vida lhe não fica mais que o sepulchro.

Será o fruto desta hora, não só o recato exterior, com que cada qual só com verse com o seu silencio, & solidão, mas o recolhimento interior, com que enterrandose em sy mesmo, & ainda escondendose de sy, falle sempre com o seu Se-

nhor, em qualquer parte onde se ache: ou considere pelo menos aquelles golpes, & feridas, com que lhe tirámos a vida; seguindose desse discurso a dor das culpas, & peccados, pois morrernos o coração cõ o que se doe destas offensas, descobrirsenos desta nuvem negra, com que a tristeza no lo enluta, he o dô que ha nos coraçoens, & saõ os sinaes mais sentidos, que faz por elle nosso amor, quando o pesar nos dobra na Alma.

COMPLETAS.

CVidarey, como a Virgem Santissima, depois de seguir o Senhor atè o Sepulchro, com Sam Ioão, com a Magdalena, & as outras Marias, recolhendose ao seu cantinho, teve aquelle admiravel traspasso, em que por espaço de tres dias, o seu viver foi sentir, o seu dormir foi orar, o seu fallar forão suspiros, o seu silencio, & a sua bebida lagrimas.

Considerarey as grandes virtudes, q̃ traz cõsigo o Iejum, quando se junta cõ a Ora-

a Oração, pois não só se sente o q̃ se vive, & se vigia o que se dorme, mas suspira se o que se falla, soluça se o que se come, & chora se o que se vè: acçoens que no sentido mystico incluem virtudes mysteriosas para a perfeição de huma Alma, que não segue estes exercicios, senão depois que tendo a devoção, que se representa nas Marias, a penitencia que se figura na Magdalena, o amor que se significa em S. Ioão, & a pureza que se entende na Virgem, segue com todas o estado da mortificação, q̃ se declara no Corpo de Christo, quando hia para o Sepulchro.

Será o fruto desta hora, a observãcia do Iejum, com mortificação, & Oração; & este não só ha de ser o Iejum corporal da Temperança contra a Gula, mas da abstinencia contra os vicios no jejum espiritual; por isso jejuem os olhos, pois por elles, como portas da Alma, nos entrou a morte, & a culpa: jejuem tambem os ouvidos, pois em os dando à voz do seculo, he Seréa que nos encanta: jejue tambem a discrição, pois tudo o que lhe

cahe em ar, se lhe levanta em vento, de que se segue vermos no mundo, que todo o mal do entendimento consiste em darlhe o ar, porque esta he a ordinaria enfermidade dos juizos: jejuem todos os sentidos, pois embebendose no gosto que os atrahe, o seu engano não advertem bẽ os sabores, com que se adoção seus venenos: jejuem em fim as Potencias, a Natureza, a Liberdade, pois nos banquetes da Fortuna, nas iguarias do apetite, & nas provas atè do licito, não só a consciencia se arrisca, não só se estraga a virtude, mas ainda o vicio se bemquista.

Summa.

A Melhor Oração, que se poderà ter em este dia, he considerar a cada hora a virtude que se nos encomenda, exercitandoa pontualmente; convem a saber: A Matinas, a Castidade, ou ter a Deos por fim de tudo o que obramos. Nas Laudes, cõmungar ao Senhor em Sacramento, ou em espirito. Na Prima, costu-

costumar o entẽdimẽto. Na Terça, dè todo a tudo. Na Sexta, ter em Deos grãde confiança. Na Noa, obſervar a cautella. Nas Veſperas, o recolhimento interior. E finalmente nas Completas, o jejum eſpiritual, & juntamente corporal, & ſermos Bemaventurados, pois aſſim chama o Rey Propheta a quem medita no Senhor, não ſó no dia, mas na noite. Eſta fórma, que he a melhor, ſe guarde em todas as Summas, fazendo muito juntamente por fazer de noſſo coração hum ſepulchro, em que todo o dia arda a cera de noſſo coração em obſequio de noſſo Deos. Quem não tiver mais que huma hora, faça, ſe quizer, a Oração ſeguinte.

Cuidarey, que o coração he pedra, onde vindo o meu Senhor paſſar a feſta com minha Alma, a quem queria para Eſpoſa; ou abrigarſe com o rigor do tẽpo, atè que as ſombras ſe inclinaſſem; o acolhimento, que lhe fiz, foi tirarlhe a vida com minhas culpas, & peccados, não ficando parte em ſeu corpo, que eu não deſuniſſe com feridas, & não dezatà-

ra a crueldades ; porèm vendo enternecer com seu sangue , não sò as piçarras toscas, mas os marmores duros de meus interiores, arrependido do que fiz,& magoado do que olho , não podendo apartallo ainda, depois da morte , dentro do meu coração me parecerà que lhe ouço dizer : Filho , deste coração, que me negaste para leyto, ao menos me faze tumulo, & considera o que te quereria vivêdo em ti quem morto não pòde apartarse. Essa crueldade tua, q̃ para mim foi morte, não pòde deixar de ser meu sepulchro, pois ainda he essa ; fazeme estas ultimas honras , pois assim me trataste nas primeiras vistas. Acabandolhe de ouvir isto com grandes dezejos de emenda , começarão os golpes da penitencia a lavrar este penhasco duro , atè que deixandose cortar da mágoa,& amolescer do pranto, faça a sepultura ao Senhor , donde metêdo as minhas entranhas com grande pena de minha alma , ella se meterà dentro com elle, dezejando sepultarse em vida, & meter os olhos cõsigo , para que sepultados

tados nesta cova, & não só nas covas dos olhos, façáo chorar as suas mininas, em cujas capellas fechadas, se não apagará o lume dos olhos, até que se não apague a vista, & se chegue a noite da morte, sem fazer dentro cousa alguma, mais que chorar, & magoarme de ver qual puz a meu Deos, a meu Senhor, & a meu Esposo.

DOMINGO.

Resurreyção de Christo.

MATINAS.

CVidarey, como a Magdalena com outras devotas Mulheres forão a manhaã da Resurreyçã ao Sepulchro, primeiro que os Apostolos, levando os aromás, que tinhão preparado para o Senhor.

A Meditação deſta hora ſerà, não sò quanto devemos madrugar para buſcar a Deos, ſummo bem noſſo, mas conhecer quem tiver mayor fragilidade, que iſto ſe figura no ſecxo feminino; quem ſe vio nas tribulaçoens da culpa, ou nas adverſidades do ſeculo, que tudo iſto ſe repreſenta na noite, com mais preſſa que os outros eſcolhidos de Deos, que ſe entende pelos Apoſtolos, o devemos buſcar, & recorrer a elle com os aromas de hũ ſanto dezejo de lhe fazer algum ſerviço, não pondo por diante o medo do que nos pòde ſuceder, cuidando que ha quem impida ao Senhor, para que ſe não deixe achar de nós, que iſto ſe entende pelas guardas. Conſiderando tambem, que ſe a noſſa fragilidade, figurada na primeira mulher do mundo, foi a primeira que ſe afaſtou de Deos pela culpa, agora pela luz da Graça, cõ que ſe vão desfazendo as ſombras do crepuſculo de noſſas duvidas, deve ſer a principal, & primeira, que ſe deſvelle por chegar a Deos.

Serà o fruto deſta hora, exercitarmonos

monos com grande desvello em buscar pela Oração a Deos, deixando por seu amor os abrigos da cama, & o sossego do sono, que sempre suppoem perguiça, & mostra descuido em hũa Alma, que sem pregar os olhos deve andar sonhando cõ o seu Deos, por não perder em hum fechar de olhos, hum bem que desaparece a olhos vistos. Porque quem na perguiça do leyto furta a Alma à satisfação, não furta ao corpo a malicia; & ao Senhor, que se queixa dos nossos descuidos do Agora, Para q̃, Que fará, do Logo, Para depois? Em fim parece que lhe dà pouco do seu amor, não correr quem anda muito devagar.

LAVDES.

CVidarey, como as Santas Mulheres achárão virada a pedra do Sepulchro.

Serà a Meditação desta hora, considerarmos as maravilhas que faz o Espirito do Senhor onde chega: pois logo sua

Alma

Alma Santiſſima ſe reveſtio ao corpo no Sepulchro, obedecendolhe o pezo daquelle marmore duriſſimo, muy levemẽte ſe moveo, & totalmente ſe virou para nos mover á nós com o exemplo de que atè huma alma de pedra com o pezo grãde da culpa ſe vira de hum para outro eſtado, em lhe chegando aquelle Eſpirito; & ainda que ſem iſto poderá o Senhor ſahir do Sepulchro, parece o quiz aſſim, para moſtrar ao Mundo, que onde elle eſtá, ſempre ſuccedẽ maravilhas, & movimentos grandes, para que por elles o louvem, & conheção, que ſó elle as obra. Se pois huma pedra ſe vira, logo que lhe chega o Eſpirito de Deos, que razão tem hum coração humano, a quem tantas vezes em vão chegou o Eſpirito do Senhor, para não dar huma volta grande, obedecendolhe pelos ares, & publicando ſuas obras?

Será o fruto deſta hora, não reſiſtirmos ao Eſpirito do Senhor, & conhecermos, que aos ſeus impulſos ſeremos mais duros que as pedras, ſe com elle nos não mo-

movermos, & de todo nos não virarmos, pois ainda que o pezo dos peccados não carrega muito a consciencia, tudo com a pena, que disso podemos ter, se tivermos pesar para o sentir, ficará leve como huma penna, & desta se faràm as azas, cõ que subamos em hum dia mais do que devemos em hum anno.

PRIMA.

CVidarey, que como o Sol quando entra em alguma nuvem, que a deixa mais resplandecente, assim entrou a Alma de Christo no corpo, que estava no Sepulchro, deixandoo não só mais resplandecente que a neve, porèm mais claro, & fermoso que o mesmo Sol; & sendo vista horrẽda para as guardas, que lhe tinhão feito, foi suavissima visiõ para os olhos da Virgem Mãy, a quem (como affirmão muitos Padres) appareceo primeiro que a todos, mostrandolhe não só a sua Gloria, mas a de todos, que trouxe do Limbo, & do Purgatorio. Onde he de

crer,

crer, que todos os Santos lhe darião as graças de ser Medianeyra da Redempção, & da Gloria que gozavão na visaõ de Christo.

Aqui não só considerarey os abraços exteriores, que a Virgẽ daria ao Senhor, & os que delle receberia; mas hey de meditar interiormente na razão que houve para este favor; pois parece que este se concedeu à Virgem, por haver tres dias, que em huma continua Oração estava vencendo os tormẽtos, que lhe offendião a memoria, onde via a Imagem de Deos offendida, a Sinagoga condenada, afrontada a Misericordia, & exasperada a Justiça, alegre a culpa dos preversos, froxa a fé dos Apostolos, Ierusalem ameaçada, & o mais do mundo perdido; & no meyo de tantas ondas (qual penha immovel contra os mares) com viva fé cria a verdade do Senhor, com certa esperança esperava na sua Redempção, com ardente caridade pedia perdão por todos, offerecendo o sacrificio de suas lagrimas, & angustias do seu jejum, dores, & magoas.

Ou

Ou poderei meditar na Resurreição universal, de quem esta foi exemplo, onde o Senhor para confusaõ, & medo dos que se entendem pela Senhora, pela Magdalena, & Apostolos, virá na carroça das nuvens com grande gloria, & magestade a triumfar dos máos, & dar triumfo aos bons, que vencẽdo as contrariedades do Mundo, da Natureza, ou do Demonio, firmes se conservão em seu amor, a pesar das tribulaçoens, das angustias, & dos tormentos.

Será o fruto desta hora, exercitarmonos na constancia, & igualdade, com que faltandonos as consolaçoens, & cobrando nòs as penas, sequidoẽs, & adversidades, nos não vençaõ o animo, ainda q̃ nos tirẽ o alento, que nos não tirem o Espirito, ainda que nos desmayem o animo; pois he certo, que quem firme se sustentar cõtra esta guerra da Natureza, não menos que nos braços de Deos se ha de ver ainda neste mundo; porque assim como à noite o dia, ao Inverno a Primavera, se seguẽ à tristeza os gostos, às tribulaçoens as felicidades.

TER-

TERÇA.

CVidarey, como o Senhor appareceo à Magdalena, mas não lhe consentio, que o tocasse.

Será a minha Meditação ver os termos com que o Senhor pagou à Magdalena as mágoas, & lagrimas, que chorou, a mágoa com que sentio sua morte, & o amor com que o buscou no Sepulchro. Mas sobre tudo considerarey, que nem tudo isto he bastãte, que mereçamos por isto ter em nossos braços a Deos, presumindo de nòs que o podemos obrigar, & que para elle assim o fazer, o havemos nòs de tocar a elle, devendo só dezejar q̃ o Senhor nos toque a nós, pois se nos busca, he por sua misericordia, não por nossos merecimentos, & se muito o amamos, he por influxo de sua Graça, & não por acção de total sufficiencia.

Será o fruto desta hora, a prudẽcia espiritual, com que nos havemos de hir á mão no dezejo de mais favores, contentandonos com o que Deos nos quer dar, sem querer, porque nos dà muito, gover-

nar

nar a sua vontade, ou a sua Omnipotencia, devendo nós ao contrario ternos por tam indignos de todo o auxilio, que nos dá, de toda a graça, em que nos poem, de todo o favor, em que nos ergue, que ao mesmo passo que nos vejamos subir por seus beneficios, façamos por nos abater no nosso conhecimento, pois isto nos não tira de levantarnos na sua Graça, antes então parece que so o obrigamos, quãdo, se nos dá favores, os gozamos com humildade; quando, se nos dá tentaçoens, o louvamos com perseverança; & quando, se nos dá males, o bemdizemos com paciencia, conformandonos com a sua vontade em seguirmos o caminho por onde nos leva, & não navegar com mais vellas, que as que pedem os sopros do Espirito Santo, & pequenhez de nosso Navio, & o inchado das ondas do seculo, a quẽ convem atravessar cõ cautela, porque o tẽporal nos não sosobre, sem querer de hum folego, ou de huma sangradura chegar à India Espiritual, não nos contentando sem as vi-

visoens, & apparecimentos, que hão de ser mais que de dezejos das Almas, que estão neste Mundo, pois mais vezes nos cega o Sol do meyo dia, que o que nasce, ou o que se poem: isto he o que mais nos arrisca o estado mais alto, em que subimos, que aquelle em que começamos humildes, ou acabamos mortificados.

SEXTA.

CVidarey, como o Senhor se fez encontradisso com os Apostolos, que hião para Emaús, mostrandose em traje de peregrino: como fingio que hia para mais longe, para que lhe rogassem que ficasse com elles: Como comendo com elles o conhecèrão no partir do pão, abrindoselhe os olhos da Alma: Como logo lhes dezapareceo: Como depois lhes tornou a apparecer, dandolhes paz.

Serà a Meditação desta hora, ver como o Senhor se não aparta dos q̃ vè tristes por sua causa, & como vendoos tibios, & froxos, se chega a elles para os con-

confortar. Considerarey, que esta froxidão he quem nos cega os olhos à razam; porque até o Senhor anda em nossa cõpanhia,& o tenhamos por estrãgeiro: por cuja causa fingindo as suas entranhas de misericordia,que nos quer deixar (que estes saõ os fingimentos] nos dà a entender, que se quer pôr muito longe de nòs, por se mostrar tam frio na presença comnosco, como nòs entremos no Espirito; sendo tanto ao contrario, que só faz isto a fim de que o roguemos, & lhe peçamos,que nos não dezempare; pois he certo, que em elle querendo hir, vem sobre nòs a noite das adversidades, mostrando qual quer demonstração de amor, para que não se aparte de nòs, persuadindonos a que comamos, isto he, que nos cheguemos ao Sacramento. E buscandoo, elle abre os olhos d'Alma & distribue entre os seus escolhidos o Pão Sacramentado, com a virtude do qual se aparta de nòs o impedimento,com que os olhos do Espirito o desconhecem. E conhecemos,que para tudo o que convem saber de Deos,

só elle nos abre os olhos,& logo nos deza parece para exercitarnos a Fè, ou mostrarnos os dotes dos Bemavẽturados na agilidade, & sutileza. E depois tornou a apparecer, dando paz a seus Discipulos; para ensinarlhes quanto amava a paz; & que so os que fossem pacificos, serião Discipulos, & serião Bemaventurados.

Será o fruto desta hora, o grande fervor que inflame nossas Almas, & as nossas froxidoens, para que não desconheçamos os favores, que Deos nos faz, arriscandonos com elles a que o Senhor nos deixe. Ou huma continua petição de que nos não dezempare. Ou huma grande fé cõ que o vejamos com o Espirito; pois só o vè resuscitado quẽ medita na sua Gloria. Ou grande dezejo de paz interior, que he a cousa que Deos mais ama; pois ao nascer publicou paz aos homens, em quanto viveo a deu a toda a casa, onde entrou; & quando morreu, fez paz entre o Ceo, & a terra, fazendonos amigos de Deos, de quem eramos inimigos.

NOA.

NOA.

CVidarey, como o Senhor apareceu terceira vez aos Discipulos nas prayas do Mar de Tibiriades, onde elles toda a noite não poderão tomar peixe algum ; mas em fazendo elles o que o Senhor lhes ensinou, que foi lançar as redes para a mão direita, foi tanto o peixe que tirárão, que encherão os barcos, & as redes.

Aqui considerarey, que neste Mar se figurava o Mũdo, & nos peixes os homẽs, nas redes a Prègação, nos Discipulos os Prègadores ; os quaes trabalhando, isto he, o tempo errado de sua presunção, na parte da mão esquerda, isto he, entre os reprobos, & precitos, ou nos erros de sua Igreja ; não podèrão colher nenhum fruto de suas vaãs fadigas, mas pondo os olhos em Deos, que das prayas da Eternidade os ensina com seus avisos, & os avisa com seus exemplos, metendo as redes da Prègação, confiados em a palavra

de Deos, para a mão direita, isto he, o caminho da verdade, ou as Almas dos escolhidos, ou o exemplo com que prègão, não só enchéram as redes, & com ellas as esperanças, mas todo o Navio da Igreja de muitos, & muy grandes Santos, que trouxerão da Igreja para o Ceo, que isto he, do Navio para a praya, aonde o Senhor os esperava, para se recrear cõ elles nos banquetes da Eterna Gloria.

Será o fruto desta hora, exercitarnos na recta intençam, com que devemos dirigir a Deos nossas obras, & nam alguma nescia vaidade, com que no mar do Mũdo nam colhamos mais que vento nas redes de nossas esperanças; acabando de entender, que o naõ fazermos muito fruto, nasce de nam inclinarmos para boa parte as nossas obras, onde, como falta Deos, tudo nos falta, porque tudo he noite que nos cega, & erro que nos engana; atè que dezenganados disto, logo q̃ ponhamos os olhos em Deos, obedecendo a seus mandados, & guiandonos por seus conselhos, conheçamos a vista de

seus

seus influxos, & por experiencia de seus beneficios, que somos servos sem proveito, que com elle fazemos tudo, & sem elle nam obramos nada.

VESPERAS.

CVidarey, como o Senhor levando ao Monte Olivete os Discipulos, a Magdalena, & sua Mãy Santissima, depois de despedirse de todos com suavissimos abraços, pondo os pès sobre hũa pedra, onde ficáram impressas suas pègadas, subio aos Ceos, q̃ abrindose cheyos de luz, & claridade, cõ admiravel triumfo, com sonôras consonancias, com suavissimas melodías, o recebèram sobre o Throno das nuvens, & sobre os Choros dos Serafins, entre exercitos de Anjos, & de Espiritos Bemaventurados, que o cercáraõ, & levàraõ por toda a parte, enchẽdo o ar de alegria, o Ceo de festa, a terra de maravilha, atè que sendo recebido nos braços do Eterno Padre, se sentou à sua maõ direita, onde repartindo tambem

os

os assentos eternos pelos Santos, que levou comsigo, foraõ gloriosamente occupadas muitas daquellas cadeiras, que perdèram por ingratos, & soberbos os Espiritos condenados.

Aqui me parecerá, que achandome com a Virgem Santissima, & cõ os Apostolos, estou com elles absorto, & arrebatado, contemplando a grande Gloria de Deos, a grande Bemaventuràça daquelles Espiritos, a fermosura da Patria Celestial, a claridade, o resplandor, que nenhuma noite escurece, & que o dia eterno alumea, onde hindoseme pelos ares o Espirito, & o coraçam em seguimento do meu Deos, gastarey a hora, enlevãdome naquelle Occeano de glorias, naquelle pègo de delicias, naquelle mar de Bemaventuranças.

Serà o fruto desta hora, exercitarme o mais do tẽpo naquelle pasmo Celestial, naquella admiraçãosuavissima, que ande como embebido na contẽplaçam da Gloria, na superior Ierusalem, feito Cidadaõ dos Ceos, pela conversaõ do Espirito, q

toda

toda deve ser nos Ceos; se he que o buscamos como Patria, termos ao Mundo por Dezerto, & a Deos por Pay, & aos Anjos por amigos; sabendo, que nam só he favor do Espirito Santo o cuidar na Gloria, mas final grande de Predestinado, principio de Contemplativo, & prova de andar na presença de Deos, & esquecido do Mundo.

COMPLETAS.

CVidarey, como estãdo no Cenaculo os Discipulos cõ a Virgem Santissima, preparados já de muitos dias na Oraçam, & no Jejum, & tam unidos de amor de proximos, pois todos no mesmo lugar cabiaõ com igualdade, & sem preferencias, nam querendo a Virgem mayor lugar, por ser Mãy de Deos, nem Sam Pedro, por ser cabeça dos Apostolos, nem o Evangelista, por ser Valido do Senhor, nem Santiago, por ser seu Parẽte, mas antes fazendose todos bom lugar, com que pela uniaõ nenhum queria

ter mais que o meſmo: Deſceo ſobre elles o Eſpirito Santo, derramandoſe em linguas de fogo ſobre ſuas cabeças. Com cujos Divinos incendios, cheios de celeſtial ſciencia, & de chamas Eſpirituaes, pelo annunciar ſuas maravilhas, a enſinar ſua Fè, & a cõmunicar os theſouros do Ceo, dezejando que por toda a terra ſe ateaſſem as Celeſtes chamas.

*A*qui meditarey, como ſó no Cenaculo, figura do Altar do Sacramento, parece que recebem o Divino Eſpirito Sãto, os que com ardentes ſuſpiros, & com Oraçam pura o eſperáram; exercitandoſe nam ſò no amor de Deos com a elevaçam da mente, mas na charidade do proximo, & no amor da fraternidade, com que todos cabião em hum lugar, & moſtravam ſò huma fé, huma eſperança, & huns eſpiritos, ſem ſe lhe dar das authoridades do Seculo, & das preferencias do Mundo; onde por nam perdermos a ſuperioridade, & preferirmos a todos, vimos a perder tudo o que Deos nos dà pelo deſprezo, perdendo tambem a todos, a

quem

quem dezeſtimamos pela ſoberanìa, por cuja cauſa parece mentira, & he engano tudo que nòs temos por ſervos de Deos, por contradizermos com as obras, o que affirmamos com as palavras, que ſaõ ar, devendo ſer fogo, que he figura do amor de Deos, por quem devemos obrar tudo, amando em Deos a todos, por Deos, & para Deos; pois ſó entam receberemos aquelle fogo do Divino Eſpirito, cõ que correndo pelo Mundo a acender o genero humano, nem o Sol nos poſſa offender, nem a neve esfriar, nem os mares impedir, nem as anguſtias, nem os goſtos, nem as honras, nem as injurias, nem a morte, nem a vida, que iſto vem a ſignificar dar o Senhor o ſeu Eſpirito em linguas de fogo, & nam polo nas bocas dos Apoſtolos, ſenam ſobre ſuas cabeças; moſtrando, que o amor de Deos nam havia de eſtar na boca, onde ſó ha palavras, mas na cabeça, onde o Entendimento falla, a Vontade obra, & a Memoria conſerva.

Serà o fruto deſta hora, aquella chave com que ſe fecha, & guarda em duas pa-

palavras pontualmente a Ley de Deos, iſto he, o amor de Deos, & do Proximo; para quẽ naõ havemos de querer menos, q̃ para nós, amando a todos como a nòs meſmos, & a Deos ſobre tudo; fazẽdo neſte modo p r naõ receber em vazío o Eſpirito do Senhor, por ter entendimẽto na cabeça, & naõ em a lingua, põdo na cabeça ſeus beneficios, & dẽtro nalma ſeu Eſpirito, cõ q̃ naõ ſó ſe eſcreva ſua Ley em novos coraçoẽs, mas fazẽdo eſcrevèlla no livro de todo o Vniverſo cõ rubricas de ſangue, com chamas de fogo, & movimento d'Alma, naquelles impulſos vehementes, com que a ſua vontade ſeja o noſſo goſto, a ſua Gloria o noſſo fim.

Summa.

O Melhor de tudo ſerà, todo o dia, ou ao menos toda a hora, conforme o exercicio de cada hum, exercitar o deſvello, com que o devemos ſervir, a conformidade com que ſem reſiſtencia nos devemos entregar nas ſuas mãos, a cõſtãcia cõ q̃ nos havemos de pòr a todas as tribu-

tribulaçoens, na prudencia com que nos havemos de medir, com a que elle quer na Fè que devemos guardarlhe, & na paz que devemos ter na intençaõ com que o obrigamos, na contemplaçam com que ainda he Ceo no amor do proximo, & de Deos, que ainda em sy he Gloria.

Se não tiver mais que huma hora, cuidarey, que minha Alma he Ceo, onde a vontade he Serafim, que se occupa em amar a Deos; o Entendimento Cherubim, que nelle se está admirando; a Memoria Throno, que sempre lhe está assistindo; os Sentidos Anjos, que sempre lhe estão ministrando; as entranhas, & o coraçaõ Santos, que sempre o estaõ louvando, & considerando a pureza, cõ que os Anjos estaõ no Ceo; a fermosura do Ceo, a Gloria da Bemaventurança, onde os Celestes Espiritos se estão revendo no meu Deos; vendo que elle me fez Ceo este dia, em que quiz vir estar comigo, farey por viver como se o fora, por servillo como se fora Anjo, por amàllo como Serafim, por assistirlhe como Throno,

no, por louvállo como Cherubim, andãdo todo o dia paſſando dentro de mim meſmo naquella altiſſima preſença, eſforçandome a toda a hora por fazer o q̃ diz Sam Paulo: Sendo a noſſa converſaçaõ toda no Ceo; em Deos, & em ſua Mãy Santiſſima, em os Anjos com os Sãtos entre aquelles jardins ſuaviſſimos, naquelles ſuaviſſimos, & celeſtiaes Paços, onde o Senhor do Mundo aſſiſte, onde toda a Gloria ſe acha, & onde dentro de nòs meſmos podemos ter os Ceos abertos, ſe fechando nòs para o Mundo os olhos da Fè, & olharmos com a viſta da Alma aquella luz, & claridade incomparavel, & infinita, ſe imitando aos Ceos noſſas Almas, nem tem por dentro deſta luz nuvens de erros, que os encubram, manchas de culpas, que os afeem, ſombras de offenſa, que os eclipſe.

Fim da Semana.

Quem não poder ter Oração, faça ao menos por guardar a Virtude, que a cada hora ſe encomenda.

Segunda feyra. O Senhor no Horto.

Matinas. Conhecimento de noſſa vocaçam, ou amor da ſolidão.
Laudes. Memoria de noſſas culpas.
Prima. Vigilancia para naõ cahir.
Terça. Fortaleza para naõ deſmayar.
Sexta. Reſignação na vontade de Deos.
Noa. Eſperança nas tribulaçoens.
Veſperas. Amor de Deos por ſua Bondade.
Completas. Odio aos vicios por ſua maldade.

Terça feyra. O Senhor atado à Coluna.

Matinas. A Honeſtidade.
Laudes. Brandura de coração.
Prima. Dezengano da vaidade humana.
Terça. Cuidado da honra de Deos.
Sexta. Perpetua memoria de Deos.
Noa. Temor de Deos.
Veſperas. Amor à Oraçaõ.
Completas. Fervor na Oração.

Quar-

Quarta feyra. O Ecce Homo.

Matinas. A mortificaçaõ.
Laudes. Saber examinar a Cruz, ſe he boa, ſe mà.
Prima. A Perſeverança.
Terça. Lagrimas d'Alma, & do Corpo.
Sexta. Memoria do Iuizo.
Noa. Memoria da Payxaõ.
Veſperas. Memoria da Morte.
Completas. Dezejo da Perfeiçaõ.

Quinta feyra. O Senhor com a Cruz às coſtas.

Matinas. O Dezejo da Cruz.
Laudes. Mudança da Vida.
Prima. Manſidaõ do Eſpirito.
Terça. Agradecimento a Deos.
Sexta. Deſprezo do Mundo.
Noa. Conſiderar em Deos.
Veſperas. Valor Eſpiritual.
Campletas. Accuſaçaõ de nôs meſmos.

Seſta feyra. O Senhor crucificado.

Matinas. A Humildade.
Laudes. A Obediencia.
Prima. A Charidade.
Terça. A altiſſima Pobreza.

Sex-

Sexta. A modeſtia nas palavras.
Noa. Movimento de Amor.
Veſperas. Dezejos dos Sacramentos.
Completas. Contriçaõ.

Sabbado. O Senhor no Sepulchro.

Matinas. A Caſtidade.
Laudes. Communhaõ Real, ou em Eſpirito.
Prima. Amor de Deos.
Terça. Deixaçaõ de nòs meſmos.
Sexta. Confiança em Deos.
Noa. Cautella contra o Demonio.
Veſperas. Recolhimento interior.
Completas. Iejum do Eſpirito, & do corpo.

Domingo. O Senhor Reſſcitado.

Matinas. O deſvello no Amor de Deos.
Laudes. Naõ reſiſtir a Deos.
Prima. Conſtancia nas adverſidades do Eſpirito.
Terça. Prudencia Eſpiritual.
Sexta. A paz do Eſpirito.
Noa. A recta intençaõ.
Veſperas. A contemplaçaõ da Gloria.
Completas. Fogo do Amor de Deos, & do Proximo.

Quem

Quem disto se não agradar, pode, se quizer, ter esta outra Meditação.

A Segunda feyra. Meditarà no Senhor como Amigo; & bastará, que no seu coraçam ande dizendo todo o dia, & toda a hora, ou qualquer tempo: *Meu Deos, & meu Amigo.* Se tiver tempo de cuidar, cuide quam amigo foi nosso, pois chegou a pòr por nòs a vida; pois nos falla no coraçam, como hum amigo a seu amigo: pois se fez humano por nòs, & se poz por nòs em huma Cruz, nam perdoando aos Anjos máos; pois nos convida aos Ceos, & nos veyo a livrar do Inferno; & se dá a sy mesmo no Sacramento. E tantas outras coulas mais, que ensinará melhor o Espirito.

A Terça feyra. Se meditarà no Senhor, como Hospede de nossas Almas; onde parece que quer morar mais que nos mesmos Ceos, sendo a Casa, em que o recebemos, tam vil, tam pobre, humilde, & baixa, que faz pasmarnos, na bondade cõ que

que se move a estar comnosco em huma cabana de palhinhas, & cheia de lodo, & de immundicias, indigna de sua pretença. Quem naõ quer meditar nisto; bastarà, que no seu coraçaõ ande dizendo a toda a hora: *Hospede de meu coraçam, enriqueceyme esta casinha, pois sois Senhor de todo o Mundo.* E se tiver tempo, cuide como foi nosso Hospede na Encarnaçaõ, no Presepio, no Templo, na Cruz, no Sepulchro, & no Sacramento: & o mais que ensinar o Espirito.

A Quarta feyra. Se meditarà no Senhor como Rey; & bastarà, que a toda a hora se lhe repita dentro n'Alma: *Meu Rey, meu Deos, & meu Senhor, fazeyme merces a minha Alma, pois sois meu Rey, & meu bem todo.* Se houver tempo de considerar; veremos como reynou na Cruz, pois o seu Throno foi a Cruz, o seu Reyno a mortificaçam, sem a qual ninguem subirá a verse nos Reynos dos Ceos, peçamoslhe aqui muitas vezes, que venha a nòs o seu Reyno, & que nos faça amar a Cruz, para que sempre reyne em nós,

& ſe faça a ſua vontade.

A Quinta feyra. Se meditarà no Senhor como Eſpoſo; & baſtarà, que a todo o tempo lhe ande dizendo o coraçaõ: *Meu Deos, Eſpoſo de minha Alma, trazeyme ſempre atràs de vòs, ou meteyvos dentro de mim, & dayme aquellas veſtiduras, cõ que as Eſpoſas vos recebem.* Se houver tempo de meditar, cuidarà de quantos modos ſe deſpoſa o Senhor com noſco na Natureza, & na Graça, no Eſpirito, & nos Sacramentos. Cuidarſeha quãto importa nam ſe extinguirem as alampadas, nem ſermos como as Virgens loucas, mas ver quanto nos aproveita ſer como a Eſpoſa dos Cãtares, que o buſcava por toda a parte, & lhe perguntava amoroſa, onde paſſava ao meyo dia.

A Seſta feyra. Se meditarà no Senhor como Meſtre, que deſde a Cruz nos enſina, quam nùs das couſas deſte mundo, & quam fora haõ de eſtar da terra os que da Cruz fazem eſcada para ſubir ao Ceo; & aprender a ſua doutrina, & ſeguir a ſua vontade. Quem nam puder conſiderar,

bastarà que lhe diga na Alma: *Meu Deos, meu Mestre, & meu Bem todo, se vòs me quizerdes fazer vosso verdadeyro Discipulo, he certo que sò vòs podeis.* Se tiver Meditaçaõ, considere como sempre foi nosso Mestre, & nosso Exemplo, na pobreza com que nasceo, na verdade com que ensinou, na charidade que mostrou, nas virtudes que exercitou, & na obediencia com que morreu.

Ao Sabbado. Se meditarà no Senhor como Pay; & bastará que a toda a hora lhe ande dizẽdo o nosso Espirito: *Meu Deos, meu Pay, meu Bem todo, não seja escravo do Demonio, quem vòs fizestes vosso Filho.* Se houver tempo, meditarseha com a memoria nos Ceos, que elle nos diz, que he a nossa herança, & fazermos por naõ perder o morgado da Gloria pelos bens falsos da terra, por naõ morar no mundo cõ os sentidos, pois temos nos Ceos ao nosso Pay, pois a nossa Patria he o Ceo, & nosso desterro este Mundo.

Ao Domingo. Se meditarà em Deos como Senhor, que podendo só com os An-

jos, com os Santos , & Serafins servirse ainda neste mundo , se quer servir com peccadores tam vís,& baixos pela culpa. Se nam tiver tẽpo, ou nam o houver para cuidar, bastarà que sempre se diga: *Meu Deos, meu Bem , & meu Senhor , indigno sou eu de de servirvos, pois os que vos servẽ saõ Santos,mas se vòs quizerdes,meu Deos, sò vòs me podeis fazer hum muito grande servo voſſo.* Se puder considerar , meditaremos a Grandeza,o Imperio , a Magestade,& os mais supremos attributos de hum Deos, que he Senhor universal,nam só da Terra, mas dos Ceos ,dos Elementos,& criaturas,& de tudo o mais que ha no Mundo ; & admirandonos sempre nelle,estando suspensos, & parados , veremos que favor nos faz em se querer servir de nòs.

FIM.

E sò-

E sobre tudo, encomendo muito, que em qualquer destes exercicios, figura, ou representação, oremos pelo Padre Nosso, pois (como ensina o mesmo Christo, o meu Padre Sam Francisco, Santa Thereza, Santa Coleta, & outros muitos Santos, & Mestres desta Espiritual Sciencia] tudo se acha no Padre Nosso, & tudo por elle se alcança, ainda que este se não reza, na fórma que aqui se escreve, colhaõse delle as perfeiçoens com que se deve rezar; que este he o fim a que se ordena toda esta copia de escritura deste Papel, de que o Padre Nosso será melhor, se se obrar como se diz.

VOZES DO CEO, E TREMORES DA TERRA,

Em ſinco Diſcurſos:

Pelo Veneravel Padre

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS.

VOZ DO CEO I.

Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis miſerijs. Iob 14.

TREMOR I. DA TERRA.

O Homem naſcido da fragilidade [dizia Job] vivendo breve tempo,

se enche de muitas miserias ; como flor nasce, como flor se murcha , como sombra apparece , & dezaparece como sombra ; quer sempre ser o mesmo , & nunca está em o mesmo estado : Gèra-se em podridão, nasce em peccado , vive em miseria, morre en angustia ; desde o começar a nascer ao acabar , tudo saõ miserias na vida, tudo saõ mudanças no Homem: tudo saõ miserias na vida , porque o ventre he trevas, o berço prantos , a mininice ignorácia, a mocidade engano , a adolescencia vicio, a madura idade ambição, & a velhice enfermidade : Tudo saõ mudanças no Homem , porque hoje moço , à menhaã velho, agora alegre , depois triste, jà saõ, jà enfermo ; hum dia irado, outro dia sofrido ; hum tempo ditozo , outro mal afortunado ; hora arrependido , hora peccador ; nunca para em hum estado ; Lua em fim de tantas mudanças, Sol q̃ tantas vezes se eclipsa, Estrella q̃ tantas vezes erra ; Mar que tantas vezes se muda ; Protheo que tantas vezes toma formas ; todo o Mundo junto o não tem.

E sobre todas estas miserias, se gastou mal o tempo da vida, que Deos lhe deu para tratar da saluação, tem morte para cada hora, juizo final para logo, Mundo para nunca mais, Inferno para sempre.

He gerado o Homem em podridão, para que desde as mantilhas do ventre aprenda a ter hum nojo de sy mesmo, hũ dezengano dos outros, & hum disfabôr, & desprezo de tudo aquillo que estima a vaã profanidade: porque se o melhor extremo da vida humana he hum asco da consideração, & da mesma natureza, que será, & que será aquelle extremo ultimo desta evidente corrupção, que se resolve em cinzas mortaes, & em guzanos vivos? Se pois assim começão os homens da melhor geração; se o Grande, o Princepe, o Monarcha não tem melhores principios que estes, porque estes saõ a materia, & fundamento do ser humano; quẽ ha tam nesciamẽte desvanecido, que faça caso de huma vida, cujos principios saõ dezenganos de cõservarse, pois saõ começos de corromperse? Nasce em peccado o

Ho-

Homem , para que vendoſe eſcravo da culpa, que herdou com a natureza, abata a devoção daquella ſoberba, que quer ter juriſdição ſobre as outras eſcravas, como ſe naſcéra em graça ; & ſayba que naſce cativo, & ſogeito à couſa mais vil , & abominavel que póde haver no Mundo, q̃ iſto he o Peccado, tam odioſo a Deos, tam peſſimo, & deteſtavel, como quem não foi criatura de Deos, mas feitura dos peyores homens. E convem, que ſayb̃ iſto os melhores homens do Mundo, para que conſiderem, que não pòdem ter dominio ſobre os outros homens , ſe primeiro ſe não ſogeitarem ao imperio recto da razão, & reſgatandoſe juntamente pela Graça de todas as outras eſcravidoẽs, em que os meteu o vicio, quando uſou da razão que devia, amanhecendolhe com a luz do Ceo, ſe ficou ás eſcuras cõ as ſombras da terra. Vive em miſeria o Homem , porque nada tem no diſcurſo da vida, que não ſeja huma perpetua miſeria, ou huma neceſſidade continua; o que ſe tem por regallo, o que ſe julga bizarria,

o que parece deleite, & o que se estima por felicidade, saõ grãdes miserias da vida; & grandes necessidades do Homem. Para sustentar a vida; he necessario comer, & beber, por bizarria o vestir, por deleite o dormir, por felicidade o negociar neste, ou naquelle estado; sem advertir o Homem, que todos estes seus bens saõ necessidades, & miserias; pois vemos que a natureza faminta, sequiosa, núa, affligida, & trabalhada, pede ao Homem, como por esmola, o sustento, o vestido, o sono, & a diligencia, com que se tem cuidado della. E desta advertencia nasce a mayor miseria de todas, que he chegar a ignorancia humana a ter, & amar por summa felicidade a sua mesma miseria, sem ver que o comer foi a occasião do peccado, o vestir insignia da penitencia, o dormir figura da morte, & o negociar castigo da culpa Que miseria pois póde haver mayor, que chegar o esquecimẽto da profana vaidade a fazer negocio do castigo de culpas, delicia da figura da morte, galla, & ostentação das insignias

da

da penitencia, regallo, & goſto da occaſião do peccado.

Devia o comer, & beber ſer ſómẽte para ſuſtento, & não para regallo; devia ſer o veſtir, & o calçar, não para enfeitarnos, mas ſó para cobrirnos: devia ſer o dormir para deſcanço, & não para deleite: devia ſer o negociar para o neceſſario, & não para o ſuperfluo. Devia ſer menos o negociar, porque ſe he para mais que o que baſta para paſſar a vida, he ambição, & não providencia. Devia ſer menos o dormir, porque ſendo demaziado, he vicio, & não neceſſidade. Devia ſer outro o veſtir; porque ſendo o que ſe uſa, he vaidade, & não modeſtia. Devia ſer menos o comer, & beber; porque ſendo mais do neceſſario, he gulla, & não temperãça. Se o comer he muito, não ſó he eſtrago das virtudes, mas tãbem da vida; ſe o veſtir he vão, não ſó he queixa da modeſtia, mas da natureza; ſe o dormir he demaziado, não ſó he nocivo à ſalvação, mas tambem à ſaude. Se o negociar he ſuperfluo, não ſó he arriſcado para a conſcien-

cia,

cia, mas para a pessoa. Eis aqui como tudo he miseria, & digno de lastima; ainda assim nesta miseria vive o homem tam esquecido da Eterna Vida, como se vivèra já Bemaventurado.

Finalmente morre em angustia, porque o cercão de toda a parte na hora da morte todas as miserias que teve, todos os peccados que fez, & todos os males q̃ tem, & todas as cousas que vè. Se olha para o Ceo, vè o bem de que andou fugindo, toda a vida: se olha para a Terra, vè a sua sepultura: se olha para o fogo, vè o seu castigo, ou no Inferno, ou no Purgatorio: A mesma vida o deixa, despedindose num suspiro; a morte o assalta, arrancandolhe a alma pouco a pouco; o ar o afoga, tomandolhe a respiração: o Ceo o atemoriza, hindolhe negando a luz; a terra o quér comer, abrindolhe a cova; o Inferno o quer engulir, metendoo nas entranhas: & sobre tudo isto vè a Deos irado, cheio de justiça, & não de misericordia: o Demonio accusador, & jà não amigo: os Anjos testemunhas, mais

que

que advogados: os Santos expectadores, mais que padrinhos, faz huma disonancia triste, horrenda, & temerosa, que he outro genero de morte muito mais terrivel.

Morre em fim miseravelmente o Homem, & se dalli não vay condenado para os Infernos, ainda tem castigo no Purgatorio; se foi condenado, não tem remedio, vay padecer para sempre fogo perduravel, penas eternas, confusaõ infinita, & eternidades escuras, de pranto sem termo, de tormentos sem cabo, de desesperação sem fim: & que sabendo isto o Homem, que tem juizo, haja de gastar a vida na vaidade, & não no dezengano: haja de amar a miseria da vida, & não a felicidade da alma: haja de buscar a perdição, & não o remedio: haja de fugir da penitencia, & não da obstinação! Oh miseria! Oh desventura mayor que todas as da vida! Tal he a cegueira mundana, q̃ não ha cousa que aos Homens pareça mais contraria para a sua vida, que o tratar da salvação; he necessario, que se enfadem,

&

& se aborreção da vida, & que a Alma se lhe encha de amarguras, para que se cheguem a Deos, & lhe peção misericordia: & cuidão, que fallão contra sy, se fallão em salvarse, ainda que estejão vivendo na mayor miseria de todo o mundo.

Eu fallarey contra mim (dizia Iob no meyo de suas miserias) & fallando na amargura de minha Alma, direy a Deos, que não queira condenarme? *Dimittam adversus me eloquium meum, loquar in amaritudine animæ meæ, dicam Deo, noli me condemnare.* Notaveis palavras, por certo! Se Iob falla por sy sòmẽte a Deos, que mais lhe havia de pedir, que a salvação, dizendolhe, que o não condenasse: logo como diz, que fallava contra sy? Se as primeiras palavras, que diz depois de fazer este proposito, saõ, que Deos o não cõdene? Oh mortaes! Andava Iob aborrecido da vida, dezejava acabar a vida, & destruilla, como diz Santo Thomas; se pois para a destruir havia de suppor algum contrario seu, que cousa havia Job de dezejar, senão a salvação: *Noli me cõdem-*

demnare. Se não ha couſa que pareça mais contraria a eſta miſeravel vida, que tratar da ſalvação, pedindo a Deos miſericordia. Não tratais, mortaes, da ſalvação, não fazeis penitencia, porque nam aborreceis a vida. Onde ſe deixa ver, q̃ em quanto goſtaes da vida, & das ſuas miſerias, a perdição he a voſſa gloria, a ſalvação o voſſo aborrecimento. Eis aqui a ultima das miſerias, a que chega a cegueira dos voſſos vicios, para que no Iuizo de Deos ſejais condenados, & reprovados por toda a Eternidade, ſe com tempo não fizeres penitencia das voſſas culpas.

VOZ

VOZ DO CEO II.

Quid est Homo, & quæ est gratia illius?
Eccles. 18.

TREMOR II.

QVe cousa he o Homem? pergunta o Ecclesiastico: q̃ tem o Homem de seu, para que se persuada a que he alguma cousa. O Homem mortal (diz o mesmo Salamão) he huma empolla de agua; porque assim como a empolla não he mais que huma inchação, & jà que se vè nas ondas apenas aparente quando desvanecida; assim o Homem peccador, com huma pouca de vaidade, que he o ar, que lhe entra, mal representa o leve engano de suas aparencias, quando desfaz a fragil pompa de sua obstinação aeria, ou sua presunção caduca. He como o vaso

de barro, ou seja velho, ou novo, igual perigo tem de quebrar em chegando a cahir. Assim o Homem, ou seja moço, ou velho, igualmente pòde morrer. E ainda em qualquer mal, he como a Estrella do Mar; porque assim como estas aò parecer saõ Estrellas, não sendo na qualidade mais que humas sombras, & reflexos das Estrellas do Ceo; assim o Homem, se he justo, he huma sombra, & huma semelhança de Deos, nada por sy proprio, & nada pela culpa, pois por ella a sombra se vay, & a semelhança de Deos se perde, ainda que a imagem fique.

He como sombra o Homem, porque assim como a sombra que vay fugindo, vay dezaparecendo, sem deyxar algum final de sy; assim o Homem, que vay vivendo, vay acabando, sem deixar algum vestigio daquella vida; apenas nos representa em leve vagado de sombra, quando morre como de accidente em breve efimera de nada. He como a escuma do Mar, que se ergue viçosamente sobre as suas aguas, & qualquer onda a derruba, &

desvanece. He hum bocejo da terra, que sobe vapor para morrer em fumos de hũ fumo; que o ar espalha, huma folha que o vento leva; fogo que se converte em cinza, que se desfaz em pô, porque se muda em todo o lodo, que se torna em terra. E que sendo isto, & muito peior que isto o Homem mortal, & miseravel; & sogeito a mayores miserias, & desventuras por seus peccados, haja de terse em grande conta, vivendo em culpa: & haja de fazer muito caso de quem he; não vivendo em graça. O justo não se sabe resolver, se he digno de odio, se de amor, & ensoberbecese o pô, & cinza, sendo o termo ultimo da vida, & da abominação.

Ah Senhor! [dizia a Deos David] trazey as gentes a juizo, & saybão que saõ Homens: *Constitue Legislatorem super eos, sciant gẽtes quoniam homines sunt.* Porèm se os peccadores de nenhuma outra cousa se jactã tanto, como de serem Homens, como he necessario, que venha sobre elles hum dia do Iuizo, para que se conheção? Não fora melhor dizer o Pro-

feta: Conheção os humanos, que saõ pedras na dureza, brutos no apetite, arvores na elevação; pois abominava nelles a soberba, a obstinação, & a demazia? O mortaes, excellentemente disse David. Definio Iob que cousa era o Homem, & disse, que era huma pouca de podridão: *Homo putredo.* Queria David, que os Homens conhecessem que erão, huma podridão que vive, huma immundicia que se doura, huma corrupção que se preza. Se os Homẽs se tiverão por Arvores, ainda que os condenàra a sua elevação, podéra enganállos, & darem algum fruto. Se se conhecèrão por Feras, quando os malquistàra a fereza, a brutalidade os desculpára. Se se consideràraõ Pedras, a duração os confiára, ainda que a dureza os reprehendèra. Pois porque nem a duração os confie, nem a brutalidade os desculpe, nem darem algum fruto os engane; saibão, que saõ podridão, & não pedras; conheção que saõ immundicia, & nam brutos; vejão que saõ corrupção, & não arvores. E conheção finalmente os mortaes,

taes, que não saõ gente, pois saõ Homẽs; porque sendo Homens, saõ huma podridão corrupta, huma immundicia nojenta, & huma corrupção asqueroſa, q̃ foi nada ha pouco tempo, que està sendo pouco mais de nada, que será couſa nenhuma. Hontem hum favor do poſſivel, hoje hum perigo do futuro, & à manhaã hum medo do preſente: hum pòde ſer antes que foſſem, hum não seràõ agora que eſtão; ſendo hum forão acabando de ſer; & ſe saõ mais alguma couſa, nada saõ mais que hum lodo que vive, huma lama que luſtra, huma terra que anda, hũa vaidade que corre, huma mentira que falla, hum engano que dura, & hũa preſunção que mente.

De que pois vos gloriais, Homens miſeraveis? Que cuidais que ſois? Quem preſumis que ſereis? Pois ſabey, & acabay de crer, que em todo o Mundo não pòde haver couſa mais vil, quãto ao ſer terreno, q̃ eſſe ſer que tendes, & de q̃ tãto vos prezais. Toda eſſa fabrica vivente, toda eſſa

apparencia fermosa, toda essa ostentação robusta, & toda essa pompa desvanecida, he cousa tam vil, tam baixa, & miseravel, que nem depois da morte pòde ser peior, nem mais vil, do que he na mayor gloria, na mayor presunção, & na mayor felicidade da vida.

Pecçou Adam, & querendo Deos tirarlhe da cabeça aquelles fumos vãos, de que a sua vangloria fez vagados para o derrubar na culpa, querendo pòrlhe por terra aquella vaidade nescia, & desvanecida, com que andava com presunçoens de Divino, disselhe hum dia: Homem miseravel, lembrate que es pô, & que em pô te has de tornar. Mas se Deos quer abater os brios a Adam, se o quer confundir, & humilhar com a vileza do que ha de ser, por castigo da culpa; se o quer atemorizar com a memoria da morte, figurada no pô, & cinza, que ameaço lhe faz, que medo lhe mete, dizendolhe, que ha de ser na morte o mesmo que està sendo em vida? *Pulvis es, & in pulverem reverteris.* Não era meyo mais efficaz para

ra confundillo, & para eſtremecello, dizerlhe, que ſe lembraſſe, que cedo ſeria pô, & cinza, ainda que de preſente era Homem? Não mortaes: ſe Deos diſſera ſó ao Homem, que havia de ſer pô, & que o não era jà, deralhe hum dezengano para tempo futuro, mas não lhe tirára a vaidade do ſeu engano preſente. Via Deos, que do engano preſente naſcia todo o mal do Homem, pois com nenhuma couſa ſe engana tanto, como com o que era; & para que viſſe quanto ſe enganava com a ſua ignorancia, ou com a ſua vaidade, não ſô lhe diſſe, que havia de ſer pô, quando o caſtigaſſe a morte, diſſelhe, que iſſo meſmo eſtava ſendo, quando o enganava a vida. Mas ſe Deos fez o Homem do pô da terra; ſe o Homem vivendo he pô, que caſtigo lhe dà Deos em o desfazer em pô? Se na morte o desfaz, ſe na morte o caſtiga, como o não desfaz, diminuindolhe o ſer; como o não caſtiga, fazendoo mais vil? Oh mortaes! não achou Deos nenhuma couſa peior, em q̃ podeſſe desfazer ao Homem, que aquel-

la mesma de que o fez, não teve outra mais vil, com que o castigar, que fazendoo tornar a ser aquillo que era; por isso não podia pòrlhe mayor afrõta no rosto, que dizerlhe, que ainda havia de ser o mesmo que estava sendo.

Fez Deos ao Homem do pô da terra, como lé o Hebreu: *De pulvere*: fello de hum vilissimo, como diz Chrysostomo; & vilissimo de hum superlativo, q̃ affirma daquillo, que he vil o mais que pòde ser; pois não só he vil, mas sobre mais que vil este pô, como materia prima, de que Deos formou o Homem; da materia prima, diz Santo Agustinho, que he o ser mais vil, que se pòde considerar. Se pois o Homem não podia ser peior cousa, nem mais vil do que era, q̃ mayor castigo podia darlhe Deos, que fazello ser o que tinha sido, quando acabasse de ser o que estava sendo.

Dezenganayvos mortaes, que nada podeis ser peior, nada podeis ser que seja mais vil, que esse mesmo de que tãto vos prezais; pois atè parece que quãdo Deos

vos

vos quer aniquilar, parece tambem que vos não póde ennobrecer, mas nem peiorarvos. Fez Deos da luz o dia, do Céo as Estrellas, do Mar os Peixes, da Agua as Aves, da Terra os bichos, & animaes, & as plantas; mas ao Homem de hũ pó vilissimo, que ou nos cega, ou nos suja; tam baixo, & tam miseravel, que sogeitandose a tudo o que fazem delle, sempre anda cheio de immundicias, & de perseguiçoens: se se levanta o vento, o leva pelos ares, & depois o derruba; se se não move, todos o atropellão. Isto sois Homens miseraveis; & disto fez Deos o primeiro Homem, para que vendose mais vil por este principio que todas as outras criaturas, buscasse no seu conhecimento o seu dezengano, & achasse na sua vileza a sua humildade. Não só nisto, mas em outros muitos doens fez mais caso a natureza das hervas, das plantas, das aves, & das feras, que dos humanos, pois os brutos os excedem na força, as feras na saude, os Cervos na vida, os Linces na vista, os Abutres no cheiro, as Aves na

li-

ligeireza, as Flores na fermosura, as Arvores na pompa, & as Hervas nas virtudes, & em outras infinitas cousas, que fora hum nunca acabar começar a dizellas. Por isso queria Deos, que o Homem se conheceſſe pela cousa mais vil que havia no Mundo, para que não se atribuindo a sy os favores do Ceo, vendo que lhe não era devido nenhum respeito, antes tendose por indigno das merces de Deos, assentaſſe sobre esta humildade aquelle beneficio, com que antes de peccar o fez senhor de tudo, & aquella misericordia cõ que o veyo a ver depois de haver peccado.

Mas naõ cuidaõ os Homens, que saõ pô, cuidaõ que saõ Deoses: aquelle engano, que o Demonio fez a Adam no Paraiso, faz no mundo todos os dias aos outros homens, como cuidaõ muito de sy, nada cuidaõ na morte, nada cuidaõ em Deos: nada cuidaõ na morte, porque vivem, como se naõ houvera morte; nada cuidaõ em Deos, porque vivem como se naõ houvera Deos; ainda que a morte

os

os dezengana todos os dias, ainda que Deos os avisa todas as horas, como nam olhão para o pô, que he memoria da morte, como não olhão para o sepulchro, que he o espelho da vida; o pô ainda q̃ lhe dê nos olhos, deixaos mais cegos; o sepulchro, ainda que lho ponhão à vista, fica a perder de vista. Oh se os Homens olhàrão algum dia para o pô da morte! Se os Homens fizerão algum dia espelho do supulchro! que depressa se esquecèrão do que parecem! q̃ se finalmente conhecérão bem o que erão, não se terião por Homens, quando muito parecerlhes-hia, que erão huns bichos vís da terra, & hũa pouca de podridão.

Senhor [dizia a Deos David] eu não sou Homem, sou hum bicho da terra, huma afronta dos Homens, & hum escarneo do Povo: *Ego sum vermis, & non homo, &c.* Porém se David era hum dos mayores Reys da terra, o mayor Homem dos seus tempos, o gabo dos outros Homens, a valentia do Mundo, & a occupação da Fama; como jà bicho, & não Homem,

mem, como eſcarneo, & não gabo, como afronta; & não credito? Oh mortaes! Chegou David às conſideraçoẽs da morte, como elle logo diz, por meyo do pô, & cinza: *In pulverem mortis deduxiſti me.* Chegou ao ſepulchro, como explica Ianſenio: *Ideſt, proximus ſum ſepulchro*: fez memorial do pô, & cinza; fez eſpelho do ſepulchro, & como vio nelle, que todo o parecer de Homens, & toda a afeição de Homens, ſe havia de mudar em guzanos, & bichos fedorentos, já não he o que parecia, já parece ſó o que he: *Ego ſum vermis, & non homo.* Porque conſiderandoſe pela morte feito em pô, & cinza, pelo pô, & cinza na ſepultura via, que nella não ficava do Homem outra couſa, mais que aquillo que naſce da podridão, & iſto ſaõ bichos, & guzanos, como dizia Iob: *Homo putredo, & filius hominis vermis.*

Iſto vé quem olha para o ſeu ſepulchro, porém ainda vé mais quem olha para Deos: quem faz eſpelho do ſeu ſepulchro, temſe por hum bicho da terra,

jul-

julgaſe pô, & cinza, conhece, que he podridão; mas quem tem a Deos por eſpelho, ainda vé mais, porque vé que he nada. E a razão he, porque olhando para Deos, vè ſe a ſy, & vé q̃ he couſa nenhũa. He Deos como hum eſpelho para os que andamos neſta vida de peregrinos, ſegundo diſſe Sam Paulo; & neſte eſpelho ſó nos haviamos de ver, & rever todos os momentos. Vioſe a elle David, que trazia ſempre os olhos em Deos: *Oculi mei ſemper ad Dominum.* E logo vio que era nada, como elle meſmo diſſe: *Et ſubſtãtia mea tamquam nihilum ante te.* Senhor, nada ſou diante de vôs. Porém ſe David via, & ſe revia em Deos, como vendo tão, via que era nada? Ora olhay: quem olha para o eſpelho, vé ſe; quem o nam olha, não ſe vè. Vé-ſe quem o olha, porque em olhando para Deos, vè a ſua imagem, & vé, que ſendo a Imagẽ de Deos, nada lhe fica mais que aquelle puro nada ſobre quem ſe poz eſta imagem; por iſſo conhece que he nada. Quem não olha para o ſeu eſpelho, que he Deos, não ſe

pò-

pòde ver a sy, & daqui nasce, que como acha tantos doens de Deos em sy, sem saber de quem saõ, nem donde lhe vierão, desconhece a Deos, desvanece se a sy, cuida que tudo he seu, dissipaõ como proprio, atè que na ultima hora o paga como alheio.

Se pois, peccadores, hum Homem justo como David, quanto ao ser mortal, & caduco, se tem por hum guzano olhãdo para o sepulchro; & quanto ao ser immortal, tem para sy que he nada, olhãdo para Deos. Em que conta se devem ter aquelles peccadores, que sendo por sy nada, pela culpa saõ huns sepulchros vivos de humas almas mortas? Se quereis conhecer quem sois, quanto ao ser terreno, olhay para o sepulchro: se quereis ver o que sois quanto ao ser mortal, olhay para Deos, vede que de não olhar para Deos nasce o caso que fazeis de vòs: vede, que de não ver o sepulchro, nasce o caso que fazeis da vida. A vida sem memoria da morte; he huma morte d'alma: vós sem memoria de Deos, sois hum inferno

ferno da vida; da morte d'alma facilmẽte se caminha para a morte da vida: do inferno da vida facilmente se vay para o inferno d'alma. A morte da vida pòde ser cada hora, a morte d'alma ha de ser para sempre. Se pois não tendes mais q̃ huma vida, nem mais que huma alma, como não receais huma morte, que se apressa na culpa; como não temeis hum Inferno, que na culpa se ganha? Oh miseria da vida! Oh perdiçaõ d'alma! Oh ignorancia do nada! Oh soberba do pò, & cinza!

VOZ DO CEO III.

Homo, sicut fœnum dies ejus, tamquam flos agri sic efflorebit. Psal. 102.

TREMOR III.

COmpára David com o feno a vida do Homem, que isto saõ os seus dias,

dias, para que vendo os Homens na fabrica, & fragilidade do feno a fragilidade da sua vida, achem o dezengano de sua vaidade no mesmo sogeito, onde a sua vaidade achava o seu engano. E daqui passem a considerar, que se os dezenganão aquellas mesmas cousas, que os costumaõ desvanecer, que faràm aquellas, que os devem dezenganar, humilhar, & advertir? Engana aos Homens, & desvaneceos a flor de sua idade, & a verdura de seus annos, dandolhe a presumir, q̃ quem começa a florecer, muito tẽ para durar, q̃ quẽ começa a reverdecer, muito tẽ para luzir: dezenganaos depressa o seu mesmo engano; pois na vida do feno, que reverdece, na duraçaõ da flor, quẽ mais pomposa nasce, vem os homens a vida, q tam depressa acaba, vem a pompa, & a idade, quam pouco espaço dura: para que soubessem isto os Homens, mandou Deos ao Profeta Isaías, que chamasse ao seu Povo, & perguntandolhe o Profeta, que havia de clamar? Vay (lhe respondeu o Senhor) & chama aos Homens, que se

naõ

não enganem, porque toda a carne he feno, & toda a sua gloria como flor do cápo; secouse o feno, cahio a flor, & acabouse a gloria n um breve instante; porque o mesmo Espirito do Senhor, q num assopro lhe inspirou a vida tãbẽ lha tirou noutro assopro, & foi a causa, não fazerẽ os Homens aquillo para q Deos os fez.

Eis aqui o que saõ os Homens mais prezados de quem saõ, & os mayores Homẽs do Mundo, hum feno vilissimo, que das hervas nasce, na terra cresce, no ar florece, & pelos ares morre. Eis aqui o que he a vida dos Homens, hũa flor tam fragil, q̃e o frio a seca, o Sol a murcha, o vento a arrebata, os brutos a pizão, & os bichos a comem: sem que lhe valhão o privilegio da fermosura, a authoridade da pompa, & a verdura da fragancia, para que o tempo lhe perdoe, o vento a respeite, & o Sol a não castigue. Chamão os Homens flor da idade à Primavera da vida, & com razão lhe chamão flor, porque toda a duração dos annos desta vida caduca, toda a repetição das Primaveras

da mais florída idáde, não só tem a fragilidade de flor no mais tenro da idade, mas apenas tem a idade de huma flor na mayor duração da vida.

Fallando Iob na vida do Homem, disse que erão breves os seus dias; dizendo David os dias da vida humana, comparaos ao feno, & com a sua flor: porèm se a vida da flor he tam breve, & a do feno tam caduca, que ainda não dura hum breve dia: Se a idade de hũa flor não chega a fazer hum dia, como dizia Santiago, com que razão se contão os dias da vida do Homem pelos instantes de hũa flor, que morre quando nasce o Sol? *Exortus est Sol cum ardore, &c.* Oh mortaes! todos os annos da vida do Homem se cõtão por hum só dia; porque não valem mais de hum só dia os mais compridos, & os melhores annos da vida do Homẽ. Hoje sou de cento & vinte annos [dizia Moyses ao seu Povo, despedindose delle] não posso passar daqui: *Centum viginti annorum sum hodie, non possum ultra egredi, & ingredi.* Mas se os cento & vin-

vinte annos erão passados, se o hoje não diz mais de hum dia, se hum dia não inclue cento & vinte annos, como Moyses fallando pelo tempo presente do verbo *Sum*, diz que em aquelle dia era de cento & vinte annos? A razão he, que o tempo da vida não se conta pelo que se tem, senão pelo que se vive: o mais que no Mundo se vive he hum só dia, como dizia Quintiliano: *Tota vita hominis vnus est dies.* O mais tarde que no Mundo se morre, he cada dia, como dizia Saõ Paulo: *Quotidie morior.* Se pois Moyses tinha feitos os annos da vida, por onde havia de contar todos os seus annos, mais que por hum só dia: *Hodie.*

Não tendes, oh mortaes! mais que hum dia de vida em todos os vossos annos, ainda que tenhais muitos annos; a parte que tendes de vida, he brevissima, todo o outro espaço, que se passa, he tẽpo, que se conta, não tempo q̃ se vive, nẽ vida que se tem, porque não passa do dia de hoje o mayor espaço do tempo, & a mayor duração da vida. Esta he a razão

porque faz mais quem faz hum dia, que quem faz muitos annos; passão os annos; mas ficavos final dos annos, ficavos a idade, ficavos a ruina, ficavos o numero; a idade para final do que passou por vós; a ruina para memoria dos danos que vos fez, o numero para memoria da conta que fazeis delles. Passão os dias, & nada vos fica delles, mais que a certeza de q passárão, & desaparecérão como flor do feno, como sôbra do sonho. Em fim podeis fazer annos, só dias não podeis fazer: & a razão he, porque a mais perfeita idade que pòde haver na vida, o dia q começa, nesse mesmo dia acaba, no mesmo dia em que nasce, nesse mesmo dia morre.

Averiguando Genebrardo o dia da morte de Moyses, sobre as suas palavras a sima ditas, diz assim: *Particula hodie declarat Moysen septimo die Adar fuisse natum, & eodem fuisse mortuum.* A particula, *Hodie*, declara, que Moyses ao septimo dia de Fevereiro nascêra, & nesse mesmo dia morrera. Se pois Moyses tinha

nha vivido tantos dias, que fizerão os seus dias cento & vinte annos perfeitos, como diz Genebrardo, que no mesmo dia em que nasceo, nesse mesmo acabou? Esse he (oh mortaes!) o mysterio, poderse dizer dos cento & vinte annos, que começárão, & acabárão no mesmo dia. Servir hũ só dia naõ sómẽte, para se cõtar por elle a mais longa idade, mas tambem para se affirmar delle, que sendo o primeiro dia da vida, fora o ultimo da morte.

Tanto no ultimo dia se poem a vida logo que começa, tam presente está quando acaba ao que começou, que parece que toca de fim a fim: os mais apartados extremos da nossa mortalidade, os pólos mais contrarios, as metas mais distantes, & os termos mais oppostos, q̃ ha na morte, & na vida. Se pois de Moyses, que viveo cento & vinte annos, se diz, que nasceo, & morreo no mesmo dia, que val mais que hum só dia o mayor computo dos dias, & o mayor numero dos annos? Se a mais perfeita idade, no mesmo dia

em que começa, neſſe meſmo acaba, porque não acabaõ de dezenganarſe os mortaes, de que a vida he feno, & a ſua gloria flor do feno? Viveo Moyſes cento & vinte annos, & parece que não viveo mais que meyo dia, pois no meſmo dia naſceo, & no meſmo dia acabou; foi eſte dia, dia de ſua vida, & dia de ſua morte, ſendo taõ piqueno dia, q̃ era de Fevereiro.

Parece que de bom concerto, levando cada qual ſeu quinhão, havia de ſahir a morte com ametade, ſe com outro tanto ſahiſſe a vida; porèm que muito he iſto, ſe aſſim como a Eſcritura chamou dias ao tempo da vida: *Dies hominis*: tãbem chamou dias ao tempo da morte: *Ecce proprè ſunt dies mortis.* O tempo da morte, não he mais que aquelle inſtante breve, em que ſe divide a alma do corpo, & ainda aſſim tem nome de dias na Eſcritura, onde tudo tem myſterio, & nada he ſuperfluo. Que muito he logo, que tambem ſe chamem dias hum inſtante q̃ a vida dura, não ſendo mais que hum breve inſtante? Não dura (oh mortaes!) a vi-

a vida mais que hum breve inſtante, porque não dura mais que hum agora. E niſto he a vida do Homem ſemelhãte ao feno, que hum ſó inſtante dura. Do feno diz Ianſenio, que ſubitamẽte morre: do meſmo diz Belarmino, que ao primeiro rayo do Sol, como que ſe lhe cahira hum rayo, cahe amortecido, & que por iſſo não duvidárão alguns de o compararem ao Homem.

Tam fragil he a vida dos mortaes, q̃ bẽ cõſiderada, aſſim como a vida da flor, q̃ não he mais q̃ de hũ momẽto, aſſim a vida dos Homẽs não he mais q̃ hũ p̃ōto; porque não he mais que hum ſó agora. Là o dizia Iob, fallando com Deos no meyo de ſuas miſerias (que ſó nellas nos lembramos de Deos) & dizialhe aſſim: *Cunctis diebus, quibus nunc milito, expecto, donec veniat immutatio mea.* Senhor, toda eſta vida com que agora pelejo, vou eſperando minha reſurreiçaõ: aſſim o expoem Santo Thomás: *Quaſi dicat, totâ vitâ milito.* Se pois Iob peleja toda a vida, como ſe declara por hum agora? Se

hum só agora contende, como diz, que anda em guerra toda a sua vida? Oh mortaes! & como havia de declarar Iob a brevidade da vida, senão chamandolhe hum agora *Nunc*. Com que havia de sustentar a sua esperança, *Expecto*, senão com o alivio, & consideração, de que não era mais que hum agora todos os dias da vida: *Cunctis diebus*.

Nem o Homem, nem a flor tē mais que hum só agora dentro das clausulas de hum dia! O que viveſtes pela manhaã, já lá vay; o que haveis de viver à tarde, se lá chegardes, inda não chegou; o mesmo que estais vivendo, tãbem se vay passando: & nem os antes, nem os depois podeis contar de vida; porque huns se forão, & não vos deixárão nada, mais que a saudade de passados, ou a mágoa de perdidos: outros ainda não vierão, nem vos dão nada, mais que huma ancia de presente, & huma esperança de futuro: só os agoras, que em quanto eu o digo tambem se passão, tendes succeſſivamente cada momento, mas cõm tamanha fuga-

cidade, que em vos chegando, se vão, & em os sentindo vos fogem, & em os vendo, vos deixão. Em fim, he flor a vida quando florece mais o Homem : *Sicut flos agri, sic efflorebit.*

Porèm reparay, que o não comparou David com a flor dos jardins, senão com a flor do campo; & a razão he, porque a flor dos jardins sobre a caricia do rego, sobre o mimo do resguardo com que tratão della, ainda depois de cortada, que he o mesmo que morta, trazemna nas palmas, & poemna sobre a cabeça em final de estimação. A flor do campo, por fermosa que seja, por ostentosa que nasça, ninguem faz caso della, antes em aquella breve vida com que amanhece, alli mesmo onde cresce, & lustra com mayor pompa, alli a cortão, & enxovalhão, & a metem por baixo dos pes, como por desprezo. Eisaqui o que he em cõmum a vida do Homem, hum feno que seca, & huma flor que se murcha. E ainda assim he tal a cegueira humana, que tendo o mayor dezengano na

sua

ſua meſma vida, he engano que não ſe acaba, perigo que ſe eſtima, & eſquecimento que dura.

VOZ DO CEO IV.

In imagine pertranſit Homo. Pſal. 38.

TREMOR IV.

PAſſada a vida pelos mortaes, como a imagem pelo eſpelho, que ſem deixar nelle algum veſtigio da figura que repreſentava, deſaparece, & paſſa como ſombra, ou como ſonho, que nem por ſonhos, nem por ſombras ſegunda vez nos apparece. He imagem hum boſquejo vão, & huma repreſentação fantaſtica, ſem nenhuma outra entidade, que ſer hũ arremedo do que nos finge, hum fingimento do que nos moſtra, & huns longes do que nos retrata. E aſſim como a ſombra

bra na parede tem apparencias da pessoa de quem he sombra, & tomada às mãos, he nada: assim como a imagem no espelho, parece que se vè, & he engano, & affiguração; assim a vida no Homem he apparencia que lustra, mas pouco mais de nada, he visão alegre, mas cousa de riso, que nasce representação, dura fingimẽto, & acaba mentira.

Isto deu a entender David quando disse, q̃ os mortaes passavão em imagẽ, como se dissera, que o Homem era huma imagẽ, hũa figura q̃ passa, & hũa sombra que anda; ou como cousa imaginaria, q̃ não tem ser algum mais que aquelle que lhe fingem as nossas fantezias. Finalmẽte à maneira de huma sombra vaã, que he figura daquillo que representa, mas não a mesma cousa. Passa o Homem apressadamente na figura desta vida, que he sombra da Vida Eterna, correndo sem parar, atè chegar à morte. Corre, & não se sente, voa, & não se enxerga, desaparece, & não se cuida. Como correio da posta que não descança: como rio inclinado ao mar,

mar, que nunca sossega : como pedra q̃ desce ao centro, & so nelle pára : como Nao, que não sente o curso, com que se engolfa pelos mares : como ave, que em breve espaço vence as distancias, que voa: como setta, que num momento se junta aos pontos, a que tira : tam arrebatado voa, tam surdamente passa, tam velozmẽte corre, que parece hum voo da morte a mesma duração da vida : o mesmo he começar a ser, que correr logo a acabar; os dias que a vão crescendo, a vão diminuindo : & aquillo mais se consome, que mais tempo vay durando.

Por isto dizia Sam Gregorio, que a nossa mesma vida era cada dia hum passar da vida; porque em quanto no curso da vida presente se passava da mininice à mocidade, da mocidade à velhice, da velhice à morte, a mesma vida com os seus proprios augmẽtos se precipitava na sua declinação, & se chegava ao seu fim. Vay a vida sempre a correr, porque o seu hir devagar [diz Rufino) he hir cada momento correndo para a morte, & o seu

passar

passar depressa, acabar a vida: he hum morrer por momentos como dizia Quintiliano, & por muy escassos momentos. E como he sombra a vida, tam fraca cousa he, que tendo as condiçoens da sombra, qualquer outra a derruba. Vay sempre descahindo a vida para a morte, quãto vão declinando as sombras para o Occidente: olhareis para a sombra do dia; & parecervosha, que he huma grande cousa pois occupa os montes, estendese pelos valles, desce pelos outeiros, assombra o mar, & cobre o mais da terra: chega a sombra da noite, derrubaa, & a faz logo desaparecer, sem ficar rastro, ou final do que tinha sido: Assim amanhece no mundo a sombra da vida humana, vay crescendo ao nosso parecer, & dominando todo o Mundo, chega a sombra da morte, & derrubandoa num mar de trevas, não deixa final algum daquella apparencia vaã, com que os mortaes se enganão, só deixa aquelles riscos, ou borroens, com que a morte se debuxa.

Mas quando a vida não fosse sombra,

bra, mas foſſe Sol ; quando a vida não foſſe folha, mas foſſe flor ; quando a vida não foſſe reflexo, mas foſse Eſtrella, em q̃ ficarião os mortaes de melhor cõdição? Olhay para o Sol, mortaes,& vede que rico de reſplandores em berço de ouro amanhece ; porèm vede que deſluzido lá ſobre a tarde ſe ſepulta aquelle grande luzimento, que dourava as nuvens, luſtrava os mares, alegrava a terra, & authorizava o Ceo. Como vos não faz grande eſpanto ver, que não dura hũ breve dia? Aſſim a Eſtrella mais luſtroſa, apenas reſplandece, quando ſe eclipſa ; aſſim a flor mais mageſtoſa, mal ſe abre, quando ſe ſeca.

Se pois iſto ſuccede às flores, que ſaõ joyas da Primavera ; ſe iſto acontece às Eſtrellas, que ſaõ diamantes do Ceo ; ſe diſto não eſcapa o Sol, que he Princepe das luzes, que duração mayor eſpera, quẽ ſe foi Sol, não vive hum dia ; quem ſe foi flor, dura hũa tarde? quem ſe he Eſtrella, brilha hũa hora? O Sol cada dia corre a ver o ſeu ſepulchro, nem os ardores do

Meyo

Meyo Dia, nem o verſe no ſeu auge, nem o fazer ſombra a tudo, o pòde obrigar a que ſe detenha, ſem que ſe incline ao ſeu Occaſo; elle meſmo ſe corta os lutos para a ſua Eça, fazendo creſcer as ſombras para o ſeu tumulo. As Eſtrellas, vendo q̃ hão de cahir no dia do Iuizo, tambem cahem todas as manhaãs no ſeu dezengano: ſe nas cegueiras da noite oſtentão luzimentos, oh que depreſsa ao chorar da Aurora eſcondem os reſplandores! O meſmo he rirſe a manhaã de as ver reſplãdecer com luzes alheias, q̃ correrẽſe ellas de ſua luzente vaidade, & deſapparecerem da viſta. A flor em quanto vive, alli meſmo onde naſce tambem ſe enterra, ſe para o Ceo moſtra a cadùca pompa de ſua fragilidade verde, como quem a confeſsa na terra, enterra ao meſmo tempo as preſunçoens de ſua gentileza vaã, como quem a dezengana: quem a aparta da terra onde eſtà enterrada, tiralhe a vida, diminuelhe a duração, & enxovalhalhe a gentileza: quem a deixa eſtar com as raizes da humildade na ſua ſepultura ſem

a tirar

a tirar dalli, lhe dilata a vida, lhe poupa a gentileza, lhe augmenta a duração.

Eis aqui o que havia de fazer a vida dos mortaes, já que como flor quer viver, como Estrella alumiar, como Sol luzir; mas de o não fazer assim, se deixa ver, que a flor serve melhor a Deos, pois cada dia se dezengana: a Estrella serve melhor a Deos, pois cada dia se esconde; o Sol serve melhor a Deos, pois cada dia se sepulta. Conhecey pois, mortaes, a vossa fragilidade, vede quão brevemẽte se passa o tẽpo da vida, mas vede que não basta considerallo, se desta consideração não colherdes o dezengano por fruto.

Daquelles peccadores, que forão aos Infernos, conta a Sabidoria, que considerando as miserias da vida, dizião deste modo: De nada nascemos, daqui a pouco seremos como se não foramos; a nossa respiração he hũ pouco de fumo, as nossas palavras huma faisca, que nos move o coração, & apagada esta, seremos pó, & cinza; derrama-se-ha o espirito como leve ar, & passa a nossa vida como vestigio

da

da nuvem, & se dezatarà como nevoa afugentada dos rayos do Sol, & de seu calor aggravada: o nosso nome se sepultará no esquecimento dos tempos, & ninguem terá lembrança das nossas obras: o tempo da nossa vida será como passagem de sombra, não tornaremos ao mũdo depois da nossa morte, porque tem termos perscriptos a nossa mortalidade, & do outro mũdo ninguem torna para este.

Podèra dizer mais (oh Peccadores!) hum Prègador Evangelico, que tratára de grangear almas para Deos, prègando dezẽganos da vida? Parece, que não disera mais. Pois isso dizião no mũdo os q̃ forão ao Inferno. Porèm porque forão ao Inferno os que dizião isto? Sabeis porque? Porque destas cousas, de que havião tirar o dezengano por fruto com a emenda da pessoa, tirava a sua ignorancia por consequencia a relaxação da vida. Oh mortaes! não ha mayor final para serdes ignorantes, & de hirdes aos Infernos; que depois de conhecerdes as miserias da vida, quererdes que tenhão per-

manẽcia para vossos vicios aquellas mes-
mas cousas, que saõ huma continua mu-
dança para o vosso dezengano.

Havendo acabado de considerar estes Peccadores as miserias da vida, diz o Texto Santo, que differão huns para os outros: Visto ser isto assim, aproveite-monos do mundo, levemonos boa vida, não se nos passe a flor do tempo: *Venite ergo, & fruamur bonis, non prætereat nos flos temporis.* Mas se a flor he a mesma fragilidade, para q̃ sendo figura do Homem o dezengane: *Sicut flos agri.* Se o tempo he huma perpetua mudança, que ora em muletas coxea, ora em azas voa, para que delle ninguem fie. Se como diziaõ estes mesmos homens, as flores se havião de murchar: *Coronemus nos rosis antequam marcescant.* Se como elles mesmos affirmavão, o seu tempo se hia passando, era hũa passagem de sombra, que não tem propria sustancia: *Transitus umbræ tempus nostrum.* Como querem agora, que a sombra não passe, que o tempo não voe, que a flor se não murche? Oh

mor-

mortaes! erão neſcios, erão ignorantes, como elles meſmos cõfeſsárão depois de eſtar no Inferno: *Nos inſenſati viam Domini ignoravimus.* Sendo pois ignorãtes, & havendoſe de condenar, que ſinal havião de dar de ſy na vida, ſenão querer que permaneceſse para ſeus vicios, o meſmo que era huma continua mudança para ſeu dezengano: dezengavaos o tempo voando, a flor perecendo, & a ſombra fugindo. Moſtravalhe a flor, que naſcéra ſó para não durar: Moſtravalhe o tempo, que não tinha azas mais que para deſaparecer; Moſtravalhe a ſombra, que naõ tinha apparencias, mais que para ſe tranſpôr: & eſtas meſmas couſas, que haviaõ eſtremecerlhe a vaidade, com o advertimento lhe emmudeciaõ mais o apetite para a relaxaçaõ. Tam longe eſtavaõ de cahir na razaõ, que ao meſmo tempo que conheciaõ iſto, queria a ſua ignorancia que a ſombra foſse permanente, que o tempo ſe fizeſse eternidade, que a flor ſe tornaſse perpetua: *Non prætereat nos flos temporis.*

Que mayor ignorancia podia haver, que esperar permanencias da flor, do tẽpo que passa, se as naõ podiaõ esperar da flor do campo que fica? Que mayor malicia, que querer que parasse o tẽpo, que os dezenganava voando, para que elles entretanto por todos os seus vicios fossẽ correndo? E em fim que mayor preversidade, que fazer insentivo de seu distrahimento todas aquellas cousas, que erão hum despertador para a sua emẽda? Y inde (dizião elles) & não fique flor no mũdo, campo, ou prado, na terra fruto, nos mares peixe, nos ventos ave, que não sirva de deleite à nossa lascivia, & não reconheça as jurisdiçoens da nossa liberdade: *Venite ergo, & nullũ gratum sit, quod non pertranseat luxuria nostra.* Parecevos q̃ era bom fim para q̃ querião que o tẽpo fizesse impossiveis? a flor maravilhas, o tẽpo milagres? Parecevos, que era boa a consequencia daquellas premissas? Pois nenhuma outra cousa tirárão daquelle conhecimento, nem de ver que a vida era flor, o tempo sombra, & os homens terra, mais

mais que a relaxação da vida, & o estrago da consciencia, o pouco temor, & devacidão total de seus vicios, atè que num ponto descèrão aos Infernos, como dizia Iob: *Ducunt in bonis omnes dies suos, in prosperitate peragunt, & in puncto ad inferna descendunt.* Santo Thomàs na exposição deste lugar diz, que este Inferno se ha de entender pela morte. Que mysterio terà, que a morte dos preversos se declare pelo Inferno? Oh mortaes! nenhũ outro mysterio tem, que ser hum Inferno a morte dos Peccadores; num ponto morrem, num ponto vão para os Infernos, porque nelles he huma mesma cousa o chegarem a morrer, que chegarem a se condenar, chegar às portas da morte, que chegar às portas do Inferno; perder a vida, que perder a alma; perder o mũdo, que perder o Ceo; sahir da vida, que entrar no carcere.

Oh mortaes! não deve ser o estado dos homens quanta ha de ser a vida, senão qual deve ser a morte; não se ha de olhar para a quantidade dos annos, senão

para a qualidade das virtudes: aſsaz vida tem quem por pouco quẽ viva, vive para a razão: pouco vive quẽ por muito que viva, vive para o apetite: o numero dos annos he mais huma cifra, que não val nada em lhe tirando a unidade do amor de Deos, que he todo o ſeu fundamento. Se pois ſois imagem de Deos, que iſto importa a razão, como diz Santo Thomàs; ſe ſombras ſuas ſois, que iſto importa aquella ſemelhança, à que o Senhor vos fez, como nem por ſombras quereis ter ſemelhanças com Deos, de quẽ ſois imagens. Ha de ſer poſſivel, que a ſombra de huma arvore ha de andar ao redor della, a ſombra do Sol o ha de ſeguir, as ſombras dos montes não os haõ de deixar, ſó a ſombra de Deos, ſo o Homem, que he ſombra de Deos, pois he imagem ſua, ha de deixar a Deos, não ha de ſeguir a Chriſto, nem ha de andar ao redor delle; & iſto ſendo Deos Arvore da Vida, Sol da Graça, & Monte de Glorias? Oh laſtima! oh deſaventura! A ſombra ſe ſe parece com aquillo de que he ſombra, a meſ-

mesma cousa parece: o homem se se parece com Deos, de quem he imagem, parece o mesmo Deos. Se pois perder esta figura, & esta semelhança, que ha de parecer o Homem? Será bruto, parecerá Demonio, & hirá para as eternas sôbras com os Anjos das trevas, onde pagará num para sempre de penas, o haver desprezado a Deos por hum tudo nada de culpa.

VOZ DO CEO V.

Homo nascitur ad laborem, & avis ad volatum. Iob. 5.

TREMOR V.

NAsce o Homem para o trabalho, como a ave para o voo: ou seja cô as maôs, ou seja com o entendimento, em quanto estiver sobre a terra ha de traba-

har o Homem: trabalha chorando em naſcendo, porque não póde ſervindo, ou conſiderando; tam pobre ficou a natureza humana depois da culpa, que quem não ganha o ſuſtento com o ſuor do ſeu roſto, ou do juizo, parece que não chega a alcançallo, ſem merecello com as lagrimas, que ſão ſuor do coração. Eſta penſaõ da culpa obrigou ao mayor, & ao primeiro Homem do mundo a roçar eſpinhas, & abrolhos, feito trabalhador vil, & homem de ganhar miſeravelmente. Aquelle meſmo Homem, que ſendo criado para o fim ſobrenatural da Gloria, teve a Deos por Pay, os Anjos por Amigos, o Paraiſo por Palacio, o Mundo por Imperio; & por Vaſſallos ſeus todas as outras Creaturas. E não parando aqui a ſua miſeria, quiz Deos moſtrarlhe, que elle ſo havia de trabalhar na terra, de que naſceo Senhor. Nenhuma outra creatura, ſalvo ſe atrahida pela induſtria, ou arraſtrada da violencia ſe ſobmeteſſe á ſogeição, & à neceſſidade. E a razão he, porque na meſma deſobediẽcia, com que o Ho-

o Homem perdeu os frutos da Graça, rebellandose ao seu Creador, sacudirão as creaturas todas o jugo interior da obediẽcia, com que servião ao Homem. Mostroulhe a Providencia, que a Ave não fia, o Peixe não semea, a Fera agreste não lavra, as Arvores não trabalhão, & as Flores não cultivão: & que ainda assim tem para a vida o necessario, & às vezes o sobejo, sem rasgar a terra com o arado, ferir os campos com a enxada, cruzar os mares, descompór os rios, nem descobrir aquelles segredos da terra, onde o ouro, & a prata, & as outras classes de metaes metidos como num sepulchro, parece que pedem ao Homem, que os não dezẽterrẽ, pois a pezar de todas as riquezas que pòdem darlhe as minas, tambem o hão de enterrar dentro de pouco tempo, onde não lhe pòde valer o ouro, para q̃ se não converta em bichos, & em podridão.

Voando em fim a Ave pela Região dos ventos, nadando o Peixe pelas ondas, vagando as Feras pelos campos, parece que

que como àsinte da vaidade humana, ou dandolhe doutrina muda, se lhe mostrão que não nascèrão para outra cousa, que para viver descançadamente. Cantando, recreandose, & apascentandose ao mesmo tempo que o Homem chora, que se affligе, & que sente a falta do que aos animaes não falta, do que às Aves sobeja, do que aos Peixes enfastia; & quando estas querem recolherse, & abrigarse dos desabrigos da noite, sem haver erguido edificio, sẽ solicitarẽ algum reparo para o sossego, & menos para o sono, achão nas lapas do mar alcobas, nas covas dos montes leitos, nos ramos das arvores camas, ou de campo, ou de vento, onde a planta, que lhe offereceo toldos para passar a calma, lhe arma pavilhão verde para lhe dar abrigos, onde as covas, que para o nascimento lhe offerecèrão berço, para o descanço lhe dão alvergue: onde as lapas, que para os riscos lhe offerecèrão refugio, para a quietaçaõ lhe daõ encosto: & onde finalmente a Providencia superior, sendo ministra do agazalho, lhe tẽ

pre-

prevenido o repouso.

Naturalmente vive a Toupeira nas entranhas da terra, & alli lhe leva o Ceo seu alimento; vive no seu cazullo o guzaninho vil & sobre vestirse de sedas, lá o sustenta a Providencia: vivem os outros bichos immundos sem se bolirem de hum lugar, & ahi onde os poz a natureza lhe acode com o necessario a Divina Bõdade. A herva mais humilde, a planta mais vil, a folha mais esteril, a flor mais melindrosa, o ramo mais sobrelevado, sem fazerem diligencia alguma para sustentar aquella vida vegetativa, recebem das entranhas da terra o succo que lhe basta. De todos o Ceo, & a Terra tẽ cuidado, com todos se dezentranha suavemente, só ao Homem naõ acode com a mesma prõptidaõ, sem q̃ primeiro lhe custe a fadiga, a vergonha, ou a diligẽcia.

Nisto, & em tudo mais quanto á porçaõ terrena, quiz Deos mostrar aos Homens humanos, que eraõ muito mais miseraveis que as outras criaturas: pois nascendo as Feras do campo, nam só vesti-

da

das , mas armadas , as Aves do Ceo adornadas de plumas , os Peixes do mar cubertos de eſcamas , as plantas da terra enfeitadas de folhas , as Eſtrellas do Firmamento cheias de reſplandores , ſó o Homem appareceo nù nos Orientes da vida, como mendigando , & pedindo a todos q̃ o cobriſsẽ,& abrigaſsẽ,até q̃ pudeſſe buſcar cõ q̃ ſe cobriſſe. Moſtrouſe a natureza mais liberal cõ as hervas agreſtes,q̃ cõ os humanos: mayores ventagẽs lhe deu neſte privilegio, do que deu nam ſómente aos Homens de mayor eſfera , mas ainda aos de ſuperior Gerarchía.

Olhay o Lirio do campo [dizia Chriſto) & vede ſe Salamaõ na ſua mayor gloria ſe pòde veſtir como elle; nam trabalha , nem fia para veſtirſe , & veſte tanto melhor que o mayor Rey da terra ; quanto he melhor [como dizia Santo Hilario) a verdade que a mentira ? Em fim veſtio Deos fermoſaméte as Flores , robuſtamente as Arvores, alegremente os Campos, para que podendo fazer mayor gala de ſua natureza, que os mayores homens

mens, lhe lembrassem a necessidade com que nascia, aquelles mesmos a quem a ignorancia, ou a fortuna fingio mais izẽtos da miseria, ou da necessidade: todos em fim sem trabalhar tem o que haõ mister; só o Homem naõ tem o que ha mister, senaõ trabalhando com o animo, ou com a pessoa: & a razaõ he, porque nenhũa creatura offendeo a Deos mais que o Homem; antes fazem todas melhor que o Homem aquillo para que Deos as fez. A todas fez Deos para que o louvassem, & isto fazem a todo tempo todas as criaturas, excepto as racionaes. Estaõ sempre louvando a Deos todas as criaturas, porque todas a todo tempo saõ hum espectaculo fermoso, & hũa confissam louvavel, ainda que muda, das obras do seu Criador; pois nellas, como em vestigio da Divina Grandeza, como em copia do seu immenso Original, como em espelho, ainda que escuro, daquella Claridade eterna, como em lamina, bem que tosca, da Diviua fermosura, parece que quando se nos manifestaõ por obras de

Deos,

Deos, nos convidaõ à admiraçõ de suas maravilhas, se olhandoas com a consideraçaõ, com que se devem contemplar, sabemos estender o discurso, & o entendimento, por quanto a terra mostra, por quanto o mar descobre, por quanto o ar ostenta, por quanto o Ceo debuxa.

Isto fazem as criaturas mais rudes, aquellas que com almas de terra, & com espiritos de vento broncamente nascem, brutamente sentem, & vegetando vivem: por isso não trabalhão por castigo, como faz o Homem, porque não trabalha quẽ louva a Deos. Não fazem outro tanto os Homens, porque trabalhando pela vaidade, não pela virtude, fogem daquelle jugo, com que se descança, por buscar aquelle descanço, em que se afadiga. Donde se vè, que faltando o Homem em seguir o fim para que foi criado, que he louvar, & amar a Deos, menos anda a Deos, que huma planta, que hum bruto, & que huma pedra; pois qualquer destas naturalmente não falta ao seu ultimo fim: & por isto nem traba-

lha

lha o Homem, nem trabalha como deve; nam descança, porque nam louva a Deos, nam trabalha como deve, porque não serve a Deos: serve aos Idolos de sua vaidade, de sua inclinação, trabalha por offender a Deos, mais que os bons para amar a Deos. Cançase por descançar na culpa, como se fora na Gloria; desvelase pela sua perdição, mais que os justos pela sua salvação; & poem mayor cuidado em se hir aos Infernos, que os outros ao Ceo.

Oh miseria! oh desaventura digna de chorarse com lagrimas de sangue, digna de escreverse com letras de ferro, digna de clamarse com folegos de bronze! Basta peccadores, que se não ha de hir hum Homem aos Infernos, sem que lhe custe o suor do rosto, o sangue do braço, a canceira do corpo, a afflicção do animo, & o dinheiro da bolsa? Ha de ser possivel, que por Soes, & por chuvas, por calmas, & por frios, por ventos, & por neves ha de hum Homem andar buscando a sua perdição, & ha de ser necessario

para

para chegar hum Homem a ser condenado, que ponha nisso todo o seu estudo, todo o seu sentido, todo o seu trabalho, & toda a sua fadiga, & que sobre tudo isto se não contente o Demonio, se lhe não comprais o Inferno com o vosso dinheiro; & se sobre tudo isto não fazeis muito caso, & muita vaidade da vossa condenação, na estimação que fazeis da culpa, no gosto com que vos senhoriais na maldade; tantos passos em fim para vos condenar; tanto trabalho para vos perder, tam pouco para vos salvar; tantas fadigas pelos bens caducos, & transitorios, que vos levão ao eterno carcere, & vos arrastão para a morte eterna! Tão descuido, & tanto esquecimento dos bens eternos, & permanentes, que vos atrahem, & levão suavemente para a eterna Gloria, para a eterna Vida!

Oh mortaes, vede o que fazeis, vede por quem trabalhais? Vede que se trabalhardes pelos bens do Ceo, tereis brevissimamente mais do que quereis: Vede, que se vos cançardes toda a vida pelos bens

bens temporaes do mundo, em toda a vida não tereis nada: nada tereis, nada vos aproveitará todo o vosso trabalho, ainda que seja licito, se trabalhardes só pelos bens do mundo. No mar de Tiberiades trabalhárão toda huma noite os Discipulos de Christo, & não colherão nada por fruto do seu trabalho: *Et illa nocte nihil prendiderunt.* Vejo a manhã, & tomando o conselho do Senhor, que appareceu na praya, deitárão as redes para a mão direita, & de hum só lanço tirárão tanto peixe, que pela multidão, & grandeza delle, não podião arrastar; & recolher as redes. Porèm se a noite he o melhor tempo das pescarias, se o mar, se as redes, se os Pescadores erão os mesmos, còmo de hum só lanço tirão tanto peixe, que era mais do que querião? Como de toda a noite, & de tantos lanços não tirão nada, nem lhe importa nada todo o seu trabalho? Oh mortaes! toda a noite, que he figura da vida, como diz Santo Agustinho: *Vita præsens nox est:* não tinhão deitado os Discipulos as redes para a

maõ direita, figura dos bens eternos ; tinhaõnas deitado para a maõ eſquerda, figura dos bens temporaes ; pois que lhe havia de aproveitar o trabalho , ainda q̃ licito,de toda a vida, mais que couſa nenhuma : *Nihil prendiderunt* : que menos lhe havia de render hum ſó lanço do trabalho meritorio, que enchentes , & mais enchentes dos bens da Igreja, & dos bens eternos: *Et jam non valebant illud trahere præ multitudine piſcium.*

Mas ſe os Diſcipulos de Chriſto eraõ exemplar , & figura dos mais perfeitos homens , ſe na barca ſe figurava a Igreja, nas redes a Prègaçaõ , no mar o mundo , nos peixes os peccadores , nas ondas os vicios , ſegundo he commum ſentir dos Expoſitores Sagrados , como não aproveitou nada o trabalho de toda a vida , figurado em toda a noite ? Como nam aproveitâraõ os deſvellos dos mais perfeitos Homens , para que das ondas dos vicios, & do mar do mundo tiraſſem nas redes da Prègaçaõ ſe quer hum peixinho, iſto he, hum ſó peccador , por fruto do

ſeu

seu trabalho? Oh peccadores! naõ havia alli Deos, como diz o Texto: *Mane autem facto sfetit Iesus in littore.* Tudo eraõ sombras, figura da culpa; esclareceu a manhaã, symbolo da Graça, então ap parece u Deos, então se lançáraõ as redes para a maõ direita, & só entam se fizeram bons lanços, pois se encheu a barca da Igreja dos seus escolhidos.

Dezenganaivos mortaes, que ainda que sejais Discipulos de Christo, ainda que sejais Varoens perfeitos, ainda que tenhais as melhores redes da sciencia, & da eloquencia humana, ainda que trabalheis toda a vida, se vos cançárdes pela gloria temporal, & naõ pela eterna, se se naõ virque está Deos onde trabalhais, se naõ tomardes seus conselhos, deitando as redes para a maõ direita, tudo vos ha de sahir debalde, nada haveis de colher, nada haveis de aproveitar: os peixes coaràm a malha, por mais meuda que seja, quanto mais finas forem, mais depressa as quebraràm, pois valem mais, por mais fortes, ainda que grosseiras, que por fi-

nas sendo fracas. E em fim de vossa vaã fadiga nam colhereis mais que vento nas redes, frio na vida, afflicçam no animo, & agua de tribulaçam na barca, atè que Deos vos amanheça.

FIM.

FAISCAS DO AMOR DIVINO:

Vertidas de hum Pedernal humano:

Offerecidas a hum Crucifixo,

Pelo Veneravel Padre

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS,

Missionario Apostolico, da Ordem de Sam Francisco.

Dedicatoria a Christo Crucificado.

A Quem? Aquẽ, senão a vòs (meu Deos) se hão de votar, & offerecer estes pedaços da minha Alma, que com a luz da

vossa Graça achei perdidos pelo mundo? A quem, senão a vòs estas cinzas do meu coraçam, que tiradas do Fogo Eterno sobre esse Altar da vossa Cruz, do meu coraçaõ são holocaustos, do meu engano são mementos? A vòs somente (meu Senhor) que sois todas as minhas cousas: como tornão ao mar os rios, se reduzem estas minhas lagrimas, que filhas são desse Occeano. Este he o orvalho matutino, que na concha do vosso peito se torna em perolas preciosas; estes os ultimos despojos, com que das batalhas do mundo trago as insignias da victoria para Trophéo das vossas Aras: estas as Taboas do naufragio, que escapadas do mar do seculo para memoria do milagre, no vosso Templo depẽduro. Esta he a Casa da Oração, onde esse auxilio me deu Alma, onde a minha Alma se fez Ceo, onde huma morte se fez vida pequena paga meu Senhor) huma Faisca por hum Ceo, huma lagrima por huma vida, hũ sò gemido por huma Alma. Bem sei (meu Deos, & meu Senhor) seràm outra mayor culpa os fumos deste holocausto, & desta offerta a ninharia, porem que victimas se esperam

peram de hum coraçam tam pobre, que sendo o mundo tudo nada, nam teve mais que ser do mundo: Mas se a vossa misericordia me fez de vòs tam bem aceito, que muito he que eu jà presuma, que os meus nadas sáo bem vistos? Nam olhais vós os sacrificios, senam a tençam, que se offerece, & nesta ninguem bem mais que eu, pois tenho a vòs comigo. Hoje nam sò vossas piedades háo de ser quem ha de aceitar estes trocos da minha dor, que dos cadaveres da culpa por ser triumphos, sáo destroços: Mas tambem quẽ ha de rever estes rasgos da minha penna, que com a tinta de meus olhos escreuèram as minhas culpas no papel de meu coraçam? Revejáo pois vossas piedades este papel, que de joelhos consagro hoje a vossos pès, ponhase nelle a vossa emenda, donde se tirem os meus erros, para que nelles me não cegue, & me veja sempre nella. Primicias sáo de huma vontade, que nunca pòde verse livre, senam depois que a tendes preza, que reviveo onde morre, para se morrer onde se vive. Se ainda parecem flores os prantos desta minha pena, quem duvida, que dos Altares sáo as primeiras

meiras honinas? Nem eu [meu Deos] tenho outros cravos, que pôr hoje em voſſas mãos: ſe por duras eſtas razoens parecem mais que pedras, eu já hoje nam poſſuo outras para joyas do voſſo peito. E ſe por ondas precipitadas, eu já não tenho outras correntes, que deite agora a voſſos pès. E ſe eu podera fazer tanto, que vos podera fazer ſempre de cada Eſtrella do Ceo mundos, de cada oução da terra mares, de cada areya do mar Ceos, & de todos multiplicados, vos fizera tambem [meu Deos] das pedrinhas dos montes Aras, dos troncos dos boſques Templos, dos ramos das arvores Coros, das folhas das plantas braços, dos atomos do ar coraçoens, dos argueiros da terra olhos, das hervinhas do campo almas, & das flores do prado vidas. Se veſtindome de todas juntas podera voar a eſſes Ceos, & là com todos os ſeus Eſpiritos todo me cobrira de azas, todo me fizera Tronos num ſempre abraço d' alma, nam houvera dia, nem hora, que com todos vos nam amara, nem vivera momento, ou atomo, que os nam occupara comvoſco; nem eſtivera inſtante, ou

ponto,

ponto, que comvosco me nam unira. Façam pois vossas benignidades [meu Deos, & Senhor] que se edifiquem em minha Alma os muros de Ierusalem; cayaõ da antiga Babilonia aquellas torres presumidas, de quem foi a baze o mesmo vento, & fundamento a mesma area. Postrados saõ os Colossos, já derrubadas as Estatuas, & em fim os Idolos cahidos com as armas do dezengano, com os castigos da razão, com os golpes do escarmento. Feri agora (meu Senhor) & rasgai, meu Deos, & meu Bem todo, com as armas de vossa Cruz, ou com o fuzil do vosso Amor, as entranhas deste penedo taõ rebelde, & empedernido a tantos vossos merecimentos; pois nam sòmente dos meus olhos poderàm assim nascer rios, mas tãbem do meu coraçam correr hum mar de lavaredas. Tomay posse de huma Alma vossa, pois nessa Cruz tendes o titulo; nem consintais [meu Deos, & Redemptor] que deixe hoje o meu engano o direito da vossa Graça pelo avesso da minha culpa; a justiça do vosso Sangue pela trapassa deste mundo. Naõ quero eu melhor Comenda, q̃ verme cõ o vosso

o vosso Habito, & nem para tomallo hoje a peito tirarey outras inquiriçoens, mais que as memorias dos meus peccados; nem farey melhores provanças, que as experiencias dos meus vicios. Aqui postrado a vossos pés, nos incendios do vosso Amor peço que arda este Papel, não peço que mo defendais, rogo-vos sim, que mo emendeis. E se por meu, parecer mal, sejais bemdito Iesus, que assim fareis hoje, que o mundo se não engane mais comigo; se sentirem do que ha nelle, louvado sejais (meu Senhor) & conheção todos, q̃ sendo eu o mesmo erro, consentira vossa Bondade, que em mim se louvem vossas obras. Louvemvos todas as Criaturas, & eu por toda a Eternidade.

GOL-

GOLPE I.

Desolatione desolata est omnis terra, quia nullus est, qui recogitet corde. Ierem. 12.

LAGRIMA I.

TOdo o mundo se perde por falta de consideraçaõ; assim o chora o Espirito Santo pela boca de Ieremias, que depois que as chamas foraõ lagrimas, q̃ muito que as linguas fossem olhos? E necessario foi, que como linguas declarassem o que choravaõ, pois já naõ viaõ com os olhos, que sentissem o que diziaõ. Chorava o Espirito Santo, chorava tambem o Profeta, ver que os caminhos de Siaõ se tinhaõ feito mattos bravos, & cheios só de agrestes sylvas, eraõ solidoẽs, & desertos, sem haver quem os habitasse, nẽ quizesse já passar por elles, quan-

quando a Terra de Babilonia toda serras, & penedos, despenhadeiros, & asperezas a todos se fazia estrada, hindo por ella todo o Mundo. Por isso era necessario, que o pranto não só fosse mágoas, mas que fosse tambem razoens, por ver se quẽ lhe dava os ouvidos, lhe poria melhor os olhos. Esta foi tambem a razão porque David no Psalmo 98. quando chorava, não pedia a Deos os seus olhos, só lhe queria seus ouvidos: *Exaudi orationem meam, auribus percipe verba oris mei.* Tam trocados andão os objectos de todos os sentidos humanos, que parecia conveniencia equivocaremse os officios, pois quem lhe dava os ouvidos, lhe punha melhor os olhos: mas não he esta ainda a razão: he porque o mundo andava cego, & não tinha olhos para ver, quanto mais para chorar. Estes olhos nas Escrituras se entendem pelo entendimento; o mesmo David no lo affirma, dizendo em muitos dos seus Psalmos: Consideray cõ vossos olhos. E o nosso Lyra no lo explica, dizendo, quem saõ estes olhos:

Oculi

Oculi interiores animæ, vox eorum gemitus, & oratio. Estes saõ os seus discursos, saõ suas vozes os gemidos, sua eloquencia a oração. Como pois ao Povo de Deos faltava este entendimento, & vivia sem considerar, andava cego, às escuras, sem atinar o seu caminho, sem ver os seus despenhadeiros, a Cidade de Deos se fez ermos, as vias de Sion desertos, & o mũdo todo Babilonia. Oh se os homens considerárão, que forão nada ha pouco tempo, & que estão sendo pouco mais de nada, & que hão de ser cousa nenhuma! Se virão com algum cuidado, que aquillo, que foi, jà não he, & que o que ha de ser, ainda não chegou, & que o que està sendo, vay passando; hontem menos que huma sombra, hoje sómente hum pò unido, & à manhaã cinza, & corrupção. Quẽ da razão do seu juizo não faria olhos ao discurso? Quem das trevas do seu engano, não sahiria à luz da verdade? Quem das Remoras da sua culpa, não faria as azas da emenda? Virà o juizo, & a razão, que o que na vida himos crescendo,

he o que vay diminuindo; que os seus bens se vão acabando, tudo o que durão em hir sendo: & assim nos imos consumindo, quanto mais tempo imos durando. Cada instante de nossa vida fora hũ memorial para a morte, lembrandonos os que já passárão; cada lembrança da morte hum despertador para a vida, mostrandonos quantas se perdèrão. Conhecerá a mesma vaidade, que não ficando do nosso tempo mais que a memoria de haver sido, ou a mágoa de haver passado, naquillo mesmo que duramos, a cada ponto perecemos: *Per exigua festinantis ibi momenta præmorimur*. Tam veloz, & tam arrebatado he o curso da humana vida, que não havendo mais que hum passo desde o berço à sepultura, pode servirnos de tropeço hum pè mal posto a cada passo, não havendo mais que hum só folego entre o Inferno, & entre o Mundo: o mesmo ar que nos alenta, nos pode tirar a respiração. Passará em fim esta vida como vestigio de nuvem, ou qual nevoa, que se desfaz; desatarse nos ha o Espirito, como

como ar que se desvanece, como empolla da agoa que corre, como espuma do mar, que se ergue, como flor do feno, q̃ cahe. E em fim tam leve, & tam ligeiro nos passa o tempo com a vida, como Nao, que não sente o curso, com que se engolfa pelos mares; como setta, que em hum instante passa as metas, a que atira; como Ave, que em hum momento vence as distancias, a que voa; sem que o entendimento dos homens lhe queira examinar o curso, sem que o acerto dos Discretos se canse em apontar o tiro; sem que a cegueira dos Humanos procure asseguralhe o voo. Oh vaidade sempre cega! Oh ignorancia apetecida! Oh precipicio, & tudo engano!

COL-

GOLPE II.

Verumtamen universa vanitas, omnis homo vivens. Psalm. 38.

LAGRIMA II.

DA vaidade dos homens nasce a cegueira desse mundo. E andando acompanhada sempre da ostentação, da soberba, da presunçaõ, & da arrogancia, das mentiras, & das lizonjas; toda he fausto de ignorancias, toda familia de chimeras, & toda casa de loucos. Esta soberania, & este desalumbrado entono, cõ que se morre por ser Idolo, atràs dos Idolos do mundo anda arrastando o seu engano, & despenhando os seus insultos. Este he o canto das Sereas, que a cada canto do mundo, & a cada paiso dos humanos lhe faz o mar todo naufragios, lhe torna

torna o porto todo riſcos ; para a praya da Eternidade os encaminha o Norte d' Alma. & elles nas ondas dos peccados para o Inferno vaõ apique. Hum ſó viſlumbre da Fortuna, que como vidro reſplandece, os cega, atè quando ſe quebra ; hum reſplandor do luzimento, que como vella ſe conſome, ou como exhalaçaõ ſe gaſta, mais os aſcende, do que os alumia: huma adulaçaõ do aplauſo, que como ar ſe deſvanece, com os encher de vento, os incha ; humas delicias mentiroſas, que como pirolas ſe douraõ, com lhe ao argar, as idolátraõ ; humas honras imaginadas, que ſó tem dezar de fantezias, cõ ſer chimeras, as aprovaõ : & humas venturas fabuloſas, que ameaçaõ como Cometas, até com a vida ſe compraõ. Oh Homens vaõs, que vos engana? Gente cega, que vos obriga? Quem vos arroja, & vos deſpenha, vos eleva, & vos atrahe? Por ventura ſaõ as riquezas? Iſto deu a terra a huma mina. Saõ acaſo as grandes pompas? Iſſo deu o vento a hũa nuvem. He por ventura o ter mais vida? Iſſo deu

a hum tronco a montanha. He acaſo a valentia? Iſſo deu o monte a huma Fera. He a altura do grande eſtado? Iſſo deu o vento a hũa grimpa. Por dita ſaõ as fermoſuras? Iſſo deu o campo a huma flor. Que vos enlouquece, o deitar plumas? Iſſo deu a natureza a huma Ave. Que vos ufana, o veſtir ſedas? Iſſo deu o boſque a hum guzano. Que vos perſuade, o comer mais? Iſſo concede o tempo a hũ bruto. Como pois chega a ſer poſſivel, q̃ ſeja a voſſa idolatria a voſſa ambiçaõ, voſſa cegueira, aquillo de que goſta hum bruto, aquillo em que ſe cria hum bicho, iſſo com que naõ eſcapa hũa Ave, aquillo que naõ preza hũa flor, eſſoutro em que naõ dura huma grimpa; o mais com que foge huma Fera, & tudo o mais que em fim pouco eſtima o tronco, a Nuvem, a Mina? Se as riquezas todas ſaõ terra, ſe as pompas ſaõ hum pouco de ar, a vida pouco mais que folha; a valentia acçaõ de Feras; a mayor altura, mudança; a beleza, filha das hervas; as plumas, ſempre leviandade, as ſedas, tumulo de bichos;

& o

& o comer, gosto dos brutos? Para que quereis parecer minas, se assim sois pedras de escandalo? Porque fazeis por serdes nuvens, se isso he cousa que leva o vento? Porque folgais de serdes Feras, se isso he fugir de ser humanos? Porque estimais o viver como Arvores, se se cortaõ as que naõ daõ fruto? Porque dezejais parecer Grimpas, se a cada instante o ar as muda? Porque morreis por viver Flores, se cada dia hum Sol as seca? Porque vos prezais andar como Aves, se saõ pennas seus enfeites? Porque tratais de ser Guzanos, se os seus vestidos saõ mortalhas? Porque gostais de serdes brutos, se isso he negardes que sois homens? Oh venenos idolatrados! Oh fabulas sempre bem quistas! que facilmente vos deixára, quem vossa origem descobrira? Que alegremente vos pizára, quem por dêtro vos conhecêra? Mas que se ha de fazer hoje, a quem podendo ser maravilha por privilegio da razaõ, se faz aggravo de desatinos por condiçaõ da vaidade, ou abuso da natureza.

GOLPE III.

Væ tibi Corozain, væ tibi Bethsaida: quia si in Tyro, & Sidone factæ essent virtutes, quæ factæ sunt in vobis, olim in cilicio, & cinere pœnitentiam egissent. Matt. 11.

LAGRIMA III.

OH que dura conta haõ de dar aquelles, a quem Deos dá mais auxilios que a outros, aonde aproveitàraõ, & nem com isto se movérão! Que castigo rigoroso teràm dos Ceos, & dos Infernos, aquelles que fogem dos braços de Deos para as cadeas dos Demonios; que desprezaõ as eternas Glorias pelas penas da Eternidade? Que resistẽ aquelles impulsos com que Deos bate aos coraçoens? Que se retardaõ nó caminho, cõ que a Bondade immensa os chama? E q

se

se perdem no porto, depois de atravesarem os mares. Nada succede no mundo, que naõ seja hum grito perpetuo, com q̃ Deos Nosso Senhor avisa, & falla, que naõ seja hum despertador mudo, cõ que o Senhor nos dispẽrta, nos estremece, & nos acorda. As Aves, que acordaõ cantãdo, nos ensinaõ a louvar a Deos: as Fontes que correm ao centro, o como havemos de buscallo; as luzes que nos livraõ das sombras, o que faz a Graça nas culpas: a noite que entristece a terra, o como deixa o vicio huma alma: os males que vemos no mundo, nos mostraõ a sua miseria; as felicidades, & gostos, nos figuraõ os bens do Ceo; as vidas dos màos com os seus fins, nos fazẽ afastar dos seus passos; a morte dos bons com a sua gloria, nos faz seguir o seu exemplo. Nos dias tempestuosos, se representa o fim do mundo. Com as noites tristes, & escuras se nos retrata o Inferno. Tudo parece nos ensina, & tudo tambem nos reprehende, pois ainda em nòs naõ aprendemos o que experimentamos. E nada era

fim pòde baſtar, para que nos ſaibamos mover: prezos pelos laços enganoſos, & nos nôs cegos repetidos de taõ varias profanidades dormimos no leito da culpa, como ſe naõ houvera morte. Eſtamos na caſa do vicio, como ſe naõ houveſſe Inferno, & vivemos com o Demonio, como ſe naõ houvera Deos. Onde eſtà aquella differença, que nos diſtingue dos brutos? Onde mora aquella razaõ, q̃ nos iguala com os Anjos? E onde a vida dos Chriſtaõs, que nos chega a fazer Deoſes? Naõ ſe deſpedaça a continẽcia com os golpes deſeus delitos? Naõ ſe eſmorece o mundo com a ſua viſta abominavel? Naõ foge o ſangue a hum peccador com ſua vida aborrecivel? Como nos naõ admiramos, de que muitos por ſe perder, façaõ mais do que nôs por ſalvarnos? Que ſirvaõ tantos ao Demonio com mais extremos, que nôs a Deos! Se Deos fora o intereſſado, & nôs os independentes; ſe elle nos pedira algum mal noſſo, & naõ nos offereceràõ o Ceo, parece q̃ tiveraõ diſculpa as frouxidoẽs do noſſo

en-

engano. Mas ainda assim não tiverão, porque elle sempre fora amavel, & mais que tudo apetecivel. Pedimoslhe hóras, dános creditos; pedimoslhe males, dános bens; queremos gostos, faznos mimos; buscamos nada, dànos tudo; & nada disto ha de bastar para o buscar, para o querer, para o servir, para o amar! Por ventura nòs nos fazemos? Nòs nos sustẽtamos, & animamos? Obras saõ de suas maõs, empregos de sua bondade, & perdaõ da sua justiça. Qual he disto a satisfação, & qual o agradecimento? Reduzir tudo ao nosso engano, & prevertello em sua offensa! Por ventura para os vicios, & torpezas cuidaremos nos criou, quando elle tem maõ nos nossos castigos? Cuidaremos, que se descuida por hũa hora, por hum instante, que he o que dura a mayor vida, nos expomos cada põto aos danos da eterna morte, por hum ponto em que lhe fazemos eternidades de desprezos? Será bem, que o percamos, & cayamos na sua ira por toda a mesma Eternidade? Quem nos diz, que não será

hoje, daqui a pouco, ou logo, agora, se não concorrer com o que vivemos? Quê nos dà o com que duramos; pois por hũ pensamento leve, que mais affligе, do que recrea, por huma só palavra ociosa, que logo o ar, & vento a leva, por hum acto que peccamos, o que hum breve instante apenas dura: He razaõ que se offenda a hũ Deos? He acerto que se perca o Ceo? He bem que se agrade ao Demonio? Como não olhamos, & vemos, que fugindolhe, nos confundimos, & aggravandoo, nos offendemos, que peccando, o crucificamos. Que mal nos fez, se nos criou? Que nos offende, se nos ama? Em q̃ nos aggrava, se nos sofre? Como pois por ser servos de Satanás, nos negamos de Filhos de Deos? Como nos armamos cõtra elle, seguindo as bandeiras do Demonio! Como em fim só por servir a este, queremos que Deos nos sirva a nòs! Oh doudice sempre precipitada? Oh dezatino nunca chorado! Oh perdiçaõ precipitada? Oh cegueira do entendimento! Oh obstinação da malicia!

GOL-

GOLPE IV.

Derelinquat impius viam ſuam, & revertatur ad Dominum, quoniam multus eſt ad ignoſcendum. Iſai. 55.

LAGRIMA IV.

SE o mal naſce de não cuidar, o conſiderar he o remedio: *Meaitey os dias antigos, contempley os dias eternos*, dizia o Profeta David: por iſſo em outra parte: *Acendeuſeme o coração*; porque a meditaçaõ toda he fogo. Cuidem pois os homens o que he o mundo, & o que ſaõ os homens; o mundo inimigo de Deos, os homens inimigos de ſy, deixem as vias da perdição, tornemſe os homẽs a Deos, que he a ſua vida; viremſe, porque tudo eſtà num virar; façaõ alguma couſa os homens, & não queirão que Deos faça tudo.

tudo. Todos os paſſos, & fadigas, que ha de cuſtar eſte Theſouro, dentro de ſy meſmos ſe dão; caminhando pelo entendimento, & trocendo pela vontade; para que o prado crie flores, para a terra produzir minas, he neceſſario com o Sol cõcorrer a terra, & o prado. Não goza as riquezas da India, quem não navega o Occeano; nẽ ganha as palmas do Triũfo, quem foge aos golpes do conflicto. Não ſe cubrão ſempre os Nãoqueros, com os ſobcapas dos Nãopoſſos; porque he veſtir as diſculpas do meſmo trage da malicia. Não guardemos para a manhaã, o que ainda hè tarde, ſendo hoje; porque como ſaõ os noſſos Logos da natureza dos Depois, quaſi ſempre nos paſſa o tempo nos paſſatempos do outro dia. Não ſeja ſempre nas tentaçoens do Mũdo tudo propôr dezenganos, & tudo não cumprir promeſſas: tudo eſtes Logos de futuro, & tudo huns Nuncas de preſente, pois vemos que para ſerem eſtes Nũcas da condição daquelles Sempres, Ainda he ſempre em nòs, o Daqui a pouco ſem-

sempre he Nunca. O resistir a Deos cada dia, enganar a Deos cada hora, que castigos, que desemparos não teràm da ira de Deos? Se por vermos, que nos dà avisos, damos confiança aos peccados; se por usar de misericordias tomão licença as nossas culpas: se pois o Iá, he tarde, quem não dirà, que o Amanhaã vem lõge? Não saõ misericordias, que se dilatão offendidas, jà saõ especies de castigos que outros mais crueis ameação. Não sei como ha quem se deite a dormir com o seu peccado, sem se acordar do seu perigo! Oh convertamonos a Deos muito de todo o coração: seja Deos nos nossos coraçoens o definitivo dos venenos, com que morremos pela culpa. Preciso he, que em nòs se funde o que Deos mesmo edifica, & elle he quem levanta a fabrica, fazendonos sahir da terra, nòs somos quẽ poem o fundamento, humilhandonos a suas obras. Ninguem cuide tanto de sy, que imagine que Deos o ha de mister, q̃ para amallo nos criou; que fazemos, que o não amamos, fugindo de quanto o offen-

fendemos? O primeiro paſſo para o Ceo, não he outro que o primeiro paſſo, com que nos afaſtamos do mundo; porque afaſtar das criaturas, he o meſmo que chegar a Deos, eſcada pòdem elles ſer para ſubir ao que elle he, quanto mais ſe todo o mundo metermos debaixo, mais perto de Deos ficaremos. Por eſtes degraos nos ſobe a luz a ver o Sol no Meyo dia; por eſtes quando ſe deſce, ſe cerra a noite dẽtro na alma. Leveſe a raſtos a vontade a ver o que diz a memoria; peite a razão o entendimento, para que converta a võtade; não pareça que anda vadío entre os humanos o diſcurſo: nem ſeja a praça para hum cego a Monarchia do alvedrio; não ſe queixe a Miſericordia, de que nos deixe então a Graça, nem ſe irrite mais a juſtiça de que do perdão creſceu a culpa.

GOL-

GOLPE V.

Milvius in Cœlo cognovit tempus ſuum: turtur, & hirũdo, & ciconia cuſtodierunt tempus adventus ſui: populus autẽ meus non cognovit judicium Domini. Ierem. 8.

LAGRIMA V.

AS Aves, as criaturas mais leves, as que não tem razão, & juizo, ſabem aproveitarſe do tempo, conhecendo o que elle pede; muitas vezes fugindo ao mar, onde tenhão ſeu ſuſtẽto, buſcão nas prayas ſeu abrigo, onde antevem as tempeſtades. Os Homens, a quem Deos entregou o imperio das criaturas, a quẽ deu mais a conhecer o diſcurſo do tẽpo, como ſe não tiverão razão, como ſe não tiverão diſcurſo, todo o tẽpo querẽ dar ao ſeculo, & nenhũ à Eternidade. Os cãpos ver-

verdes, & groſſeiros, dãdolhe Deos a Primavera, dão flores, & ao menos dão hervas, onde ſe achão muitas virtudes. Os trõcos, q̃ eſtiverão nùs ao deſabrigo delaneiro, fazẽdo penitẽcia rude, ao menor auxilio de Abril, ao movimento do Verão, não ſó florecẽ, mas daõ frutos, com que tambem nos daõ exemplo. A neve que ſe gela mais fria, a fonte que ſe vio mais preza, o rio que parou mais atado nas prizoens do Inverno, em lhe dando os rayos do Sol, ſe desfazem, & ſe derretem. Só os Homens, os Senhores do Mundo, os que ſe prezaõ de entendidos, aquelles a quem Deos chama Filhos, aquelles que tem a Deos por ſeu Pay, por mais que o Ceo lhe dè o tempo, ſaõ muito mais que o campo rudes; por mais que Deos lhe dobre os annos, ſo ficaõ mais que o tronco ſecos; & por mais que lhe dé calor, ſó ficaõ mais que a neve frios. Quem vendolhe gaſtar as horas, quem vendolhe perder os dias, & deſperdiçar os mezes, & os annos [cujos reditos naõ ſe cobraõ, cujas perdas ſe naõ reſtauraõ, cujos frutos

tos se naõ restituem] nam sentirà , nam chorará, ver que perdeu o tempo da vida, da penitencia, & salvaçaõ ? Quem o tem feito a cada instante para o anno da sua perdiçaõ, para o dia do seu Iuizo, para a hora da sua morte ? Ha quem se veja? Senaõ fora no mundo hum aviso cada succesſo, huma voz cada respiraçam, & hum grito cada precipio; parece que tiveraõ desculpa os que nenhuma tem no mundo; porque o mundo nenhuma tem. Mas que se naõ emendem os Homens! Se antes do dia do Iuizo, de tantos juizos alheios, lhe apparecem estes finaes, & lhe deitaõ estes juizos. Esta a todo o tempo hea desculpa, & esta quasi sempre a lastima, & só no juizo dos Homens nam ha hum final do Iuizo! Quem sabe que a terra ha de abrirse, & metello nas suas entranhas, & lançàllo na sepultura, porque naõ treme do que Deos lhe sofre? Se de nos trazer sobre sy, vemos que treme a terra mesma; se por terra nos poz o mũdo, para lançar o mundo ao mar quem espera tempo mais perfeito, que quando

as

as Divinas monçoens lhe poem nos olhos as aguas vivas? Por ventura por eſte livro da noſſa meſma experiencia, ou dos caſos de todo o mundo, aprendemos para ſer troncos, eſtudamos para penedos, & em tantas outras criaturas? Oh peregrinos do ſeculo, ſede hoje os dezenganados; porque ſe eſte valle de lagrimas, eſte valle deſconhecido, tantas vezes vos enganou nas Primaveras da vida, como he razão que atè no ultimo valle, que vemos no Outono da morte, vamos cultivando os enganos, para recolher os caſtigos. Eisaqui porque chora a terra; eisaqui porque ſe entriſtece o Ceo: *Lugebit terra, mœrebunt Cœli.*

GOL-

GOLPE VI.

Ecce motus magnus factus in mari, ita ut navicula operiretur fluctibus. Accesserunt ad Iesum discipuli ejus dicentes: Domine, salva nos, perimus. Matth. 8.

LAGRIMA VI.

SE os que trazem a Deos comsigo, se os que andão na companhia de Deos, se vem a risco de perderse, & pedem a Deos que os salve, que lhe acuda, & que os guie; os que andão no mar do seculo, na companhia do Demonio, cubertos das ondas dos vicios, & perdendose a cada passo nos baixos, & Sirtes do mundo, como esperão melhor fortuna? Correm perigo os Iustos, & não o correm os Peccadores! Os Santos, se escapão, he pegados da taboa da Cruz; & os mundanos

salvarsehão em hum mar de culpas sofobrados? Vejamos pois, que estes movimentos, que temos no golfo do seculo, os permitte Deos muitas vezes para vermos o nosso risco, & pedirmoslhe a elle socorro: por huma parte o nosso descuido he calmaria que nos prende; por outra a sensualidade, he a Serèa que nos atrahe com seus cantos encantadores, não menos que perdição; por muitas a nossa vaidade he temporal que nos sofobra; por não poucas a nossa ambição he tormenta que nos contrasta; & por todas o nosso engano he borrasca que nos mete a pique. Tome pois a razão o leme, vire as vellas ao entendimento, siga outro rumo a vontade; porque se a mesma fantezia quizer saber aonde está, na breve Carta de hum papel achará posto o Mundo todo; nas pinturas de hum purgaminho suas melhores apparencias; muito chãs as suas alturas; muy iguaes as suas maravilhas; suas larguezas entre huns riscos, & cumprindo à risca o seu engano. Oh se os Homens se enjoarão de andar lutando com as ondas!

Se

Se se persuadirão os Homẽs, quando andão fóra de seu centro! Se dezejando tomar terra, se lembrárão que saõ pô; quem duvida que para o porto da salvaçã o pozera a proa do sentido, dobrando para as Indias do Ceo o Cabo da Boa Esperança, & não o Verde da ambição para essa Mina deste mundo: tudo o que neste he Porto Bello, nada tem de Porto Seguro; porque nas mesmas Enseadas esconde o mal, que nos arrisca, & no perigo traz o inimigo, que sempre em fim nos anda à costa. Mas nem por isso desconfiem os que se vem mais derrotados; porque se seguirmos o Norte, que nos mostra a Estrella do mar, se tomarmos a altúra do Sol com o Astrolabio da Oração, & se não deixarmos perder no Porto tudo o que escapou das ondas, veremos mudarse em breve tempo o temporal em mar bonança, o naufragio em boa viagem, & a perdição em salvamento. Com o que em huma serenidade em q̃ tudo se poem tranquillo, navegaremos felizmente, cõ que as Rémoras nos detinhão, & dezem-

barcando nas prayas de hum eſpiritual ſoſſego, poderémos erguer ao Senhor o Templo Santo da Oração, primeiras aras do dezengano, ſacrificio da vontade, pelas paredes memoria ás reliquias deſte eſcarmento, & por toda a parte o exemplo às inſignias deſtes milagres ; a cuja viſta creſção mais não ſó os votos da razão, mas as devoçoens á maravilha. De tudo iſto vimos a colher, que he mar tam perigoſo o Mundo, que ſe perdem os mais q̃ o navegão, ſó he remedio para ſalvar, acudir, & chamar a Deos, conhecendo que elle he quem nos ſalva, não noſſas forças quem nos livra. Cheguemonos cõ todo o coração, pondo ſómente nelle os olhos, que elle fará parar os ventos, & porá em obediencia os mares em hũa tranquillidade de mais dura, do que ſaõ todas as couſas do mundo, que poſſaõ admirarſe os Homens, & dizerem com louvor, & eſpanto: Quem he eſte, a cujos imperios, a cuja voz os mares, & ventos obedecem?

E S-

ESPELHO
DO ESPELHO,

EM QVE SE DEVE VER, & compôr a Alma, que quer chegar à união de Deos:

Pelo Veneravel Padre

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS.

I. Vista.

VEr se ama a Deos sobre quanto se pòde amar, mais que o Ceo, mais que a vida, mais que a honra, &c.

II.

Se aborrece o Peccado sobre tudo quanto se pòde aborrecer, mais que a

Morte, que o Inferno, & que o Demonio.

III.

Se tem firme proposito, que está certo, & resoluto, que antes ha de morrer, que peccar, ainda que o offendão na hora.

IV.

Se ama entranhavelmente a Deos, não só como Misericordioso, senão como Iusto: & se faz tam bom agasalho no coração à sua rigorosa Iustiça, como à sua amorosa Misericordia.

V.

Se aceitará de boa vontade, estar antes no Inferno em graça, que no Ceo em culpa.

VI.

Se estivera no Inferno de boa vontade quanto Deos quizera, a troco de dar cõ isto alguma gloria a Deos.

VII.

Se por seu amor de boa vontade deseja padecer de todo o coração por amor de Deos, & ama os desprezos, & aborrece os aplausos do mundo.

VIII.

Se dezeja fervorosamente conformar a sua

a sua vida, & transformarse todo na vida, dores, & virtudes de meu Senhor Iesu Christo Crucificado.

IX.

Se despreza alguem, ou se tem por melhor que outro, ainda que tenha vida mais justificada; porque he soberba.

X.

Se se queixa, ou folga de desculparse, quando o murmurão; porque quem tem verdadeiro amor de Deos, não se desculpa, nem se queixa.

XI.

Se està prompto para abraçar todas as tribulaçoens, que por amor de Deos lhe vierem, & por zelar a honra de Deos; & se està aparelhado para todo o dezemparo do corpo, & espirito, & atè do mesmo Deos, como não seja perder sua amizade.

XII.

Se dezeja estender por todas as criaturas o amor, & louvor Divino; & se faz quanto pòde, para que assim seja.

XIII.

Se se entristece das offensas de Deos,

& da vida relaxada dos peccadores, & por elles offerece a Deos algumas penitencias.

XIV.

Se se alegra que haja outros muitos, que vivão santamente, & façõ mayores cousas que elle, por gloria do Senhor.

XV.

Se dèra as suas boas obras aos q̃ estão em culpa para se pôrem em graça, & às Almas do Purgatorio, para se livrarem de penas; contentandose com ficar ingreme na vontade, & bondade Divina.

XVI.

Se tem Oração continua, & anda na Divina presença, por mais occupaçoens, ou lida que tenha.

SE-

SEMELHANÇAS

Que tem o verdadeiro Amor de Deos com a Morte.

Fortis est ut Mors Dilectio. Cant. 8.

QVem tem perfeito Amor de Deos, ha de achar no seu Amor estas Semelhanças. I.

He, que contra a Morte não ha resistência: Assi nada resiste ao Amor de Deos; se a vontade ainda resiste, se o corpo, se a Alma, se os sentidos; não ha ainda Amor perfeito. II.

A Morte tira os sentidos ao corpo, mas não tira à Alma a razão; antes fica mais perfeita: Assim o Amor, tira os sentidos mortificandoos, mas não tira a razão ao entendimento; antes o aperfeiçoa no co-

nhe-

nhecimento proprio, & Deos.

III.

A Morte em toda a parte pòde succeder, em todas as occasioens tem occasião, em todo o lugar pòde ser, em toda a parte tem porta aberta, comendo, rezando, passeando, estando quedo, chorando, rindo; em casa, na rua, na Igreja, na cama, na mesa, &c. Assim em tôda a parte se pòde amar a Deos, em todo o lugar, em todas as occasioens, & acçoens, excepto nas de peccado. E ainda que não seja mais, digamos em toda a parte interiormente: *Meu Deos, do meu coração, da minha alma, da minha vida, das minhas entranhas, em vos creio, em vos espero, a vòs adoro, & amo sobre todas as cousas.*

IV.

He, que todo o nosso bem pende de huma boa Morte: Assim todo o nosso bẽ pende de termos Amor a hum Deos infinitamente bom.

V.

He, que tudo o que não he bom para a hora da Morte, não he bom para a Alma:

Assim

Assim tambem não he para a Alma, o que não he para amar a Deos.

VI.

He, que a morte he amargosa para os máos, & doce para os bõs: Assim o Amor de Deos he amargoso para os apetites, & doce para a razão, & affectos que nam saõ maos.

VII.

E muito principal he, que quem morre, jà naõ pòde tratar dos bens desta vida, senão dos eternos, se morre bem: Assim quem quer bem a Deos, não trata dos bens desta vida, só se lembra dos eternos.

VIII.

He, que a Morte mata só por matar, não tira interesse nenhum de que morrão o Papa, o Principe, a Donzella, o Grande, o Piqueno: Assim o Amor de Deos ha de ser por amallo, sem interesse desta vida, charidade perfeita, & nù de tudo o que não he Deos.

IX.

He, que o Homem nasce para morrer: Assim tãbem o Homem nasce para amar a Deos.

He,

X.

He, que para haver boa morte, he necessario boa vida: Assim para ter bom amor a Deos, he necessario viver bem, exercitandose em todas as virtudes, que forem possiveis.

XI.

He, que a Morte boa he alivio de todos os trabalhos: Assim o Amor a Deos de todos deve ser alivio.

XII.

He, que na Morte se acabão brevemẽte as penas: Assim todas as nossas, em havendo Amor, brevemente se acabão.

XIII.

He, que a muito se atreve, quẽ se atreve à Morte; por isto saõ louvados os Martyres: Assim a muito se atreve, quem se offerece ao Amor, & se entrega a elle, ha de romper por tudo, & as difficuldades, & impossiveis lhe hão de parecer faceis.

XIV.

He, que a Morte descobre os enganos do Mundo: Assim o Amor de Deos descobre a falsidade dos enganos do seculo.

Mui-

XV.

Muito para notar he, que diz o Espirito Santo, que quem se lembrar da Morte, não peccarà mais: *Memorare Novissima tua, & in æternum non peccabis*: Assim quem se lembrar do Amor de Deos, não ha de peccar.

XVI.

He, que a morte muda os sogeitos; quem antes era homem delicado, com a Morte se muda em cadaver; ainda que o pizem, & esbofeteem, não sente o q̃ lhe fazem: Assim o Amor muda as criaturas, de modo que como mortas não sentem o que sentião, antes quem antes de amar a Deos não se achava capaz de jejum, de penitencia, &c. em amando a Deos he outro, jà não sente, ama, & ama ao máo trato, &c. por isto a Iustificação se chama Conversó, que he mudar em outro.

XVII.

He, que a Morte não tem mais q̃ hum contrario, que he a Vida: Assim o Amor de Deos, não tem mais que hum inimigo, que he o Peccado, que he o seu de-

ſtruidor; todos os mais inimigos, Carne, Mundo, & Demonio, em tanto ſaõ inimigos d'Alma, em quanto occaſião de peccados, mas vencidos todos elles, ſerão para creſcer o Amor.

XVIII.

De hum morto não ſahem mais que guzanos, que lhe roem as entranhas: Aſſim de huma Alma enamorada de Deos ſahe o bicho guzano da Conſciencia, que a roe com a memoria, & contrição das paſſadas culpas, com a dôr dos deſcuidos preſentes, que a eſtão ſempre mordendo, & atanazando.

XIX.

A Morte deixa huma Alma ſó acõpanhada de ſuas obras, & em preſença de Deos: Aſſim o Amor deixa huma Alma ſó, dizendo q̃ não quer mais que a Deos, veſtindoſe para iſſo de ſuas boas obras.

XX.

He, que hum morto logo dà cheiro de ſy em quanto o não enterrão: Aſſim quẽ ama a Deos, logo cheira a ſeu Amor, & não o pòde encobrir atè ſe meter numa

He,

XXI.

He, que a Morte he ley que se póz a todos, não se livra della nenhum: *Statutum est hominibus semel mori*: Os Reys, os Principes, os Nobres, os Plebéos, enfermos, nescios, & sabios estão sogeitos ás Leys da Morte: Assim tambem estão todos sogeitos ás Leys do Amor, & devem amar todos a meu Senhor Iesu Christo.

XXII.

He, que quando chega a Morte, todos fazem grandes propositos de nunca mais peccar: Assim quádo chega o Amor, devemos fazer hum firme proposito de nunca mais offender a Deos, que para sempre seja louvado, servido, estimado de todos, querido, & obedecido, pelos seculos dos seculos. Amen.

SI-

SINAES DO

Perfeito Amor de Deos.

I.

PRimeiro final do Amor de Deos: He cuidar sempre no que se ama, & quãta he a lembrança, & memoria, tanto he o Amor, como diz Santo Agustinho: *Mẽsura Amoris, memoria est.* Senão cuidamos muito em Deos, não o amamos muito, & he impossivel, que folguemos de meter em o coração, o q̃ não trazemos no sentido; se Deos he o nosso Amor, elle he o nosso cuidado; a força cõ que o Amor entra por dentro d'Alma, não permitte, q̃ esteja ociosa a memoria.

II.

He gostarmos de fallar em Deos amiudo, vem-se o coração à boca; he o Amor

Amor como o azeite, que logo revè por fóra; por fóra ha de dar finaes do q̃ eſtà dentro, como o Sol na nuve, & na cheminè o fogo.

III.

Se folgamos de ouvir fallar de Deos; não ha quẽ não ſe alegre, gabãdolhe, ou fallandolhe no que ama; hum ſuave ſobreſalto cauſa nas Almas, que têm entregue o ſeu coração a meu Senhor Ieſu Chriſto: Deos he ſetta, em ſe bolindo na ſetta, de que hum eſtà atraveſſado, logo dà ſinal de que a ſente.

IV.

Se os dezejos de Deos ſe poem por obra A arvore que não dà fruto, má arvore: Nao que vem da India vazia, triſte Nao: Iardim que nã tem huma flor, máo Iardim: Alma que dezeja fazer por Deos grandes couſas, & não faz nada, miſeravel Alma.

V.

Se viſita amiudo os Templos dedicados a Deos: ſe he Religioſa, veja ſe viſita muitas vezes o Santiſſimo Sacramẽto,

ainda que seja com hum Padre Nosso, & huma Ave Maria, & se ama o Coro, & os santos exercicios, & se reza com reverência, & devoção o Officio Divino.

VI.

Se dá esmolas aos necessitados por charidade, & não por vangloria; se cõ suas Oraçoens, disciplinas, bom exemplo, & bons conselhos ajuda os proximos.

VII.

Se se não agasta com os trabalhos, & sofre com paciencia, & alegria as necessidades, doenças, afrontas, & miserias, que Deos permitte para nossa prova; porque ao ouro de nossas Almas nesta fornalha se tire o que tem de terra, & as fezes, que impedem a união Divina.

VIII.

Se fazemos com gosto tudo o que nos manda Deos em sua Ley, & temos de obrigação segundo nossos estados.

IX.

Se arrefece em nos o Amor, que antes tinhamos ao Mundo; porque se este não esfria, he final que o Amor de Deos nam

se

se acende, não ha tal Amor, não se póde servir a dous Senhores, nem com huns mesmos passos caminhar para o Norte, & para o Sul. Quando o Amor de Deos começa, he final certo, que o do Mũdo acaba: a alvura na parede deita fóra a negregúra; se a negregúra do Amor do Mũdo reyna, ainda não ha brandúra.

X.

Se honra, & estima os servos de Deos, & gostosamente os ouve, serve, consulta, & obedece, em especial aos Pays Espirituaes; ou se aborrece atar o Espirito, ou a Vontade à obediencia. Quem quizer aproveitar em breve, tenha Pay Espiritual, & governese por elle.

XI.

Se folga de darse ao retiro, & ao silencio, para que estando só retirado do Mũdo, converse, & falle com Deos: quem se não retira de criaturas, & de deleites, & de peccados, não chega à união cõ Deos.

XII.

Se tem Oração continua, & se em tudo o que faz dezeja contentar a Deos, &

faz por não sahir de sua presença, em que deve andar por amor, & por memoria continua, conservando para isto a pureza de intenção, & de consciencia, chegandose amiudo à Sagrada Cõmunhão.

XIII.

Se folgamos, & nos alegramos, de qúe todos amem, louvem, queirão, estimem, & obedeção a Deos.

XIV.

Se fazemos quanto em nòs he por estẽder por muitas Almas o Amor de meu Senhor Iesu Christo; cançãdonos o possivel porque seja estimado, santificado, & louvado na terra: que reyne em todas as Almas; & que em quantas podemos, se destrua o Reyno do peccado, & o Imperio do Demonio, de que devemos ser publicos, & capitaes inimigos, por gloria, & honra de Deos, que seja louvado para sempre. Amen.

EX-

EXERCICIO DE

Mortificação para toda a Semana.

A Segunda feira.

MOrtificar os ſentidos dos olhos, não olhando de advertencia para creatura alguma, fazendo muito porque eſta exterior compoſtura do roſto, & viſta, ſeja memorial da interior modeſtia, & recolhimento da Alma na preſença Divina, andando em fé de que eſtà na preſença de Deos, ſem ſe pôr a examinar, como he Deos, que figura tem, ſe eſtá em pè, ſe aſſentado, de q̃ cor, ou de q̃ feição, ou onde morava, antes que fizeſſe o Mũdo; & outras couſas como eſtas. O que he immenſo, como ſe pòde medir? O que he infinito, como ſe pòde alcançar? O

que he incomprehenſivel, como ſe póde comprehender? Baſta conhecerſe a Deos debaixo da razão do Boniſſimo, Sapientiſſimo, Fermoſiſſimo, Clementiſſimo, Liberaliſſimo, Pay, Amigo, Eſpoſo de noſſas Almas, Rey de todo o Vniverſo. Só quando eſtiver em parte que poſſa olhar para o Ceo, póde erguer os olhos, porque como dizia S. Thereſa: Olhar ao Ceo, faz recolher os ſentidos. E ſe olhamos para o Ceo [como dizia Sãto Ignacio) vil couſa nos parece a Terra. Eſte dia ſe tomarão trinta & tres golpes de diſciplina, à honra dos trinta & tres annos de meu Senhor Ieſu Chriſto, na união do que padeceu na Coluna. E examine à noite, como guardou eſte ſentido: & reze aos olhos de Chriſto hũ Padre Noſſo, & huma Ave Maria, em ſatisfação dos defeitos que niſto teve, & em acção de graças. E aſſim fará todos os dias à noite, conforme a mortificação. E viſitará o Santiſſimo Sacramento huma vez.

Terça feira.

Mortificará os ouvidos, principalmẽte

te em fugir das conversaçoens perigosas, dezejando ouvir interiormente as inspiraçoens Divinas. Este dia, se tiver saude, traga cilicio duas horas. E se poder, visite o Santissimo Sacramento, ainda q̃ não seja mais que com hum Padre Nosso, & hũa Ave Maria.

Quarta feira.

Mortifique o sentido do gosto, jejuãdo de ordinario, & fazendo alguma mortificação no sustento, & totalmente pelo que for regallo ande cuidádo nos gostos do Ceo, & nas Celestes doçuras da Mesa Divina. Disciplinese à noite por espaço de hum Miserere. Visite duas vezes o Santissimo Sacramento, na fórma a sima dita.

Quinta feira.

Mortifique o sentido do Olfato, fugindo de todas as cousas de cheiro, & por algum espaço, buscando algum tormento deste sentido; quando não tenha em que se mortificar, exercitese este dia em actos de humildade, & paciencia, fazẽdo por não cheirarlhe mal nenhum a palavra, nem afronta que lhe façáo. Faç

vinte & quatro actos do amor de Deos, dizendo: *Meu Deos, da minha Alma, da minha vida, & do meu coração, antes morrer, que peccar, antes no Inferno em graça, que no Ceo em culpa.*

Sesta feira.

Mortifique o sentido do Tacto, pondo pela manhaã cilicio atè o jantar, se tiver saude; à noite disciplina por espaço de hum Miserere. Não se toque, nem se coce de advertencia. Não se veja ao espelho, nem parte alguma sua. Jejue, se puder, a pão, & agua; & visite tres vezes o Santissimo Sacramento, fazendo por ter dor de seus peccados; faça por andar cuidando este dia nas dores de meu Senhor Jesu Christo Crucificado.

Sabbado.

Faça por guardar silencio todo o dia, buscando lugares sós, & solitarios, onde esteja só, em presença, ou memoria de Deos; & não falle de advertencia, mais que a responder o que se lhe pergunta: visite as vezes que puder o Sãtissimo Sacramento. E tomese residencia este dia, como

como guardou os sentidos toda a Semana: reze huma Ave Maria, & huma Salve Rainha a Nossa Senhora.

Domingo.

Mortifique a memoria de tudo o que lhe vier a ella, dizendo: *Sois vós Deos meu, pois nada mais que Deos.* E faça q̃ nem no entendimento, nem na vontade entre, nem se detenha cousa, que não seja Deos, ou cousa de Deos; empregando estes espirituaes sentidos em sua lembrãça todo aquelle dia, em actos de Fé, Esperança, & Charidade. Visite sinco vezes o Santissimo Sacramento. E se for dia de Communhão, & se quizer trocar o exercicio deste dia com o do Sabbado, póde fazello; & ao Sabbado faça o deste dia. E em nenhum se deite, sem cuidar como o meteràm na cova, & na conta, que ha de dar a Deos. E feito Acto de Contrição, & de Amor, deitese, & a primeira cousa que disser em acordando, seja: *Louvado seja Deos.* E offereçalhe logo à sua Gloria, & Honra, as obras q̃ fizer naquelle dia, & as de toda a vida.

EX-

EXERCICIO BREVE

Para a Santa Oração.

A Oração constá de sinco partes. Preparação, Lição, Meditação, Petição, & Acção de graças.

Posto de giolhos, diante de algũa Imagem devota, ou onde quer que for, benzase, & beije o chão, & faça este Acto de Contrição.

Meu Senhor Iesu Christo, Deos, & Homem verdadeiro, Criador, & Redẽptor meu. Pequei, fiz mal, cahi como peccador. Por ser des infinitamente Bom, me peja de todo o coração havervos offendido. Proponho firmemente com vossa Graça, emendar minha vida. E espero em vossa Misericordia, que por vossa Morte, & Paixão me perdoeis minhas culpas. Senhor, antes morrer,

ver, que peccar. Misericordia, Misericordia, Misericordia.

Feito isto, se tiver tempo, lugar, & livro, lea alguma cousa do que ha de meditar; & se quizer entrar na devoção das Chagas de meu Senhor Iesu Christo, sirva para composição de lugar: Representar hum Deserto solitario, em o qual em sinco Penhas ingremes estão sinco Ermidas deshabitadas, sem haver pessoa que nellas viva, & que a Alma, tendo tenção de viver solitaria [isto he apartadas das criaturas) se faz habitadora deste Deserto, & escolhe por moradas estas Ermidas, & que se determina a viver nellas, hum dia em cada huma.

Deserto, quer dizer cousa só, & desemparada: o Deserto he meu Senhor Iesu Christo, que não ha quem queira morar nelle, & assim está desemparado do Mundo.

As Ermidas saõ suas Divinas Chagas; estão em Penhas ingremes, porque parece cousa difficultosa viver metida a Alma nestas Chagas Santissimas: & por

isto

isto estão como deshabitadas. Tanto que a Alma considerar isto, dirà de todo o coraçaõ: *Meu Senhor, de hoje em diante me resolvo a viver comvosco, apartado por vosso Amor de todas as criaturas. Escolho para morada de minha Alma este Deserto, & por casa vossas Santissimas Chagas. Eis me aqui meu Deos, se me quereis, aqui quero estar toda a vida.*

Tomando isto para Meditaçam, farà primeiro a Oraçaõ seguinte, todas as vezes que entrar a orar.

Meu Senhor Iesu Christo, que sem eu o merecer, me tiraste do nada que antes era; & depois por vossa Bondade immensa me fizestes sahir do pêgo do Mũpo, do lago de minhas culpas, dos abismos da minha vaidade, & soberbà, do mar sem fundo de meus vicios, & do profundo Inferno de meus peccados. Peçovos [meu Senhor] q̃ assim como sem o merecer, me livrastes da perdiçaõ, & de todos estes males; assim agora sem que eu o mereça, me naõ deixeis cahir nelles, & fazey com que todas as minhas obras, pensa-

pensamentos, & palavras, se dirijaõ a vossa mayor gloria, & honra puramente, porque vòs sois digno de ser summamẽte amado, louvado, & obedecido: & porque assim quereis que eu o queira, & o faça, & por todos os sempres dos sempres. Amen.

Feita esta Oraçaõ, feche os olhos, & represente se neste Deserto, isto he dentro de Christo; & tome huma Chaga para cada dia. Nella medite quem he aquelle Deserto, isto he quem he Deos, immenso, infinito, eterno, incomprehensivel, que padeceu. Considere os tormentos, & agonias do Horto, da Coluna, ou da Coroaçaõ de Espinhos, ou da Rua da Amargùra, ou do Calvario; ou principalmente a dor que padecería naquella Chaga, em que se mete a Alma.

E se for na do Lado; considere o Amor, com que aquelle coraçaõ Divino se expoz a todo o tormento, & que ainda depois da morte deu agua, para nos lavarmos, & sangue para nos redemir. Faça por estar abraçando aquelle amorosissimo

simo coraçam; considere com q̃ paciencia,, com que charidade, com que dezejo de nossa salvaçaõ padeceu.

E medite principalmente por quem, por nós Peccadores, & por hum de nós; pois dizem os Doutores Sagrados, que se hum só houvera no Mundo, viera á padecer só por elle; & conforme a tençaõ do Espirito Santo, gaste nisto meya hora; ou o tempo que puder.

Acabada a Meditaçaõ, pedirà a Nosso Senhor, o mais necessario para sua salvaçaõ, & para sua Alma; a Graça, as virtudes, a perseverança, & os bens Espirituaes, ou temporaes, necessarios para a vida, ou para a salvaçaõ, & bens de seus proximos, & pelas Almas do Purgatorio.

Vltimamente darà graças a Deos deste superior beneficio, que delle recebeo, porque o ter Oração, hé dom particular do Espirito Santo, & final de Predestinado. Dezejarà meterse em todas as Criaturas do Ceo, & da Terra; para que com todas o louve, & ame; dezejando fazer hũ amor do que lhe tem todas para

mais

mais ardentemẽte amar, & ſervir a Deos. Dezejarà meterſe em Deos Pay, para amar com ſeu amor a Deos Filho; & em Deos Filho, para amar com ſeu amor a Deos Pay; & em Deos Eſpirito Santo, para ſe unir melhor com elles.

Feito iſto, farà muito por conſervar todo o dia a memoria de Deos; & naquella Chaga em que andar, como ſe eſtivera nella metido, alli coma, beba, durma, falle, hore, eſtude, & faça quanto fizer, iſto he, com lembrança ſua; & o que nam fizera, andàra, ou differa à viſta de Chriſto, não faça, nem o falle, nem o cuide; & tudo por gloria, & honra, & amor de Deos, que ſeja louvado para ſempre. Amen.

ORA-

ORAÇAM

Para alcançar ardentemente o Amor de Deos.

MEu Deos, ou vòs me quereis, ou me naõ quereis; se me naõ quereis, hey de queixarme de vòs (meu Deos) aos Ceos, & à Terra, pois me criastes para me engeitar. E se me quereis, meu Deos, eis me aqui, na vossa Casa estou, fazei de mim o que quizerdes. Quando pois [meu Deos) quando ha de ser isto [meu Senhor) que me queira o vosso Amor; & que com o vosso Amor me estale o coração? Quando (meu Iesus] ha de ser o dia? Quando (meu Deos) aquella hora, que com ardentes dezejos, & entranhaveis suspiros, & com abrazados fervores se ha de acender a minha alma,

ma, & abrazar á minha vontade em voſſo Divino Amor ? Quando (meu Deos) quando, Senhor, quando, meu Ieſus, cõ abrazada ſede das eternas doçuras, & da vida Eterna, & Celeſte, haõ de andar as minhas ancias em lagrimas ; & gemidos por eſſes ares, gritando ao Ceo, & fugindo à Terra ? Seja, meu Deos, ſeja, meu Senhor, ſeja, meu Ieſus, ſeja iſſo hoje, & nam á manhaã ; ſeja agora, meu Ieſus, & nam daqui a pouco; ſeja logo, meu Deos, & naõ ao depois ; ſeja jà, meu Senhor, & não logo. Aqui me tendes, meu Senhor, & meu Ieſus, nam ſeja mais tarde iſto ; rompaſe eſte penedo em fontes de lagrimas por voſſo amor, & por minhas culpas. Desfaçaõſe meus olhos em pranto, meu coração em ſuſpiros, minhas entranhas em doridas mágoas por meus peccados, & acezo todo em meu Deos, em chamas de Eſpirito, & em celeſtes lavaredas, acabe jà de conſumir, & abrazar eſta arvore ſem fruto, eſta terra toda eſpinhos, & eſta Alma de penhaſco para vós, meu Deos, ſempre dura, & para o Mun-

do tam branda; para os vicios tam viva; & para voſſa Graça tam morta. Oh meu Deos, & meu Senhor, ſe em mim houvera, meu Ieſus, toda aquella reverencia, com que vos ſervem, & louvaõ todos os Anjos do Ceo, & Iuſtos da Terra, eſſa fora, meu Deos, a minha gloria! E ſe eu ſó vos pudéra ter tãto amor como os Serafins do Ceo, eſſa fora a minha delicia. E ſe vos pudéra receber com outra tanta pureza como a Virgẽ Maria voſſa Mãy, eſſa fora a minha ventura. Se pudèra eſtenderme por todas as criaturas do Mũdo, & amarvos juntamente em cada hũa, como todas juntas vos amaõ, eſſa fora a minha alegria. Se pudèra amarvos, meu Deos, que foſſe ao Ceo, & roubaſſe o q̃ quizeſſe, a todos deixaría a Gloria, mas o Amor naõ lho deixaría, porque todo me pareceria pouco para vos amar. E ſe de todos os coraçoens do Mundo, pudèra fazer hum ſó, ſó a vòs, meu Deos, & Senhor, o déra. E ſe de cada area do mar, & de cada Eſtrella do Ceo, & de cada flor da terra, & de cada letra dos livros,

& de

& de cada pena das aves, & de cada pello das feras, & de cada fio das roupas, & de cada cabello das gentes, pudèra fazer mil Mundos de Almas, mil mares de condiçoens, mil Ceos de vidas, & mil Reynos de Espiritos, & em cada hum desses multiplicados outros tantos, como eu dezejo em cada hum: todos, meu Deos, vo los déra, & todos tivera por poucos, para vos louvar, & amar, & não paràra nisto hum só ponto. Se fòra Deos, como vòs sois, vos adorára por meu Deos, & andàra fazendo Ceos, & Almas, criando vidas, & espiritos, erguendo Tẽplos, & levãtando Altares, em q̃, meu Iesus, fosseis adorado, & servido. Se fòra o que vòs sois, deixàra de o ser, porque vòs o fosseis; contentandome, meu Deos, com que alguma hora, vendome a vossos Divinos pès, puzesseis em mim vossos Santissimos Olhos, com algum sinal de amor, & boa võtade. Meu Deos, meu Senhor, meu Iesus, & meu Esposo, por tantas razoens digno de ser amado, querido, & dezejado; Gloria minha, Delicia minha, Amor meu, & Eter-

no Bem meu, & meu Iesus de minha Alma, já que não posso fazer isto, dezeje eu sempre isto, & façase finalmente sempre vossa Divina Vontade em esta vilissima, torpissima, & indignissima criatura vossa, como for mais honra, & gloria, & mayor louvor vosso, por todos os sempres dos sempres. Amen Iesus.

FIM.

Deunos Christo, Senhor nosso, o modo, & forma de orar, quando nos ensinou o Padre Nosso: E por isso encomendo segunda vez, como fica dito a fol. 149. que o nosso continuo exercicio seja o meditar, & orar por esta admiravel, & excellente Oraçam; porque nella se encerrão as principaes cousas, que podemos pedir a Deos. E para que cada hum de nos medite, & ore com acerto, & proveyto de sua Alma, o poderà fazer na forma seguinte; ou conforme seu Espirito melhor lhe ensinar, & o dispozer.

A ADMIRAVEL ORAC,AM

do

PADRE NOSSO,

MEDITADA, E ILLVSTRADA
Pelo Veneravel Padre

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS,

Da Ordem Seraphica, & Miſſionario Apoſtolico.

Padre Noſſo.

QVe antes de eu ſer, & antes dos ſeculos huma Eternidade me amaſtes; pois nam ſendo eu couſa alguma, mais que huma couſa a vòs poſſivel; ab eterno me eſtaveis vendo, para me eſtar ſempre obrigando. Criaſtes a machina

do Mundo, o Ceo para Patria dos homens, para peregrinação a Terra: onde pondome de antemão tantos grãdes Entendimẽtos, que me ſerviſſem para guia; para exemplo tantas virtudes; tantos bẽs para obrigação; & tantos males para avizo, ſem intereſſe algum voſſo, ſem merecimẽto algum meu me tiraſtes dos abiſmos do nada, donde pódereis tirar outras tantas criaturas poſſiveis á voſſa Omnipotencia, que muito melhor vos ſervirão. Ou podendome fazer hum tronco bruto, hum bruto, hum barbaro, hum Hereje, hum Mouro, hum Turco, ou hum Demonio, me fizeſtes à voſſa imagem, me criaſtes na voſſa Igreja, regenerado no Bautiſmo, redemido com voſſo Sangue.

Apenas comecei a ter vida, quando podendo vòs tirarma, por ver quaõ mal havia de empregálla, ma conſervaſtes cõ o Ceo, & a Terra, dandome Anjos, que me guardaſſem, homens, que me favoreceſſem, & elementos, que me ſerviſsem. E correndo eu deſde a minicice às mais

cegas

cegas profanidades, gastando o mais da mocidade em precipicios, & cegueiras; pondo [como se não houvera Deos, Inferno, Ceo, Iuizo, & Morte] a honra aos estragos do Mundo, a vida aos riscos da morte, & a alma aos perigos do Inferno.

Por vossa bondade, meu Deos, meu Rey, meu Pay, & meu Senhor, tantas vezes me haveis livrado das afrontas, & dos castigos, que outros com menos razão experimentão: dos perigos, infortunios, & da morte, que outros sentem com menos causa: & dos infernos, que eternamente outros chorão com menos culpa, & chorarám; não contente vossa piedade com tantos supremos beneficios, quãdo os nós cegos do deleite erão laços da liberdade: quando detido destas Rémoras dava à vaidade o cuidado: quando arrastado deste affecto se dava aos engenos o discurso, então mostrastes, vós, em mim, que me quereis para vós.

Oh Deos immenso, & soberano, oh Pay, amigo, & Senhor meu, que sendo

eu, qual sempre fui, que he o peiòr que posso ser, quizestes vòs, que ainda no Mundo mostrasse, que era cousa vossa Esquecido, meu Criador, de mil offensas, que vos fiz, chegou a vossa misericordia a tocarme da vossa Graça; chamandome à vossa casa cõ aquelle amor, que me tendes. Sois todo o meu amor, sois hoje toda a minha gloria. E mostrandome sempre em tudo, que ereis todas as minhas cousas, sois hoje o Mestre, que me ensina, sois a Verdade, que me gúia, sois o Pay, que me perdoa.

Ensinoume a vossa piedade, encheraõme os vossos favores; & arrancandome de dentro da alma aquellas raizes ultimas, & tirandome do coraçaõ aquelles ultimos retratos, fizestes, com que cahissem os Idolos, que a cegueira tinha adorado; & que se rompessem os laços, que a maldade tinha tecido. Depois disto, meu Criador:

Que

Que estàs nos Ceos :

ELevandome o Entendimento em vosſa grande fermoſura, de quem os Ceos, & as fermoſuras, de quem as flores, & as Eſtrellas, ſaõ breves ſombras, & boſquejos: de cuja immenſa Omnipotencia todo eſte Mundo he pouca copia: & em fim, de cujas maravilhas naõ ha pintura, nem retrato, me fizeſtes tam altamente fallarvos com o coraçam, ou aſſiſtirvos com o eſpirito neſſe trono de Mageſtade, onde os Anjos vos adoraõ, os Seraphins em vòs ſe abrazaõ, & os Cherubins em vòs ſe admiraõ: onde cõ o Sol ſem eclipſe fazeis dos Ceos o dia eterno: onde ſempre preſente a todos, ſois delles Bemaventurança, & de todo o Mundo fermoſura: onde na praya deleitoſa da dilatada Eternidade, aos que eſcapaõ do mar da culpa, naõ ſó ſois porto, mas abrigo, naõ ſó refugio, mas deſcanço.

Em cujos campos reveſtidos da ſempre

pre verde amenidade, naõ tem o Inverno jurisdiçaõ, nem movimento as Primaveras: em cujas doces suavidades prezo o juizo, & o discurso, tudo para a alma he melodia, & para o espirito sossego: Onde elevados os sentidos em hũas bellezas nunca vistas, em hũa harmonía incõparavel, em huns goftos sempre soberanos, em huns cheiros naõ imaginados, em humas glorias já mais sabidas, suavemẽte se arrebataõ, & quietamente se suspẽdem.

Aqui parece, meu Senhor, que ao coraçaõ me estais dizendo: Homem cego, pois me naõ olhas: Servo infiel, pois me nam serves: Ingrato filho, pois me fojes: Sempre mudo, pois me naõ fallas: Surdo sempre, pois naõ me escutas: Se este he o centro, & o lugar, onde os Iustos haõ de viver, se esta a Cidade, se este o Reyno, onde os bons me haõ de assistir, porque naõ vives com o espirito, onde nam pòdes com os olhos? Porque nam vens com os suspiros, onde com a vista nam pòdes? Se nasceste para salvarte, se

he

he o teu fim a Vida Eterna, & se te prezas de meu filho, onde occupas o sentido? Onde perdes o dezejo? E aonde trazes o cuidado? Vás mendigando pelo Mundo, tendo este Reyno por herança? Estimas titulos da terra, podendo ter de hum Ceo a posse? Corres aos gostos vaõs do seculo, & desprezas a Eterna Gloria? Buscas os bens da terra, & os moveis do Mundo, tendo nos Ceos o teu morgado? Naõ dizem bem taes pensamentos, com quem se quer chamar meu filho.

Divinos haõ de ser os cuidados, de quem me estima por seu Pay. Se pois sempre te estou chamãdo, como sempre me vás fugindo? Se te estou sempre acariciando, porque me estás sempre offendendo? Se saõ minhas inspiraçoens muda doutrina de tua alma, porque cõ esta tua obstinaçam fazes hoje emẽda da porsia, para te deteres no Mundo? Hum risco torpe ha de ser risco para naõ vires aos meus olhos? Hum cego engano he interdito, para naõ chegares aos meus braços

Hum

Hum gosto vaõ, & encantamento nessas baixas profanidades? Gostosamente te embaraças? Eternamente te confundes? Tu es o altivo de cuidados? Tu quem tem nobres pensamentos? E tu o de grãdes espiritos? Como pois sofres, que te arrastem essas rémoras da torpeza? Como consentes, que te pizem essas escravidoens da culpa? Como naõ, se assim to digo, olhas, & naõ vés, qual será a Corte de Deos, se assim te elevas na dos homẽs? Se na via dos peregrinos te agrada tanto a estrada do Mundo, que fará na Patria dos Anjos, & Lugar dos Bemaventurados? Se lá no estado do seculo julgas taes os Palacios da culpa, no circulo da Eternidade quaes serám os premios da Gloria? Se no que dei para morada de mil reprobos, & precitos, achas taes gostos, & deleites, no que escolhi para Palacio de meu poder, & Magestade, quaes te parece serám as suavidades, & delicias?

Como pois sendo filho meu, queres ser escravo do Demonio? Como só por servillo a elle, te poens, & tomas armas con-

cõtra mim? Que mal te fiz, pois te criei? Em que te offendo, se te amo? Em que te aggravo, se te sofro? Tam pezada he a minha Cruz, que o mesmo Christo a naõ levasse? Tam insofrivel o meu jugo, que outros muitos o nam trouxessem? E tam aspero este caminho, que muitos mil o nam seguissem? Como has de vir ao Ceo, se naõ veio Christo sem ella? Como sem jugo a meu rebanho, se quem o engeita, não he meu? E como à Gloria sem caminho, se quem o deixa, vay ao Inferno?

Pois convertete, filho meu, que se chorando tua culpa me pedires misericordia, se doendote de aggravarme, me buscares de coração, aqui com os braços abertos acharàs a minha piedade, & aqui com os olhos cerrados encõtraràs o meu amor.

No desprezo dos bens do Mundo teràs, o que elle mais estima: no cuidado, com que me busques, o repouso dos que sossegão. Nos suspiros, com que me chames, as suavidades dos que me gozão:

Em

Em fim, nos males o regalo, nas repugnâcias o dezejo, na castidade o teu recreio, hum thesouro na pobreza, na resignaçam o teu gosto, & na obediencia a liberdade.

Oh meu Senhor, & meu Criador, se tanta gloria ainda no Mundo tem hum amor, que vos abraça, & hum coraçam, q̃ se vos postra, levantaime ao Ceo o Entendimento, unime a vòs esta vontade, & sendo nelle hoje, & só comvosco toda a minha conversaçam, só nelle busque a minha Patria, & em vòs só tenha o meu Bem todo: Como que vendose a minha alma como estrangeira cà na terra, muy de passagem pelo Mundo use dos meyos para a vida, & muy de assento pelo amor, ponha o meu fim na nossa Gloria.

Santificado seja o teu nome.

NA minha emenda, & minha vida, & na de todos os humanos, dandovos todas as criaturas o louvor, para que os criastes, & fazendose toda a terra outro

outro trono de Seraphins; onde estando sem nos mover, onde voando sem parar, todos ardendo em vosso amor, vos digamos continuamente: *Altissimo, Santissimo, Imminentissimo, Saptetissimo, & Bonissimo Criador, Pay, & Senhor nosso.*

Mas quem somos nòs, meu Senhor; sendo huns bichinhos vís da terra, hum pouco de lodo animado, & pouco mais que hum pô unido, para que a essa Magestade, a quem se postra o Ceo, & a Terra, cuidemos, que louvamos, & santificamos? Quem sou eu, & quem sois vòs, immenso Deos, & Senhor meu, para atreverme a vos louvar, se nunqua sey mais que offendervos? Se os Seraphins, se os Cherubins tem por baixos, & limitados os altos Hymnos, que vos cantaõ, como ha de ouzar hum peccador fazer de lingua tam preversa, instrumento que vos louve, se do louvor, que se vos deve, saõ pouca voz todas as criaturas, & todo o Mundo pouca lingua? Como eu, vilissima criatura, vos tomarei na minha boca, que tantas vezes vos foi profana? Mas

quem,

quem, meu Deos, & meu Senhor, me ha de dar a mim voz, & lingua para louvar-vos, como devo, para agradarvos, como cuido? Que Ceo, que Mundo, que criatura póde ser capaz instrumento, onde caibão solẽnizadas vossas glorias, & maravilhas? Se os Anjos, de vós se admirão com hum excesso, a que eu nam posso chegar? E se esses mesmos vos estão louvando com tam superior charidade, que vence todo o meu dezejo? Do Mundo todo as criaturas com huns silencios eloquentes, que eu como nescio não alcanço, me reprehendem na minha frouxidão em vosso amor? Pois q̃ farei, meu Criador, eu que sey, que os vossos louvores nam sam como os do Mundo? Não fallarei, porque sou nescio? Não amarei, porque sou tibio? Não cuidarei, porque sou inão? Pois não será assim, meu Deos, que aqui debaixo das hervinhas, dos arguei-ros, & dos ouçoens com o coraçaõ muy postrado, com a alma, & maõs erguidas, com os olhos postos no Ceo, & com a veneraçam por terra, muy humilde, & muy ele-

elevado em vossa vista, meu Senhor, vos louvarei eternamente, de qualquer modo que eu souber. Louvarvosha a minha boca com a eloquencia dos silencios; para que onde eu fiz o dano, & a offensa, se vos dè a satisfaçam. Fallarvoshaõ minhas entranhas com a eloquẽcia dos suspiros; para que assim vos satisfaça aquelles ays, que dei ao vento. Adorarvoshey com a vista em hum fechar de olhos cõtinuo; pois volos aggravei tantas vezes, por huma escaça vista de olhos. Metervoshey no coraçaõ, metendome muito por dentro, sempre que me meta comvosco, ou que queirais estar comigo. E em fim, todos os meus sentidos, meus espiritos, & potencias vos louvaràm, pondose em vòs; para que assim, meu Deos, emende aquelle engano, com que andava todo tam fòra de meus sentidos. E meus espiritos, & potencias vos louvaráõ pondose em vòs; para que assim, meu Deos, renove a memoria no amarvòs, & o juizo em querervos. Acabe pois esta minha vida preversa com tantos generos

de culpas: Torne, meu Criador, ao centro, donde sahio; ao principio, dõde nasceo; à origem, donde emánou. Nam mais nas violencias de hum erro tam cegamẽte idolatrado traga as cadeas, como enfeite, & ame as vaidades, como gloria. Busquem os olhos o seu lume, os sentidos o seu objecto, o espirito a sua vida, o seu thesouro o coração. E pois naõ posso, quanto devo; ao menos, Deos, & Senhor meu, amevos sempre, quanto posso.

E se eu mil almas possuìra, se mil coraçoens tivera, se mil caminhos descobrìra, se mil modos imaginára, se mil mundos comprehendèra, todos, por todos, & com todos me empregára, & entregára em vos servir, & juntamente me desvelàra em vos amar. Mas pois, meu Deos, valho tam pouco, & tam pouco val tudo em mim, por mim vos louve o Ceo, a terra, os elementos, as criaturas, os Anjos, os Bemaventurados, & toda a Machina do Mundo; em cujas maravilhas grandes, generos, fórmas, fermosuras, & perfeiçoens

çoens me estou revendo, & admirando em vossa grande, & immensa fermosura, Immensidade incomprehensivel, incomparavel Magestade, Omnipotencia soberana, inefavel Sabidoria, infinita Misericordia, & admiravel Infinidade. Mas para que eu melhor vos louve,

Venha a nos o teu Reyno.

QVe sem vos virdes, meu Senhor, como poderey eu buscarvos? Sem me ensinar o vosso espirito, q̃ louvores sei eu rendervos? Sem que o vosso amor me dé azas, quem bastará para moverme? Sem que me chegue o vosso auxilio, que forças pòdem seguraime? Quando a minha fragilidade cahe de sy cada momento; & quando tantos inimigos cada instante me acometem, & me cercaõ por toda a parte: Venhaõ pois, Rey meu, venhão vossas misericordias. Permeti, que sempre a minha alma por vos suspire, por vos clame, & de vos se valha, & se soccorra; comvosco se arme, & se defenda;

fenda. Pois se sem vòs não sou nada, se inda cõvosco sou tam pouco, de q̃ impulsos mais que dos meus esperarei os meus estragos? De que Imperios mais que dos vossos alcançarei os meus soccorros? Debil he a praça de huma alma, fraco o presidio dos sentidos, baixo o muro da natureza, leve o conselho do juizo, cego o governo da vontade: Como pois, Deos meu, & Senhor meu, sem me ajudares nos assaltos, bastarei para as defensas? Como me haverei nas batalhas, sem vòs me dares as vitorias?

Naõ ignoro eu, que a vontade por vòs se deve pôr em campo. Não duvído eu, que o alvedrío ha de tomar por vòs as armas. Nem desconheço, que devo tremólar vossas bandeiras. Pois sem que eu lide nos conflictos, não me dareis vòs o triumfo? Mas como hey eu de fiar de mim os vencimentos destes vís costumes, & destes riscos, se mil vezes tendovos por mim, eu mesmo fui o meu estrago? Venhão pois desse Santo Espirito aquelles rayos soberanos, que alumiem,

& deſvaneção as ſombras da minha cegueira: que rompão, & deſpedacem as nuvens de minha ignorancia: & que em fim, raſguem, & conſumão as trevas de minha culpa. Acendaſe nas ſuas chamas, arda nas ſuas lavarèdas, purifiqueſe nos ſeus incendios, a viſta, a alma, o coração, de quem ſe dezeja mais puro, para que aos votos ſeja victima, para ſer ara aos ſacrificios, para ſer tẽplo à adoraçam. Pois aſſim venha eſſe voſſo Reyno, & nos Imperios deſta vida aſſim tudo vòs obedeça, q̃ ſendo Cidade de Deos eſta confuza Babylonia, os ſentidos vos fação Corte, a alma ſe vos faça Paço, & o coraçáo vos ſeja leito, com tanto goſto de ſervirvos, & adorarvos, por meu Rey, por meu Deos, & por meu Senhor, que ſó para iſto eſtime muito, para eſte miniſterio ſer Anjo, para eſte amor ſer Seraphim, para a eſſa Mageſtade ſer trono. Vinde pois, vinde, meu Senhor: pois bem que pareça ouzadia, querer que vòs a mim venhais, porque bem ſabeis, que ſem vòs virdes, não poderei verme comvoſco.

Necessario hé, Sol divino, que arrebatẽ vossos ardores este vapor da terra humilde, & que elevem vossas efficacias o pezo grave deste espirito, sempre para vós tam pezado. Mova o curso de vosso mobil todo o vagar destas esferas. E em fim, dezatem vossos rayos os caramélos desta culpa; para que correndome muito de naõ moverse esta frieza, me mova muito o vosso amor, para ir correndo a servirvos.

Seja feita a tua vontade.

E de tal sorte se faça em mim, que vẽcidas as repugnancias, com que se oppoem à natureza em huma perpetua negação do proprio amor, & de sy mesma, em huma continua indifferença para o que for vossa vontade: Tudo o que em mim foi liberdade, pareça resignaçam: tudo o que foi contradiçam, se faça em mim conformidade: taõ inseparavelmẽte me veja sempre unido a vosso gosto, tam prezo sempre, & tam atado, que sem poderem apartarme deste suave abraço

d'alma

d'alma os poderes de todo o Mundo, a força, & arte do Demonio, nem o amor cego de mim meſmo: Firme me opponha a ſeus combates, como tronco, que ſobre os montes reſiſte immovel às tormentas; & triumfe de ſeus aſſaltos como penha, que ſobre as ondas ſe tem conſtãte cõtra os mares em huma firmeza inalteravel: Em huma conſtancia inuencivel viva tam prompto a obedecervos, tam dezejoſo de agradarvos, & tam deſtinado a ſervirvos, que recebendo os bens, & os males com goſto igual a todo o tempo, neſta melodia de eſpirito, & neſta doce conſonancia de meu ſentido, o coraçam goze daquella ſerenidade, com que a minha alma ſe ſuſpenda, & com aquella humilde elevaçam, com que meu amor ſe vos una. Façaſe em fim voſſa vontade:

Aſſim na terra, como no Ceo.

POis ſe nos Ceos, todos ſe amaõ, porque em ſy vos amaõ a vòs; & ſe vos amaõ ſobre tudo; eſſes, que aſſim mais ſe

mão, porq̃ ha de condenar a terra a quillo, que faz o Ceo? Porque hão de fugir os homens de parecérse com os Anjos? Por ventura a vossa vontade he querer, q̃ elles se condenem? Pertendeis vós mais que salvarnos? Solicitais mais que atrahirnos? Sendo gloria a religuação, sendo o gosto a conformidade, não morrerei por estes gostos, que ainda no seculo são gloria? E sendo a culpa este tormento, matarmehey por aquelles gostos, que são Inferno, ainda no Mundo? Que são sem vós os bens da terra, se os do Ceo sem vós são nada? Della que posso eu dezejar, que vós comvosco me não deis? E delle, que posso eu querer, que vós comvosco me não entregueis? E delle que posso eu apetecer, q̃ vós sem vós me não concedais? Para alcançar a união, que me faz hum, meu Deos, comvosco, que meio ha mais efficaz, que fazer a vossa vontade? Por isso os Ceos são vossa Patria, porque nelles perfeitamẽte vós chegamos a obedecer? Por isso nelles os Anjos, os Seraphins, & os Cherubins vos cõtem.

remplão rosto à rosto; porque naõ pòdem, não querer mais que o que he vossa vontade. Por isso os Ceos saõ o lugar, em que vos vem os Escolhidos; porque o serem là huns comvosco, lhes fez tudo Bemaventurança.

Fazei pois, meu Criador, que nam querendo toda a terra, mais que aquillo que quer o Ceo, não fazendo menos os homens, que aquillo que fazem os Anjos, conhéção, que para serem Ceo lhe falta só a obediencia: Que para ter no Mundo a Gloria, lhe falta só a conformidade: E para Bemaventurados, lhe resta so andar unidos com o que for vossa vòtade. E assim, meu Pay, & meu Senhor, não só em mim, que fui, & sou o mais preverso dos nascidos, & o mais ingrato dos homens, se glorifique o vosso nome, & se faça vossa vontade: Porèm em todas as criaturas, do mar, & da terra, & do Vniverso; para que havendo em todo o Mundo hum só Pastor, & hum só Rebanho, assim vos amem, & vos louvem, assim vos sirvão, & obedeção, que a terra

pa-

pareça Ceo, & o mesmo Ceo se ache na terra. Mas se, Deos, & Senhor meu, nossa fragilidade faz, que cancemos no caminho:

O Pão nosso de cada dia Espiritual nos dá hoje.

DAinos a todos o sustento, não que sobeje para o vicio, mas que baste para a necessidade. Os olhos de todas as criaturas estão postos, meu Criador, nessa Bondade, & Providencia, de quem esperão o alimento: Vossa mão sempre liberal nos enche cada dia a todos, & nos acode cada hora. Como pois de vossa Bondade me póde faltar a Providencia, quando espero confiado, & conheço agradecido? Se das entranhas da terra trazeis à mais humilde hervinha o succo, ou humor, de que se sustẽta? Se nos penhascos, & nos montes o dais aos aspides, & às viboras, aos basiliscos, & às serpentes? Se os lirios da terra, que não lavrão, se as aves do Ceo, que não fião, se os peixes do mar,

mar, que não ſemeaõ, naõ ha dia q̃ nam recebaõ deſta liberal maõ, o com que vivaõ? Se vòs às feras intrataveis, ſe vòs aos brutos mais terriveis, ou miniſtrais, ou conſentis, que os elementos os ſuſtentem, como faltareis aos humanos, que a vòs recorrem como a Pay, que vos pedem como a Senhor, & que vos rogam como a ſeu Deos?

Acudi pois, meu Criador, com eſte Paõ, aos que nam tem mais celeiro, que a voſſa Providencia. E daime o Paõ celeſtial de voſſa Graça, & voſſo Amor. Daime, Rey meu, & Senhor meu, que vos commungue cada hora em o Sacramẽto, ou em Eſpirito; porque culpas de cada hora, cada hora pedem remedio. Seja eſta a minha porçaõ, o meu manjar, & o meu regalo; & com taes lagrimas o buſque, com tantas ancias o ſuſpire, com tanta reverencia o receba, & o coma com tanto goſto, que indoſe a alma trás vòs, ou transformadovos comigo, em vòs me enleve cada inſtante, comvoſco me una cada hora, & por vòs morra toda a vida.

E perdoanos nossas dividas.

PErdoainos nossos peccados, ainda que o nam mereçamos; pois tãbem, sem que o merecessemos, nos criastes, & remistes. Vsai, meu Deos misericordioso, de misericordia, com quem para a vossa Clemẽcia appella da vossa Iustiça. Pequei, meu Pay, & meu Senhor, errei, cegueime, & offendivos: merecedor sou, meu Iesu, do mayor Inferno, & castigo, que pode darse a peccadores. Mas que podia eu esperar de mim, sendo o peior de todo o Mundo, senão dezagradarvos a vós? Porẽ que hey de esperar de vós, sendo meu Pay, & meu Bem todo, senaõ que me perdoeis a mim? Pezame muito de coraçaõ, nam tanto pelo medo da pena, como pela maldade da culpa; & menos por perder o Ceo, que por aggravarvos, meu Pay. Cuja Bondade incõprehensivel posta na cara de meus vicios me atormenta, com a vergonha muito mais, que cõ os castigos. Pois vós, meu Deos,

& meu Senhor, quando não houvéra mais em vòs, só por ella ereis dignissimo de atè no Inferno ser amado.

Esta, meu Deos, he a dor grande, q̃ tenho. Esta, meu Pay, he a mayor ancia, que me atormenta pezaroso, & me despedaça arrependido. Vejome cheio de maldades, de delitos, & peccados, & todos parecem, que me atrahem aos mais profundos precipicios, fugindo da vossa presença, como se ella fora o meu dano, querendo huma falsa humildade apartarme dos vossos olhos, onde he mais feia a minha culpa. Tem-me mão o Entendimento, a quem vòs sempre dais a mão, gritando a razaõ dentro n'alma, que magoada se vos postra, & compungida vos procura. Porèm de quem me hey de valer, ou para onde hey de fugir? Se me escondo da vossa ira, metido no centro da terra, lá encontro vossa presença? Se busco as entranhas do mar, para que me encubraõ de vòs, lá me assombraõ vossos castigos? E se occupo a regiaõ das nuvens, lá olho a vossa Magestade? Se subo

ço ao ambito dos Ceos, lá vejo a vossa habitaçam? Se desço à sombra dos abismos, lá me prende a vossa Iustiça? E em fim, se corro todo o Mundo, em todo acho vosso Imperio?

Pois a quem, Pay, & Senhor meu, buscarei eu, para ampararme? A quem, meu Rey, & meu Senhor, chamarei eu, para acudirme? Por ventura será ao Mũdo, q̃ tratou sempre de enganarme? Aos homens; & às criaturas, que intentaõ sempre confundirme? A carne, o vicio, & o Demonio, que comvosco querem descomporme? Ao mar, ao vento, ao fogo, & à terra, que dezejaõ soverterme? Todos olho, meu Criador, & a todos vejo contra mim, depois que esquecido de mim, & atrevendo me contra vôs ouzei viver hum só momẽto, sem que deitado, & postrado a vossos pès, confessasse minha culpa, & pedisse misericordia? Quem tenho eu, meu Redemptor, que acudisse nunca por mim, senaõ só a vosa Bondade? Quem fez já mais às minhas partes, para naõ vervos contra mim, mais q̃ esse

amor,

amor, essa piedade, que por mim se poz em huma Cruz? Todos os seus merecimentos, que eu nunca soube merecer, vos ponho diante dos olhos. Se olhardes às minhas maldades, como hey de olharvos, meu Senhor? Como chegarei eu a vòs, se vos virardes contra mim? Se me negardes o perdaõ, quem haverà, q̃ possa darmo? Se me naõ olhardes benigno, que valerà o arrependerme? Se entrares comigo em juizo, quem poderà justificarme?

Se pois quereis, que eu me nam perca, se dezejais, que eu me converta, & salve, se medida vossa misericordia parece pouco a minha culpa, naõ me condeneis, meu Senhor, perdoaime, Pay, & Deos meu, que aqui no altar de vossa Cruz todo escondido nessas Chagas, venho, meu Pay, a offerecervos o sacrificio destas lagrimas, & os holocaustos destes suspiros, com hum coraçaõ muy magoado de havervos a vòs offendido, cõ hũa alma muito dorida de havervos a vòs aggravado: com huns olhos muy aggravado

dos de apartar de vós meus olhos. Perdoaime, pois, meus peccados, & a todos os mais peccadores:

Assim como nós perdoamos aos nossos devedores.

EV perdoo, meu Criador, a todos quantos me offendéraõ; & quizera, que na minha alma se achâraõ todas as do Mundo, para de todas fazer huma, para que tudo fora hum, & para que em tudo vos amára. E naõ sómente lhe perdoo, mas quizera, que todos elles se perdoáraõ huns aos outros, as offensas que fizeram. Perdoailhe vós, meu Senhor, porque não sabem, o que fazem. Não lhe sirva a elles de dano, o exercitár a paciencia; nem baste para os condenar, dar á outros em que merecer. E que razão tereis, meu Deos, para nam perdoares aos peiores, se achastes razão nas vossas misericordias, para perdoarme a mim o peior de todos? A mim, o escandalo do Mundo? A mim, veneno dos humanos? A mim, hũ monstro de delitos? Cuja vida foi tão de brutos;

tos: Cuja alma foi tam de bronze: Cujo coração foi tão de pedra, que ainda hoje aos voſsos rayos, & quaſi ſempre aos voſſos olhos he fera, que não ſe amança, he metal, que nam ſe derrete, he pened, que nam ſe parte. Porque os deixareis, quando vos deixaõ? Porque os dezemparareis, quando vos fogem? Porque os caſtigareis, quando vos aggravaõ? Se me nam aggravais a mim, que quando me buſcais, vós fujo, que quando me chamais, vos deixo, que quãdo me venceis, vos reſiſto?

Que achaſtes vós em mim, meu Deos? Que virtudes? Que perfeiçoens? Que doutrinas? Que bons exemplos? Que ſerviços vos tinha feito? Que amor vos havia tido? Que lagrimas, & culpas chorado? E em fim, que acção, que foſſe meritoria? Que obra, que nam foſſe ingratidaõ? Que erro, que nam foſſe delito? Eſte foi o peior que eſte: & eſte ſou eu o peior de todos, ſervo inutil, & ſem proveito, filho ingrato, & com mil culpas, homem preverſo, & com mil vi-

cios; penedo, & marmore, & não ſervo. Que com razão cuido, que ſou odio dos Anjos, & dos Santos, abominaçam dos naſcidos, aborrecimento dos Ceos, & faſtio de todo o Mundo.

Se pois, meu Pay, & meu Senhor, ſendo eu peior que iſto tudo, ainda maior que tudo foi a voſſa miſericordia: Como por todos os preverſos, como por todos os peiores vos não pedirei perdão? Se as voſſas entranhas, meu Deos, ſendo todas miſericordia, nam pòdem ſofrerſe hum inſtante, que nam acudam aos gemidos, que huma alma dá dentro na culpa? Será poſſivel, meu Senhor, que vejais vòs huma ſó lagrima de hum coraçaõ arrependido, ſem que venhais correndo a ella, mais do que corre para vòs? Sofrervosha o coraçam, ver entre os lobos infernaes a voſſa ovelhinha perdida, ſem que ao balido menos brando, ſem que ao clamor menos dorído, a nam defendais do ſeu dano, & a não ponhais aos voſſos hombros?

Nam vieſtes vòs cá ao mundo a ſal-

var

var os peccadores? Pois não os saõs, mas os enfermos necessitam da medicina. Logo, meu Pay, & meu Senhor, razaõ tendes de perdoar, & a tenho eu de vos pedir, pois entre o Mundo, & entre vós me fizestes seu medianeiro. Faça já paz o Ceo, & a terra: Obedeçase à Ley da Graça, & acabese o Reyno da culpa, para esse coraçaõ nam ver nas campanhas do peccado tantos cadaveres do vicio; achar nos imperios da morte tanta jurisdiçam nas almas; pôr nos carceres dos Infernos tantos prizioneiros do Demonio; & ver nas batalhas do Mundo tam poucos trofeos da razam, tam poucos triumfos da Graça.

E nam nos deixeis cahir em tentação.

POrque ninguem, meu Criador, como vós sabe as nossas forças. E se me haveis de levantar sofrendo a injuria, que vos faço, para que he deixarme cahir, vendo a minha fragilidade, & sabendo o pouco, que presto? Mas oh meu

Deos, & quantas vezes para cahir bem na razaõ, sendo o meu mal haver cahido, o conhecello me foy util? Como me conhecèra eu, como vira bem o que sou, se sem temer o que estou sendo, me nam lembrára do que hey sido? Como serei, qual vòs quereis, ou qual ao menos me he possivel, se me nam lembrar, que fui nada? Se me nam conhecer, que sou terra? E se nam vir, que serei cinza?

Aquelles cegos precipicios, cõ que me puz de vòs tam longe na escura regiaõ do vicio, nos remotos climas da culpa, que saõ, senão despertadores, com q̃ hoje me ponho à luta para nam tornar a cahir, & para nam tornar a peccar? Que saõ hoje, senam huns medos, que faz a razão à vontade com os desterros de seu Bem, & com os vultos de seu Mal.

Aqui parece, que as memorias nos estragos do coraçam pintão as Troias, & Carthagos, que tem as almas dentro em sy, quando em sy tem seus delitos. Aqui parece, que ainda fumão as ruinas da perdição a ser da vida dezenganos, & das vaida-

vaidades eſcarmentos. Aqui parece, que ainda moſtrão aquelle engano venerado, aquella fabrica mentida do falſo bem, que idolatramos, do certo mal, que em nòs metemos. Sirvão para iſſo, meu Deos, & Criador, os avizos do mal: Sirvãome para prevenir os futuros, pois neſte meu Entendimento ſe nam achão outros avizos. Prèguemme os vicios, & os enganos, em o pouco que faõ de dura, & em os caſtigos, que tem; pois nam quiz ouvir à razão, & os dezenganos, que me dava. Enſinem-me os meſmos peccados a torpeza, que tem comſigo, pois nam eſcutei às virtudes a graça, com que me atrahiaõ. Arraſtem-me a ver os ſeus fins as vaidades, & ambiçoens; pois nam baſtou o exemplo alheio a meterme nalma a razão. E em fim, leveme a ver meu erro o meſmo erro, em que cahi; para que deſta grande queda, a dor me ſirva de lẽbrança, & a memoria de medicina.

Porèm fazei, que em voſſos braços me aperte, & una de maneira, que nunca mais, meu Redemptor, perca de viſta os

vossos olhos, sahindo de vossa presença; nunca mais me aparte de mim, fugindo de vossa lembrança; nem com a minha perdiçam queira comprar a vossa injuria. Se achei graça nos vossos olhos, tornem-me a ver benignamente. E aceitandome hum coraçam, que ao vosso peito restituo, nam desprezando huma vontade, que ponho já nas vossas maõs; antes erguendo o meu espirito, seja de ambos; meu, para volo offerecer, vosso, para o melhorar. Se atégora cahi em culpas; vòs podeis fazer, meu Senhor, com que hoje vos caya em graça. Se atèqui me precipitei; vòs podeis erguerme daqui. E se ainda não estou erguido, deixaime, meu Deos, humilhado. Daime humildade, meu Senhor; pois não se segura o edificio com a pedra, que o corôa, senão com a que o sustenta. Menos mal me faz todo o Mundo, menos a Carne, & o Demonio, que este amor proprio, que mil vezes he o meu mal, & o meu estrago. Vistase este de humildade, & amortalhese no desprezo destas chimeras fabulosas,

com

com que ſe doura o ſeu perigo : metaſe debaixo dos pés de todo o Mundo , & criaturas ; & conheçaſe por peior de tudo o máo que ha neſte ſeculo ; para que debaixo dos pès nam ſe me erga o precipicio, & ſempre diante dos olhos ſe lhe ponha a voſsa vontade.

Mas livrainos de todo mal. Amen.

FAzendonos já conhecer, que nam ha mais mal que offendervos , nem outro bem mais, que ſervirvos. Eſta ſeja a minha ambição, a minha honra , o meu recreio ; & tudo o mais, o meu deſprezo, o meu odio , o meu eſcandalo. Huma leve venialidade, hum penſamento indifferente, & huma ſó palavra ocioſa ſejão horror dos meus ſentidos , aſsombro do meu dezengano, & medos do meu eſcarmento. Nam faça a alma pouco caſo diſto, que parece pouco, quando qualquer aggravo voſso feito por mim parece grãde, & olhado em vòs parece muito.

Ande a minha alma , meu Senhor,

tam limpa na vossa presença destas manchas & destas nodoas, viva tam puro o coraçam sem estas sombras, & fealdades, que senamorem vossos olhos, se nam da sua fermosura, ao menos da sua pureza, quando nam das suas perfeiçoens, ao menos dos seus recatos. Sede para isto meu espelho, em cujo lume, & claridade se aclare o lume dos meus olhos, & se concerte a minha vida, enfeitando as minhas acçoens com a vista do vosso exemplo, para que eu assim vos agrade.

Livraime pois, Pay, & Senhor meu, nam dos males, que sente o Mundo; isto saõ, as tribulaçoens, enfermidades, & fadigas, com que se affligе a natureza, com que às vezes gosta a Graça, porque com ellas se acrisolla: mas daquelles males do espirito, que com apparencia de bens, saõ precipicio da ignorancia, com que perdemos a humildade, & nos desvanece a ruina; porque no primeiro perigo podemos ser como soldados, a quem fez dano darem lhe azas, pois forçandoas para voar, voaõ em fim para cahir.

Hum

Hum sonhar que temos virtudes; humas mentidas humildades hipocrezia da vaãgloria, hum nam fugir às estimaçoens, & hum nam entrar dentro de nôs, & nam conhecer miudamente, que tudo o que he bom, que he de Deos; que tudo o que he mão, he só nosso: hum pôr o thesouro na estrada, para que o roube, quem o yé; hum julgarnos muito seguros no meio das ondas do seculo, naõ recear o temporal, que de hum arzinho se occasiona; porque o Ceo se nos mostra claro; & antes de estar certo no porto, nam temer as Sirtes, & os mares; nam he sómente achaque d'alma, mas he a peste das virtudes, & o sintoma maior do espirito: de que eu peço que me livreis, meu Pay, meu Deos, & meu Senhor.

Que tenho eu bom, que vosso nam seja? Que acho eu em mim destas riquezas, de tantos beneficios vossos, que esteja em mim, mais que em depósito, para que vós possais tirallo, todas as vezes q̃ vos parecer? Indigno sou, meu Criador, de q̃ inda assim vossos thesouros se fiem

de

de quem tam mal os guardou. Porèm nunca vòs permitais, que eu desconheça, o que em mim ha; ou me levante com o vosso. Vòs me déstes o Entendimento, a vontade, a liberdade, a vida, a alma, & os sentidos. Que tenho eu nelles, meu Senhor, que nam recebesse de vòs? Por vẽtura o pô, & cinza vangloriarseha do nada, que he sómente o que tem de seu? Prezarseha hum vil bichinho daquelle nam ser, que só teve, em quanto naõ quizestes que fosse? E jactarseha o peccador, da culpa que tem, no que pecca, sendo só isto o que he seu proprio.

Oh nam permitais, meu Senhor, que com tam cegas confianças se offendam vossos beneficios! Abaixe as vellas a vaidade, abata as bandeiras o engano, metase por dentro a razaõ, encolhase sempre a humildade, & nam se louve nunca a Graça destas traíçoens da natureza. Temavos sempre muito a vòs, quem se teme tãto de sy; & nam se ame a sy em nada, quem vos ama a vòs sobre tudo.

Fazei, meu Deos, que em tençoens

boas